FLÁVIO COSTA
a
CHINA
está mais perto

FLÁVIO COSTA

a CHINA está mais perto

GUAVIRA EDITORES
Rio, 1974

A CHINA ESTÁ MAIS PERTO é o primeiro livro da Coleção *O Choque do Presente,* que pretende oferecer aos leitores documentos que informem ou elucidem os problemas do Brasil e do mundo de hoje.

Todos os direitos reservados.
Copyright © 1974 by Flávio Costa

Diagramação da capa: J.A. BARROS
Fotos de GERVASIO BATISTA

Guavira Editores
Rua Araujo Porto Alegre, 36 - 5º andar
Fones: 224-5586 - 221-4659
Rio de Janeiro - Guanabara

Para Iêda, meu amor, e para meus filhos
Sérgio, André e Ana Paula
- viajantes de um futuro sem barreiras.

1974

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

"Desde que Lincoln Steffens voltou da URSS e proclamou: "Estive no futuro, e funciona", os que viajam aos países comunistas têm relutado em arriscar conclusões rígidas. Quando as coisas não correram bem, os céticos lembraram-se disso e rejubilaram-se. Todavia, não devemos nos acovardar. A economia chinesa não é o futuro da América ou da Europa. Mas é o futuro da China. E que não haja dúvida: para os chineses, funciona"

JOHN KENNETH GALBRAITH
in Passagem para a China

Sumário

O despertar da China ... 9
A revelação da Nova China ... 17
As Comunas Populares são a base de tudo ... 27
Uma conversa reveladora ... 37
As fábricas por dentro ... 49
O Escritor que veio do torno ... 59
A Universidade de Pequim e a Revolução Cultural ... 67
O milagre da acupuntura ... 79
Para onde vai a China ... 95
Os bastidores da aproximação Brasil-China ... 103
APÊNDICE
Como negociar com os chineses ... 113
Cantão, porta de entrada do mercado chinês ... 123
As Sete Corporações Comerciais chinesas ... 129
Os documentos históricos ... 133

INTRODUÇÃO

O Despertar da China

Está cada vez mais próximo o dia em que qualquer cidadão, de qualquer parte do mundo possa chegar a uma embaixada ou consulado chinês de seu país e obter um visto de entrada na China, sem maiores delongas. Inclusive os brasileiros. Brasil e China estão novamente se aproximando, depois de décadas de distanciamento comercial e diplomático. Os dois países trocaram missões e observadores, nos últimos dois anos, e o resultado concreto de tais iniciativas foi, agora, o reatamento de relações diplomáticas entre os dois países. Em seguida, virão a intensificação do comércio, o estabelecimento de linhas marítimas e aéreas entre o Brasil e a China e o intercâmbio esportivo, cultural e científico. Acompanhei a primeira - e histórica - dessas missões, chefiada pelo industrial Giulete Coutinho, presidente da Associação dos Exportadores Brasileiros, e fui testemunha, juntamente com o repórter Gervásio Batista, dos primeiros contatos, difíceis e demorados, embora cercados de sorrisos e gentilezas de ambas as partes. Depois, pudemos percorrer, a bem dizer livremente, parte substancial e a mais importante da China (é sempre bom

lembrar que seu territorio é mais vasto que o do Brasil), organizando nosso próprio programa, pagando nossas despesas, sem nenhum compromisso a não ser o de ver e ouvir o máximo para compor um relato fiel, em palavras e imagens.

Durante as inúmeras viagens que realizamos dentro do país, tive oportunidade de fazer dezenas de entrevistas com membros e funcionários do governo, personalidades e gente do povo. Uma maratona de encontros e conversas que, ao cabo de algumas semanas, me proporcionou centenas de páginas de dados e informações sobre os mais diferentes setores da vida chinesa. Em suma, pude sentir um pouco a China como ela é hoje, sem maquilagens ou subterfugios, a não ser os óbvios. Não nos deixavam fotografar durante as viagens aéreas, nem em determinadas ocasiões (por exemplo, soldados treinando tiros, no interior da Cidade Proibida, em Pequim). Mas, de um modo geral, podíamos ir aonde quiséssemos. Houve até momentos em que marcávamos uma viagem de trem para dali a dois dias e, depois, subitamente, resolvíamos viajar no dia seguinte, de avião, em precários Iliuchins-14 (os DC-3 soviéticos) da Companhia Aérea Chinesa, ao lado de funcionários transferidos e gente do povo. Esses voos se realizavam entre 500 e 1.500 metros de altitude, e permitiam ver a China de perto, com seu imenso território cultivado a perder de vista.

Em consequencia da abertura chinesa para o mundo, que vem se realizando, paulatinamente, de dois anos para cá, já não é tão dificil ir à China. O dificil é conseguir fazer parte de uma delegação ou integrar uma das raras excursões turísticas que se dirigem para lá. Mas, enquanto o dia da abertura total não chega, um visto de entrada na China é algo por que se luta com denodo e determinação, durante semanas e meses, e afinal se consegue como uma espécie de premio. Ninguem sabe o rumo que tomam os numerosos papéis e petições que têm de ser feitos, nem como são encarados ou examinados aqueles que postulam os vistos. Os chineses que trabalham nas embaixadas e consulados de seu país no exterior são tão enigmáticos como a imagem que se tem da China em todo o mundo. Quando se aborda o problema, na própria China, o assunto é quase sempre escamoteado. Durante anos, desde a Revolução de 1949, os chineses convidaram milhares de personalidades a visitar o país, aos quais mostravam o que lhes parecia importante para a compreensão do que se convencionou chamar, no Ocidente, de "o mistério amarelo". O filósofo Jean-Paul Sartre, no prefácio ao livro do célebre fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson, *D'une China à l Autre*, diz que a visão deformada da China começa na infancia de todo ocidental: "Na origem do pitoresco está a guerra. De fato, nossas luzes sobre a Asia nos vieram primeiro de missionarios irritados e de soldados. Mais tarde chegaram os viajantes - comerciantes e turistas - que são os militares desarmados. Saboreamos o aristocrático prazer de contar as *diferenças.* Isto se chama o *jogo das anomalias:* se você encontra uma a mais, ou se descobre uma nova razão de compreender, ganhará em seu país um premio de sensibilidade. Assim, daqueles que descrevem seu semelhante como um mosaico de diferenças irredutiveis, não se pode esperar, sem espanto, senão que eles se perguntem a si próprios, logo em seguida, como é possível alguém ser um chinês".

É claro que os chineses ou japoneses do mesmo quilate têm o direito de perguntar como é que

alguem pode ser francês, ou inglês, ou mesmo brasileiro. Aliás, esse jogo sartriano pode ser realizado aqui mesmo, no Ocidente, entre ocidentais. Por exemplo, entre europeus e sul-americanos. Ou entre norte-americanos e africanos. Ou entre sul-africanos, brancos e sul-africanos negros. . . As variações são infinitas. Como infinitas são as diferenças entre os homens, que nem as guerras ou a diplomacia resolvem. No caso da China, foi preciso que ela se encerrasse em si mesma durante 23 anos (o ex-presidente Nixon fez sua histórica visita à China em fevereiro de 1972), para que conseguisse superar o que os chineses chamam de *bloqueio* do Ocidente, particularmente dos EUA. Mas, esse encimesmamento dos chineses, que os isolaram do mundo durante mais de duas décadas, resultou num beneficio para eles próprios, segundo afirmam. Se não tivesse havido o *bloqueio* americano e, logo em seguida, o soviético (os dois países são designados, sempre, como *superpotencias*, com idênticos propósitos), talvez a China não tivesse conseguido acumular em tão pouco tempo os êxitos que a transformaram numa peça importante do xadrez mundial, apesar de que eles se qualificam, com um modesto sorriso, de pais em desenvolvimento". É dificil dizer - pelo pouco que se conhece objetivamente dos países comunistas - até que ponto o comunismo, em suas diversas modalidades, resolveu os problemas cruciais das nações que o adotaram, voluntariamente ou não, a começar pela propria URSS. Hoje, esta goza de relativa prosperidade, mas se mostrou incapaz de produzir alguns importantes bens de consumo, de que seu povo necessita, em larga escala: os automoveis que rodam nas ruas de Moscou são Fiat ou BMW, a Pepsi-Cola é atualmente uma bebida popular nos balnearios do Mar Negro e os tecidos, sapatos e numerosos

outros artigos que se encontram nas lojas de toda a URSS são de procedencia estrangeira.

Ao comemorar um quarto de século de regime comunista *à la chinoise*, os chineses assinalam vitorias substanciais e dão uma lição ao mundo - de trabalho e de pertinácia, de humildade e de esperança no futuro. Mas ainda enfrentam dificuldades de toda sorte. A padronização das roupas dos chineses em todo o país, inclusive entre os dirigentes, teve um alcance simbólico. Se a Terra é azul, como descobriu Gagarin, isto em parte é devido à indumentária de 750 milhões de chineses... Mas já agora, 25 anos depois da implantação do regime comunista no país, a China está deixando de ser azul. Em suas ruas, multiplicam-se os tons discrepantes - vermelho, amarelo, estampados variados - das roupas dos jovens. As novas gerações não usam mais o azul como regra, e as crianças são intensamente coloridas - desde as faces rosadas até as roupas de todos os matizes. É o simbolismo que continua a funcionar na China, nas roupas como em tudo o mais.

A revolução não alcançou toda a China de uma só vez. E o regime, em si, foi implantado gradualmente, etapa por etapa. Até 1956, por exemplo, o espetáculo que se via nas ruas de Pequim, sede do governo de Mao Tsé-tung, onde o espartano e ascético comunismo chinês imperava com uma ênfase que deveria servir de lição para o resto do país, era bem diferente do que se podia ver ainda em Xangai. Nesta cidade, a maior da China, o comunismo e o capitalismo coexistiam, na dificil fase da transição. Xangai foi o último bastião do Kuomintang de Chiang Kai-shek, como foi tambem o mais importante reduto revolucionário chinês, de onde partiam os exemplos e as palavras de ordem para a agitação de toda

a China, nos anos 30 e 40. Foi dali, tambem, que zarpou o último navio estrangeiro com os residentes retardatarios, de varias nacionalidades, que durante anos viveram na China. E era em Xangai, justamente, à beira do rio Wangpo, que existia aquele parque famoso, uma espécie de *Promenade des Anglais,* de Nice, ou a antiga Praça Paris, do Rio. Com a diferença de que o primeiro era cercado de grades e ostentava à entrada uma inscrição que até hoje esta atravessada na garganta do povo: "É proibida a entrada de cães e de chineses."

Apesar de tudo, até 1956 Xangai era ainda um quisto capitalista numa China em pleno processo revolucionário. Quem passeasse por suas ruas, então podia ver muitos comerciantes e industriais chineses, gordos e brilhantes, vestidos de branco e fumando longos charutos, serem transportados nos pitorescos *rin-kinshás*, com um ar de prosperidade e de confiança iguais aos dos chineses que hoje habitam Hong-Kong, e que nunca mais atravessaram a fronteira da China, não muito distante, a não ser de lá para cá . . . As mulheres usavam, nas ruas de Xangai, longos e sensuais vestidos estampados, ou bordados, da preciosa seda chinesa, com reveladores cortes laterais até à altura das coxas. Pareciam, também, ignorar o que vinha pelo caminho, porque desde 1949 estavam ilhadas na cidade, como os demais habitantes da velha Xangai, e ignoravam o que se passava no resto do país. Não conheciam a Pequim capital, sede do governo revolucionário (até então, a capital da China era Nanquim), e apesar de o regime ser bem real, parecia distante, porque avançava lentamente, no processo progressivo de estatização de cada fábrica, de cada loja, de cada hotel. Foi demorada e paciente, como tudo o que os chineses fazem, a implantação do regime comunista na

China. E Xangai se tornou a última cidade a ser conquistada pelo novo regime, depois de ter sido vencida pelas tropas de Mao Tsé-tung. Mas a partir de 1956, tambem ela perdeu os últimos vestígios do regime anterior, e se entregou à padronização geral.

Quando desembarcamos em Xangai, vindos de Pequim, fomos logo absorvidos pela surpreendente animação das ruas da cidade e por um dado inestimável: das janelas do hotel, no último andar, via-se a célebre praça, à beira do movimentado Wang-Po. Era o antigo parque, hoje sem grades, festivamente frequentado pelos jovens, alguns dos quais namoravam, abraçados, junto à amurada. O cenário era fascinante, como fascinantes são as ruas, densamente povoadas, de Xangai. Era nossa segunda visita àquela cidade, depois da rápida escala inicial, e desta vez ficaríamos por três ou quatro dias. Todas as noites, antes ou depois de qualquer programa, passeávamos por aquele parque, com nossas roupas ocidentais, onde despertávamos tanta curiosidade quanto os chineses que chegam agora a Paris ou ao Brasil, ostentando seus uniformes azuis. Eu olhava todos aqueles rostos jovens, sorridentes, algo surpresos, e, lembrando Sartre, pensava comigo mesmo: "Haverá alguém querendo saber como é possível *não* sermos chineses . . ."

A Revelação da Nova China

O Boeing da Air France pousou suavemente em Xangai, depois de mais de vinte horas de vôo. Saíramos de Paris na véspera, uma quinta-feira, de tarde. Estávamos chegando a Xangai ao escurecer do dia seguinte, sexta. Há uma diferença de sete horas a mais, em relação a Paris. A exaustão era geral. A tripulação havia sido mudada duas vezes: em Karachi, no Paquistão Ocidental, em Rangum na Birmânia. Chovia, mas não fazia frio, apesar do outono. A moderna estação de passageiros de Xangai nos acolheu com suas luzes e com as fisionomias sorridentes dos chineses. Do lado de fora, próximos ao avião, alguns soldados do Exército Popular, facilmente reconhecíveis por suas fardas verdes com insígnias vermelhas no colarinho do dólmã, e estrela vermelha no quepe. Eles nos olharam sem maior interesse, enquanto passávamos. Dentro da estação de passageiros, imensos painéis vermelhos com dizeres em caracteres chineses dourados, e um enorme retrato de Mao Tsé-Tung no alto da escadaria que leva ao segundo andar. Defronte, mais quatro retratos grandes:

Marx, Engels, Lênin e Stálin. A partir daí, veríamos sempre, por toda a China, esses cinco retratos dispostos da mesma maneira, e ainda faixas, letreiros e inscrições sobre painéis e murais, com frases e pensamentos de Mao Tsé-Tung.

Esse primeiro contato com a China, apesar do cansaço de todos, foi cheio de surpresas e revelações. Os chineses se mostravam interessadamente afáveis e descontraídos. Sorriam muito a qualquer pretexto, e faziam tudo para que estivéssemos à vontade. Bem diferente da atitude um tanto distante e reservada dos funcionários da Embaixada da China, em Paris, com os quais tivéramos contato antes da viagem. Providenciaram transporte da bagagem, levaram passaportes e passagens e serviram chá para todos.

Enquanto se travava o primeiro contato, uma grande mesa foi providenciada no restaurante do aeroporto. Seguiu-se um longo e saboroso jantar, de muitos pratos e brindes. Depois da padronização culinária de bordo, os condimentados e variados pratos chineses foram muito bem recebidos. Para demonstrar a satisfação que lhes causava a visita dos brasileiros, os chineses serviam os nossos pratos com os seus próprios pauzinhos, retirando os bocados de pratos maiores, no centro da mesa. Quatro ou cinco de cada vez. A mesa de comer chinesa é, em geral, redonda, para seis, oito ou mais pessoas, de acordo com o local. E é servida da seguinte maneira: um pires para a comida e outro para as sobras, uma tigela para o arroz e outra para a sopa, esta com colher de louça. Como bebida, um pequeno cálice com *mao-tai* (aguardente fortíssima, estraída do sorgo), um cálice maior para vinho tinto (uma espécie de martíni, não o vinho comum) e copo para cerveja ou água. E os pauzinhos, que podem ser de madeira, osso ou marfim. Durante o jantar, muitos brindes foram erguidos à saúde dos visitantes e ao êxito de sua missão. Os chineses são excelentes anfitriões, e o tempo passou agradavelmente, sem que ninguém se desse conta. Dali a pouco, tivemos que deixar a mesa e correr para o avião que nos levaria de Xangai a Pequim.

Até aquele momento, ninguém sabia ao certo se ficaríamos ou não em Xangai. O vôo da Air France terminava ali, e teríamos que fazer baldeação para um avião chinês. Este era de fabricação soviética, um Iliuchin-62, moderno jato muito parecido com o Caravelle francês, porém bem maior, com três filas de poltronas de cada lado, como o Boeing, e bastante espaço entre os bancos.

A aeromoça chinesa vestia a mesma roupa azul, modelo Mao, que já chamara a nossa atenção no aeroporto. Quem não vestia azul, usava a farda verde do Exército Popular de Libertação. Algumas variações podiam ser notadas: azul-claro e azul-escuro, bem como algumas roupas cinzas. Duas horas depois estávamos descendo em Pequim. Durante essa viagem, nada fora possível ver. Voávamos sobre um colchão de nuvens e a escuridão era enorme lá fora. Ao chegar, os *spots* da pista do aeroporto de Pequim pareciam ruas. A estação do aeroporto é menor do que a de Xangai, e bem mais antiga. Logo no *hall*, uma gigantesca estátua de Mao Tsé-Tung, bandeiras e inscrições com palavras de ordem do dirigente chinês.

Os chineses do Conselho, sorridentes e gentis, apareciam de todos os lados. Houve uma breve

cerimônia de boas-vindas, com o tradicional chá, e logo fomos levados para o hotel. O intérprete que nos acompanhou falava português do Brasil, ágil e desembaraçado. Raros tropeços aqui e ali. Chamava-se Chang e foi o primeiro de uma série de acasos felizes, que facilitaram e enriqueceram nossa visita à China. A comunicação instantânea, adaptada à nossa linguagem do dia-a-dia, era sem dúvida uma vantagem substancial. Seguimos para Pequim, pela escura e longa estrada de asfalto. Mas não fazia o frio que esperávamos. Parecia, aliás, uma noite limpa, o que era o prenúncio de um belo dia.

Chegamos a Pequim quase sem sentir. O carro deslizava silenciosamente pelas ruas escuras e desertas, raras lâmpadas de luz amarelada pelo caminho. Mais alguns momentos e chegamos ao centro da cidade, o Tien An Men, coração de Pequim.

A enorme praça, famosa no mundo inteiro, estava quase adormecida, com raros veículos - ônibus e algumas bicicletas - circulando pelas avenidas que a cercam. As luzes como brasas não iluminavam muito, mas se podia divisar a enorme e familiar massa do Tien An Men, ao fundo da praça, que é a entrada para a Cidade Proibida, núcleo da velha Pequim. Tien An Men significa Portão da Paz Celestial. Rapidamente, o carro virou à direita e entrou na ampla e monumental Avenida Changan, ou da Paz Prolongada. Uns cem metros ou duzentos adiante, o bloco compacto do Hotel Peking. Ali ficaríamos durante nossa estada de nove dias. Portão monumental, enormes pilares dourados no espaçoso *hall*, teto trabalhado segundo a tradição arquitetônica chinesa muitos desenhos de dragões, folhagens e flores. Não era possível observar mais nada, a não ser o movimento dos funcionários do hotel que transportavam as malas, volumes e sacolas dos brasileiros. No amplo quarto, o sono veio rápido e irrestível.

No outro dia, Pequim apareceu como um sonho que se materializava aos poucos. Os sons da manhã movimentada entravam pelas janelas do quarto, um rumor de veículos trafegando, buzinas, tilintar de campainhas de bicicletas, vozes roucas gritando palavras inesperadas. O quarto dava para a grande Avenida Changan, no centro de Pequim. Eram quase dez horas da manhã, o que significava que tivéramos um sono profundo, direto, de mais de dez horas. A janela nos revelou, de repente, o cotidiano da capital chinesa: um rio de bicicletas que descia em direção ao Tien An Men e outro rio correndo em sentido contrário. No meio do frágil e silencioso tráfego, ônibus enormes, caminhões e carros que buzinavam sem cessar, para advertir os tranquilos ciclistas. Estes se deslocavam como um bando de insetos metálicos com carcaças azuis. Verificaríamos nos dias seguintes que aquela primeira paisagem era uma constánte de Pequim. Em qualquer rua, em qualquer avenida, em qualquer praça, a qualquer hora do dia e nas primeiras horas da noite, os ciclistas silenciosos se deslocavam como as águas de um rio caudaloso, as margens formadas por outra massa humana, inquieta e movimentada, também azul. Mas o espetáculo principal estava no Tien An Men, surpreendente em sua beleza ampla, a grande praça se estendendo à sua frente, dois enormes edifícios nas extremidades laterais.

Na Praça Tien An Men, o Palácio do Congresso do Povo fica à direita, o Museu da História Chinesa à esquerda. Ao fundo, o obelisco monumental e os caracteres gigantescos da frase mais difundida de Mao Tsé-

Tung em toda a China: *Unamo-nos Para Conquistar Vitórias Ainda Maiores!* No edifício Tien An Men, outras duas frases que estão também inscritas em toda a China: *Viva a República Popular da China!* e *Viva a Grande Unidade de Todos os Povos do Mundo!*

A massa humana que frequenta ou transita pela Praça Tien An Men é incalculável. Ali se podem ver transeuntes comuns e visitantes estrangeiros, grupos numerosos de pioneiros e jovens guardas vermelhos, camponeses do interior passeando na capital e soldados de folga do Exército Popular, famílias gozando o dia de descanso e excursionistas de outras províncias. Uns descansam depois da longa visita às maravilhosas dependências dos palácios que compõem a Cidade Proibida, hoje vasto Museu Imperial. Outros esperam a vez de entrar. Os pioneiros e guardas vermelhos ouvem dos professores e responsáveis os ensinamentos a respeito do significado daquela famosa praça e dos edifícios que a cercam; uns, velhos da época dos imperadores da Dinastia Ming, retrato da antiga China feudal e de um povo oprimido e escravizado; outros, novos do período revolucionário e que pretendem refletir a grandeza e a prosperidade que o povo chinês busca arduamente desde a Revolução de 1949.

Em 25 anos, a China mudou muito. E isso está visível no povo que passa, nas ruas, nas lojas, nos novos edifícios, nas amplas avenidas, nas novas fábricas, no metrô inaugurado há pouco, no sorriso sadio da juventude. As gerações novas e bem alimentadas refletem saúde de corpo e espírito, e uma plena confiança no futuro. Os rostos cansados e estropiados são somente de velhos cuja saúde perdida não pôde mais ser restabelecida pela assistência gratuita que hoje acompanha os chi-

neses desde o ventre materno. São saudáveis, os jovens chineses, e a geração que tem a idade da Revolução não sabe o que é fome, nem miséria, nem ignorância. Os dentes certos e brilhantes de todos os jovens podem ser um atestado disto. Eles sorriem muito, sorriem sempre, entre si, e também quando surpreendem nas ruas a presença hesitante dos estrangeiros que estão redescobrindo a China. Cercam-nos, então, e um clima de amistosa curiosidade fica pairando no ar, o mistério da comunicação silenciosa se estabelecendo para além dos idiomas e das ideologias. Depois, o gesto de sair do meio da pequena multidão e continuar o passeio funciona como um impulso elétrico que faz abrir uma brecha no muro azul de transeuntes, o rumor dos sorrisos e das palavras abafadas acompanhando o grupo como uma interrogação.

Andar pelas ruas de Pequim, hoje, equivale a uma revelação. Não há qualquer preocupação oficial ou particular de esconder o que quer que seja, e os aspectos positivos e negativos da vida em Pequim coexistem lado a lado e são mostrados com a mesma tranquilidade. Quando alguém ressalta um desses aspectos negativos, certamente ouvirá a explicação tranquila: "São as marcas da velha China que ainda subsistem". Se a observação, ao contrário, for a respeito de uma obra recente, a explicação será também tranquila, embora acompanhada de um sorriso: "São realizações do nosso governo a favor do povo." E se a conversa a respeito dessas diferenças for mais longe — os aviões a jato cortando os céus enquanto seres humanos, nas cidades menores e mais atrasadas, ainda servem como força de tração para o transporte de mercadorias — então poderá haver material de discussão para muitas horas. "A China é um país em desenvolvimento. Em relação ao passado, fez muitos progressos.

Mas, diante dos países desenvolvidos e industrializados, ainda é uma nação atrasada. O povo chinês tem muito trabalho pela frente." Com o passar dos dias, chega-se à conclusão de que estas são as palavras-chave do processo de desenvolvimento chinês. Ninguém quer passar pelo que não é e ninguém quer fingir que tem o que ainda lhe falta. Depois de 25 anos de lutas e vitórias, de erros e acertos, de decepções e alegrias pelas realizações concretas, o povo amadureceu. Ele hoje encara suas divergências com a URSS, por exemplo, através do escudo de um feroz orgulho. Escudo para se defender do que eles afirmam ser a possibilidade de uma agressão russa. Orgulho feroz pela conquista de uma série de vitórias que lhes tinham sido escamoteadas, numa hora crítica, pela amizade traída. As fábricas que se erguem por toda a China são um testemunho disso. A ponte sobre o rio Yang-Tsé, também.

Os navios construídos nos estaleiros chineses e os aviões a jato que já cortam os ares, idem. São mil histórias que se ouvem na China de hoje sobre os seus 25 anos de luta em busca de uma prosperidade que já está à vista de sua população. É claro que uma prosperidade em termos próprios, chineses, sem comparações com o alto padrão de vida das nações desenvolvidas do Ocidente. A China está renascendo do chão depois de ter estado afundada nele por séculos e milênios. Até pouco tempo, qualquer esperança era vedada aos chineses, do mesmo modo que a sua entrada no famoso parque de Xangai: "Proibida a entrada de cães e de chineses."

Esta frase, aliás, pode ser o ponto de partida para a compreensão da realidade de hoje. Quando se fala em "começo de prosperidade", leia-se "fim da miséria". E da miséria mais terrível. A grande vitória é a fome e

o frio vencidos. "Todos os chineses, hoje, trabalham, comem e vestem", lembraram aqueles que fomos encontrando pelo caminho. "E isso é uma proeza, se levarmos em conta que somos mais de 800 milhões de habitantes."

As Comunas Populares São a Base de Tudo

A grande *boutade* do desenvolvimento chinês são as Comunas Populares. "A China está tirando tudo do chão", dizem eles. "Portanto o cultivo do solo é de primordial importancia. Aliás, o Presidente Mao disse: *Tomar a agricultura como base e a indústria como fator dominante.* Por isso, toda a atenção foi dada ao campo". A China inteira está dividida em comunas populares, que são fazendas de tamanho pequeno, médio e grande. As atuais comunas são o resultado da união das antigas cooperativas agrícolas, tal como estas foram formadas pelos grupos de ajuda mutua, que receberam terras logo após a reforma agrária. Funcionam de modo autônomo, dirigidas por um comitê revolúcionário, que recebe as metas de produção do Ministério da Agricultura. As comunas populares funcionam como se fossem fábricas. Elas são verdadeiras unidades agrícolas integradas, que se auto-abastecem e produzem para vender ao governo. Mas o modo como produzem e os meios que empregam para atingir suas metas de produção são assunto dos próprios integrantes da comuna, que se reúnem constantemente para apreciar o seu trabalho e resolver sobre a aplicação do produto do ano.

Se a reunião dos habitantes da *comuna* decidir comprar um ou mais tratores, para facilitar o trabalho e aumentar a produção, será feito assim. Caso não queiram, poderão trabalhar na enxada mais um ano ou dois. Estivemos numa comuna das grandes, em Pequim — a Estrela Vermelha — que ocupa uma área de 160 km² e possui 77.000 habitantes, ou 16.000 famílias. É considerada uma comuna complexa, porque se dedica à agricultura, à pecuária, à pesca e ao reflorestamento. Seu rebanho de vacas leiteiras é de 3.200 cabeças que produz 30 mil litros por dia. A comuna cria cada ano 55 mil porcos, dos quais 21 mil são para venda e o restante para consumo interno e reprodução. Conta ainda com criação de cavalos (2.300 cabeças) e de patos. Dentro da comuna há fábricas (de leite em pó, por exemplo) e oficinas, para fabricação de pequenos instrumentos e reparação das máquinas, caminhões, arados e tratores. Apesar do grande progresso feito por essa comuna, como a completa mecanização de seus trabalhos de aração, semeadura e irrigação, grande parte da atividade ainda é manual. A comuna possui 69 escolas primárias e dez secundárias. Uma comuna popular é dividida em *brigadas de produção* e estas em *equipes de produção*, que funcionam como peças de uma engrenagem geral. Numa comuna como a Estrela Vermelha, uma brigada de produção pode se dedicar à pesca, outra à floresta, outra à criação de cavalos ou de patos. E cada brigada de produção se subdivide em equipes de produção, que se ocupam de lotes ou de áreas previamente demarcadas. A produção de uma comuna popular bem administrada pode atingir níveis surpreendentes. Nesta comuna, a produção de dez anos atrás era de 50 kg de cereais por *mu* (medida chinesa: 1 hectare igual a 15*mu*) e hoje é de 350 kg por *mu*.

O aumento foi vertiginoso, mas ainda é pequeno se comparado com equipes recordistas, que chegam a produzir 600 kg por *mu*. A comuna popular Estrela Vermelha é administrada por um *conselho revolucionário*, cujo responsável é She TsunLu. Ele é uma espécie de prefeito e comanda tranquilo toda a área e sua população. A comuna está dividida em 9 brigadas de produção e estas subdivididas em 120 equipes de produção. O lema da comuna é *Apoiar-se nas Próprias Forças*, um dos pensamentos de Mao. O salário mais baixo é de 300 yuans por ano. O mais alto, 600 yuans por ano. Na verdade, não se trata de salário, mas de divisão de lucros de acordo com o princípio socialista: *de cada um segundo sua capacidade, a cada um segundo seu trabalho*. Uma família de camponeses que consegue se alimentar durante um ano e ainda, ao final deste, recebe 500 ou 600 yuans, pode se considerar bem situada na China de hoje, onde todas as demais necessidades estão providas (saúde, educação, etc.). O sucesso das comunas populares é tão grande, que numerosos observadores de países do Terceiro Mundo as visitam frequentemente, querendo familiarizar-se com a sua organização e funcionamento.

Quando visitamos a Comuna Popular Estrela Vermelha, o vice-diretor do Comitê Revolucionário, Sheng Tsun-lu nos explicou que esta era tambem conhecida como Comuna da Amizade Sino-Coreana.

- A designação de Estrela Vermelha é muito popular na China, como os senhores devem ter notado . . . Há numerosas comunas e fábricas espalhadas pelo país que se chamam Estrela Vermelha. Então, usamos uma espécie de segundo título, para homenagear países e povos amigos e diferenciar os nomes iguais.

Sheng Tsun-lu nos respondia, assim, a uma pergunta que estávamos querendo fazer, porque realmente havia muita coisa com o nome de Estrela Vermelha . . . Ele sorriu e deu mais algumas informações sobre aquela comuna:

- Antes de 1949, esta área era pouco habitada e o padrão de vida, muito baixo, dependia da natureza. O solo era arenoso e não produzia muita coisa. No tempo feudal, serviu como campo de caça para os fidalgos. Depois da Revolução, e sob a inspiração do pensamento do Presidente Mao, organizou-se o trabalho coletivo. Esforçamo-nos para construir nossa comuna baseados no principio *Apoiar-se nas próprias forças.* Para combater a seca, tivemos que realizar um gigantesco trabalho de adubar e irrigar a terra, com águas da represa Quan-tin e de milhares de poços. Cerca de noventa por cento da terra cultivada nesta comuna é irrigada. Desenvolvemos a pecuária aqui criando adubos. Todo ano compramos máquinas novas que possam modificar a fisionomia atrasada do passado. O nosso nivel de mecanização ainda não é dos : apenas setenta por cento. Isto quer dizér que trinta por cento da produção da comuna são feitas na base do trabalho manual, e isto demanda um grande esforço de todos. Já temos máquinas arando e semeando a terra, mas durante as colheitas trabalhamos em grande parte com as mãos. Depois de uma luta árdua de dez anos, nossa produção enfim aumentou substancialmente. Além da fábrica de leite em pó e oficinas, temos fábrica de papel feito de palha e fábrica para beneficiamento do arroz. Na nossa comuna a escolarização é completa, como acontece por toda a China. Assim, vamos eliminando o analfabetismo. Mas os homens acima de 50 anos não são educados. Temos um pequeno hospital com 30

leitos e postos de saude em cada brigada de produção. Cada equipe de produção possui de dois a três médicos, que no entanto não se desligam da produção: trabalham também em outras atividades. Usamos aqui a medicina cooperativa, isto é, cada componês paga a quantia de 1 yuan por ano e recebe assistencia médica total.

Ele explicou ainda que o padrão de vida de todos os integrantes da comuna vai se elevando aos poucos. Ainda não é alto, mas em comparação a 1949 subiu muito.

- Boa ou má, todos têm sua casa, roupas para vestir e comida para comer, sem ninguem precisar de mendigar, como outrora.

E essa é, realmente, a grande força da China de hoje. Com uma população de mais de 750 milhões de pessoas, todo mundo que vem do Ocidente e, mesmo, de outros países da Ásia, se espanta com a revelação de que não há no país nenhum desempregado, e, consequentemente, familias desamparadas. Trocado em miudos, isto quer dizer que em 25 anos de trabalho duro a China conseguiu vencer o espectro da miséria, da fome e da ignorancia. E se chegar mais alguem lá, encontrará trabalho . . . A explicação está nas comunas populares, que não dependem de ninguem senão do trabalho de cada um de seus habitantes. Assim, é um esforço gigantesco e coletivo, em todo o país, que agora se revela ao mundo como eficaz, porque está transformando a China numa potencia econômica mundial, que atrai as atenções do mundo todo, inclusive do Brasil.

Visitamos comunas populares tanto no Norte quanto no Sul. Várias delas em cada região. Durante as viagens aéreas, podíamos ver lá em baixo o

resultado da ação organizada do formigueiro humano que é a China. Terras cultivadas por toda a parte, até mesmo nas regiões montanhosas. Quando o avião vai pousar em Xangai, ou em Nanquim, ou em Hang-chow, ou em Cantão, ou em qualquer outra cidade chinesa, voa-se sobre campos arados e cultivados durante todo o tempo. São cinturões verdes, de grande extensão, que se desdobram pelo país inteiro. As delimitações das comunas são visiveis, porque entre os espaços cultivados há os nucleos residenciais e, assim do alto, nota-se com mais nitidez a racionalização do trabalho dividido - uma porção de terra para cada grupo de habitantes. E se o trabalho, lá embaixo, é organizado, como na verdade ocorre, não há porque se espantar com as afirmativas dos chineses: há trabalho para todos. Só não trabalha quem não quer. Mas durante as viagens aéreas pode-se ver, tambem, as pequenas cidades, todas elas com seus pequenos aeroportos providos de pista e estação de passageiros novas. Pode parecer uma afirmação temerária, ou audaciosa, mas a verdade é que, voando sobre a China de hoje, muitas vezes vem-nos à lembrança a paisagem aérea dos paises europeus desenvolvidos, com seu campo harmoniosamente trabalhado e as pequenas cidades tranquilas e organizadas, sem as marcas facilmente visiveis que a miséria costuma deixar, ou os impressionantes vazios do mundo subdesenvolvido. "A China é apenas um país em desenvolvimento", dizem os chineses por toda parte, repetindo este como outros *slogans*, sem atentar, talvez, para o seu exato significado. Eles apenas trabalham e repetem, mas o fazem com uma grande confiança e entusiasmo. De seus pés e de suas mãos estão saindo fábricas, casas, hospitais, aviões, navios. É do chão que surge a China em desenvolvimento, que já conseguiu alcançar

um lugar de destaque no cenário internacional, começando a desfazer, pouco a pouco, aquela velha imagem de "perigo amarelo". O que nos leva a pensar o que poderá realizar tal potencialidade humana e territorial quando atingir um determinado estágio. Com uma simples abertura, a China entrou para o mundo dos negócios . . . Há uma intensa movimentação em torno dela. Numerosas delegações estrangeiras, quase sempre comerciais, chegam anualmente a Pequim, Cantão e outras cidades, do mesmo modo que um número cada vez maior de missões chinesas, muitas delas tambem comerciais, saem da China para outros países. E nessa troca de delegações e missões se incluiu o Brasil. São dois gigantes que se aproximam, depois de anos de silencio. "Se as superpotencias - URSS e EUA - se dão as mãos, porque dois grandes países em desenvolvimento, como o Brasil e a China, não podem se conhecer melhor e se aproximar comercial e diplomaticamente?" Este é o pensamento de um funcionário graduado, que traduz o sentimento atualmente existente na China em relação ao Brasil. E que tal pensamento já está na cabeça de todos os chineses, embora não tenha saido em nunhum jornal, é coisa que não se discute. Eles sabem e sorriem. Mostram-nos suas fábricas, suas comunas, suas casas e seus locais de trabalho com grande franqueza, porque não escondem alguns aspectos evidentemente negativos, que subsistem.

Em Xangai, visitamos a comuna popular Tao Pu (nome de um rio), de tamanho médio, com uma área de 1.250 hectares, 3.100 familias ou 15.000 habitantes. Como está situada no Sul, suas terras são mais férteis.

Agora, num ano essa comuna produz 10.800 kg por ha, enquanto em 1950 a produção era de

apenas 3.300 kg por ha. A comuna Tao Pu tem 80 por cento da superfície de suas terras cultivadas mecanicamente, bem como a irrigação. Os seus camponeses vivem razoavelmente bem, em casas de tijolo de três ou quatro peças (sala, um ou dois quartos, cozinha). Retiram o alimento da produção geral e cada família possui alguns animais para consumo. No final do ano, cada família recebe entre 500 e 600 yuans. Depois de comprarem tudo o que necessitam, os camponeses depositam no banco o restante. É um hábito que se expande dia a dia, e que é incentivado pelo governo.

No fim do mês de julho de 1972, o montante da poupança de operários e camponeses, na cidade de Pequim, tinha aumentado em 13,6 por cento em relação ao final de 1971. Em apenas oito meses, nada menos de 493 mil novos depositantes abriram contas em Xangai, dos quais cerca de 80 por cento preferem contas a prazo fixo com rendimento maior. Os chineses gostam de contar o caso de um bairro de Xangai, onde moravam 3.800 famílias, que antes de 1949 era uma verdadeira favela, com seus habitantes doentes e mal nutridos. Hoje, esse mesmo bairro tinha, em fins de 1972, cerca de 800.000 yuans em depósitos bancários. Nos subúrbios da mesma Xangai, as poupanças das comunas populares aumentaram 1.800 vezes em relação aos primeiros anos da Revolução.

Que fazem, porém, os chineses com suas economias? Por enquanto, há uma preocupação geral, estimulada pelo governo através de uma vasta campanha, de acumular poupanças. Com isto, o povo estará ajudando a construção do país. Os chineses estão motivados para a poupança e não têm muito em que gastar, por

enquanto. Os camponeses e operários, apesar de resolvidos os problemas da fome e do frio com parte do salário, estão consumindo apenas mais alguns poucos produtos, habituados que estão a uma vida simples e dura.

Uma Conversa Reveladora

Conversar com um jornalista chinês atuante, ao qual eu pudesse fazer uma série de perguntas relacionadas com a profissão na China e a maneira como são feitos os jornais e revistas, foi um dos pontos que inclui no meu programa de viagem, desde que mantive os primeiros contatos no país. Os chineses sempre perguntam aos visitantes o que querem ver ou fazer, e organizam tudo com grande meticulosidade, encaixando os desejos de cada um na programação oficial. Como há sempre uma grande diversidade de desejos, mesmo num grupo pequeno, suponho que eles tenham de fazer um grande malabarismo para atender a todos os pedidos, dentro do prazo das visitas, Por isso, talvez, não se possa saber com antecedência quando tal ou qual pedido será atendido. É sempre uma surpresa. No caso do jornalista chinês, aconteceu em Pequim, numa noite em que não havia nenhum jantar ou encontro, nem teatro ou cinema. Seria uma noite livre, um inesperado momento de descanso no turbilhão de acontecimentos que estávamos vivendo há muitos dias. E a visita à capital já estava chegando ao fim.

Jantamos no Hotel Pequim, depois fomos para os quartos. Não havia muito a fazer, a não ser ordenar as notas tomadas durante o dia, ou arrumar as coisas, antes de pegar no sono. Não havia televisão no quarto, nem radio, nem coisa alguma para ler, a não ser o boletim oficial da Agencia Nova China, com noticias da movimentação politica internacional e informações internas. Naquela noite, aliás, antes do jantar, havia pedido a Chiang para me traduzir alguns títulos e manchetes do jornal *Diario do Povo*, órgão oficial do PC chinês e, por conseguinte, do governo. A manchete do dia era enorme: "Levar à prática, resolutamente, a linha geral de tornar a agricultura como base e a industria como alavanca". Do lado direito da página, como segundo destaque, o titulo: "Devemos aproveitar para plantar mais trigo no inverno." No centro da primeira página, esta noticia: "Chou En-Lai com Le Duc To". No pé da página, o editorial, que versava sobre as relações entre a China e um país africano. Restava um quadro ao alto, junto ao titulo do jornal, com a epigrafe: "Citações do Presidente Mao". Todos os dias, naquele espaço, o *Diario do Povo* publica um *pensamento* de Mao, ou uma palavra de ordem de seu governo. Naquele dia, estava escrito: "Colocar em tensão todas as forças e lutar para estar sempre na frente. Construir o socialismo dentro das normas de quantidade, rapidez, qualidade e economia." A única foto da primeira página era do encontro entre Chou En-lai e Le Duc To.

Na segunda página havia um artigo bastante grande (mais de meia página), sobre "como melhorar os trabalhos administrativos nas Comunas Populares do Campo". Num quadro, embaixo, ilustrado por uma foto de moças colocando produtos agrícolas em cestos, o título: "Como administrar melhor as Comunas." Ao lado,

uma noticia sobre "A nova fisionomia de Fan Ku", certamente uma Comuna Popular. Na página três do jornal (que tem apenas seis), havia mais noticias, quase todas internacionais, sobre Vietnã, Camboja, Laos, Albânia, Nepal e Iugoslávia. Outras notas menores: "Delegação chinesa no Congo", "Exposição agricola e comercial da China na Nigéria", "Missão agrícola volta da Coréia", "Conselho chinês em Bucareste", "Time de futebol da China na Guiné" e, por fim, "Regresso da Delegação Comercial Brasileira ao Brasil".

Esta última noticia ocupava apenas dez centrimetros de uma coluna, na terceira página. Era a vespera do nono e último dia dos integrantes da Delegação Comercial Brasileira em Pequim. Dali eles iriam para Cantão, onde se realiza a Feira bi-anual chinesa e regressariam ao Brasil. Nós ficaríamos mais tempo no país, a fim de cumprir o restante do programa, que incluia viagens ao interior da China, inclusive uma visita à antiga capital, Nanquim, às margens do rio Iang-Tsé, onde havia sido construida uma ponte monumental, para ferrovias e rodovias. Aquela era a segunda noticia sobre os brasileiros. A primeira havia saído no quarto dia da visita e informava laconicamente que estava visitando a China uma Delegação Comercial Brasileira, chefiada pelo exportador Giulite Coutinho. Não tivemos nenhuma informação de que a mesma noticia tenha sido dada pela televisão ou pelo rádio. Assim, quando naquela noite aparentemente livre me informaram que eu teria um encontro com o jornalista Li Yen-nien, responsavel pelo Departamento de Assuntos Estrangeiros da Agencia Nova China, achei que nada poderia vir mais a calhar.

Li Yen-nien era baixo e enrugado, o olhar vivo e malicioso dos chineses anteriores à Revolução, cur-

tido na profissão, inteligente e viajado. Muito delicado, quis logo me colocar à vontade, oferecendo-me cigarros. O intérprete era um jovem funcionário da Rádio Pequim, que falava português misturado com espanhol e se enrolava todo na hora da tradução A conversa progrediu pouco, e parecia que não chegariamos a parte alguma. Chiang veio ajudar-nos, com seu português fluente e quase sem sotaque, atualizado até nas girias. Através dele, a China se mostrava mais límpida, e os chineses mais objetivos, apesar das muitas desconversas e dos bordados cheios de imaginação e imagens próprias à inesgotável língua chinesa. Perguntei:

— Como a notícia é entendida na China?

— A notícia deve ser rápida - respondeu

Para começar esta conversa, tinha havido muitos diálogos preliminares, durante os quais nos apresentamos mutuamente, falando de nossas funções e das vantagens e desvantagens da profissão jornalística. Ele havia sido correspondente da Agencia Nova China no Chile, durante quatro anos, em torno de 1961. Porque justamente nesse ano conhecera o Rio de Janeiro, onde eu lhe tinha dito que trabalhava. Curioso é que ele havia estado não uma, mas muitas vezes no Brasil, e conhecia tambem São Paulo, Brasilia, Porto Alegre e Recife. . .

- Todas as vezes que eu ia ou voltava do Chile - explicou - parava no Brasil. Gosto muito do Brasil e, assim, aproveitei para conhecer o seu grande país.

- E gostou do Brasil?

- Claro, gosto muito do Brasil. Se pudesse, trabalharia lá durante algum tempo. Talvez, quem sabe, no futuro . . . - e sorriu maliciosamente.

— Mas nunca encontrou dificuldade para entrar no Brasil? Quero dizer, como não havia relações entre os dois países. . .

- Bem, eu estava sempre em trânsito. Isto me dava direito de ficar uns três dias de cada vez. Não pude conhecer muito. Mas o Rio é uma cidade inesquecível.

- Você disse que a noticia deve ser rápida?

- Sim, claro.

- Hoje, por acaso, comentei a propósito disto. Fiquei com a impressão de que a noticia não é muito rapida na China. O *Diario do Povo* só publicou a visita da Delegação Comercial Brasileira depois que ela já estava há quatro dias no país. . .

- Realmente, é preciso explicar este fato. Os dirigentes do *Diario do Povo*, sem dúvida, tinham essa noticia desde o primeiro dia. Mas nossos jornais não são como os jornais brasileiros, que têm muitas páginas. O *Diario do Povo* é um jornal nacional e só tem seis páginas. Por isso, as noticias são publicadas de acordo, digamos, com uma escala de importancia. O pequeno número de páginas limita a publicação de noticias. Isto não quer dizer que seja falta de atenção. A atenção aos senhores pode ser medida pelo carinho com que o povo chinês acolhe os brasileiros. . . Evidentemente, a seleção é feita tendo em vista um critério . E o critério é saber se ela é util à causa do povo, à revolução socialista, ou se não é. Se não, nem publicamos a noticia. Os fatos internacionais só são publicados se forem bons para o entendimento entre os povos, se servirem à causa dos povos. O local da publicação é tambem importante. A noticia sobre os brasileiros saiu na terceira página. É claro que cada jornal e cada país têm seus critérios para avaliar as noticias. Por exemplo, não damos nenhuma importancia aos concursos de misses. . .

Em certos países dão grande ênfase a noticias que nos parecem estranhas e às quais não ligamos. A Agencia Nova China fornece muito material aos jornais, mas este têm tambem suas proprias fontes de noticias e seus redatores. A Nova China tem mais de 50 escritorios no exterior. Diariamente, recebemos mais de um milhão de palavras de noticias. Da nossa agencia e tambem das agencias estrangeiras. Daqui para fora, mandamos uma media diária de 20 a 30 mil palavras de noticias sobre a China, para as agencias e jornais estrangeiros. Expedimos nossos noticiários em varias linguas: inglês, francês, espanhol, árabe, russo. Além do *Diario do Povo*, circulam diversos jornais em cada cidade, em geral especializados. Em Pequim há outros jornais, alem do *Diario do Povo*: por exemplo, o *Diario de Pequim*, o *Jornal do Exército*, etc. A Nova China remete noticias, internamente, através de telefotos dos caracteres para cerca de 350 entidades. É uma maneira bem eficaz de mandar noticias rapidamente.

— Os jornais chineses podem publicar anúncios?

Quando eu formulei esta pergunta, ao fim da tradução, o meu interlocutor olhava distraidamente para o teto do quarto onde estávamos, no mesmo Hotel em Pequim. Fumava sempre, emendando um cigarro no outro, e olhava a fumaça subir como se aquilo o distraisse enormemente. Ele falava em chinês com muita rapidez, e fazia acompanhar suas palavras de enérgicos gestos. Alterava também a intonação da voz que era ora gutural, ora sibilina. De vez em quando, sorria, um sorriso desconcertante, porque sublinhava uma informação ou uma afirmação que eu só conheceria dentro de alguns minutos, quando o intérprete traduzisse o que ele dizia. Por causa

disto, as conversas mais longas com os chineses tinham sempre um toque algo surrealista, inesperado. Eles começavam a falar e os sons iam se acumulando como nuvens, até que o intérprete iniciava a tradução. Parecia, então, que um vento forte soprava e as nuvens se dispersavam. O céu azul surgia novamente, e tudo voltava ao normal. A conversa era, por vezes, cheia de altos e baixos e, frequentemente, a linha inicial do pensamento se perdia em outras considerações. Uma entrevista podia demorar horas e horas, e mesmo assim muitas perguntas acabavam ficando sem resposta. Eu já tinha notado isto, e procurei ir mais diretamente no alvo. Queria perguntar sobre o papel específico da imprensa na China, mas ele ainda estava respondendo à pergunta sobre os anúncios.

— Os jornais chineses não publicam anúncios. Não se anuncia nem mesmo a baixa dos preços de determinado produto. Nos últimos dias os preços dos rádios baixaram. Não saiu em nenhum jornal. É uma notícia que todos sabem logo. Uns informam os outros. Além disto, há muitas notícias deste tipo. Muitos preços baixam e não vale a pena encher os jornais com as notícias que todos sabem. As lojas são estatais e não enganam o povo. Mas às vezes os jornais publicam notícias globais sobre determinado assunto. Por exemplo, no caso dos preços, no fim do ano pode-se fazer um balanço geral das baixas. Na televisão é a mesma coisa. Há noticiário, mas não há anúncios de produtos. As notícias são mais esportivas e sociais. Temos uma estação de TV em Pequim, mas ela não é muito forte em programação. Queremos desenvolver a TV, tanto em preto e branco como em cores. Mas a China é um país em desenvolvimento. Não pode ser comparada com outros países mais desenvolvidos . . .

Aproveitei para soltar minha pergunta principal:

— Qual o papel da imprensa na China?

— O papel da imprensa é muito vasto. De um modo geral, as notícias divulgadas refletem as linhas que o povo segue, divulgam os êxitos da revolução socialista. E sempre com o sentido de ajudar o povo em sua luta e estimulá-lo em sua causa revolucionária. Divulgamos e apoiamos as criações da massa popular, as invenções do povo e os resultados de seu trabalho. Estas são as principais notícias de nossos jornais. Porque é através dos jornais e dos outros meios de comunicação de massa que se realiza a educação do povo, desenvolve-se o seu patriotismo e aprimora-se a sua doutrinação ideológica. A imprensa leva o povo à frente, empurra-o para adiante. Nosso papel na imprensa é encorajar o povo no seu trabalho. Denunciamos a guerra e a disputa entre as duas superpotencias - URSS e EUA - pela hegemonia mundial. Basta ler o *Diário do Povo* para conhecer a natureza das notícias publicadas por um jornal chinês. Com três dias de leitura dos jornais chineses qualquer pessoa pode entender a mecânica da notícia entre nós.

— A imprensa não deveria publicar *tudo*?

— Que imprensa publica tudo? O que se diz sobre a China no mundo é por acaso a verdade? A imprensa internacional publica *tudo* sobre o nosso país? Já se passaram vários anos desde a Revolução Cultural. Podemos ver as coisas com uma certa perspectiva. Onde está a verdade do que publicaram? A imprensa internacional afirmou que a Revolução Cultural e Proletária era contra a cultura. Disseram que nós estávamos destruindo o passado e até queimando quadros e quebrando obras de

arte de séculos e milênios de idade. E, no entanto, todo o nosso tesouro cultural está intacto. Os senhores não estiveram na Cidade Proibida? Não visitaram, lá, o Museu Imperial? Está tudo no mesmo lugar de sempre, e cada peça muito bem cuidada e conservada. Os palácios imperiais estão quase todos restaurados. A imprensa internacional também disse que nas Comunas Populares os homens viviam separados das mulheres, que há crise permanente de cereais, que a miséria é tão grande que uma só calça tem que servir para três pessoas. . . Mas, quando se visitam as Comunas e se vêem as pessoas tudo se esclarece. Basta andar pelas cidades chinesas para se ter uma idéia do país. Ninguém vive dizendo que a China é um país desenvolvido, sem problemas. Os problemas existem, aqui como em toda parte. E porque a imprensa internacional mente? Talvez os senhores possam saber... . Veja o caso da imprensa soviética. Temos divergencias com os soviéticos, mas divulgamos os artigos deles. Os jornais de Moscou e outras cidades, porém, jamais publicam os nossos artigos. Inventam, isto sim, coisas sobre o nosso país. Nós publicamos as obras *completas* de Kruschev, mas eles não publicam um só artigo nosso que critique o revisionismo soviético. Os soviéticos querem aparecer diante dos povos revolucionários do mundo como búfalos ou touros fortes, mas na realidade são como ratos...

— Os *casos* Liu Shao-Chi e Lin-Piao?

Ele não hesitou:

— Liu Shao-shi queria voltar atrás. Ele era contrário à idéia das Comunas Populares, que foram organizadas em atendimento a um apelo do presidente Mao. As Comunas Populares funcionam admiravelmente, todos se ajudando mutuamente. Liu Shao-shi era contra isto. Ele achava que as pessoas deveriam trabalhar individual-

mente. Defendia a exploração capitalista do campo, isto é, que umas pessoas explorassem outras pessoas. O êxito do sistema das Comunas e a sua evolução mostram que ele estava errado. Por isso afirmamos que mesmo no socialismo ainda existe luta de classes e a disputa entre dois caminhos. Liu Shao-shi era o representante da classe que foi derrubada.

— O caso de Lin-Piao é idêntico?

— Lin-Piao era um traidor. Quando viu que sua traição estava descoberta, voou para a União Soviética. O avião em que ele fugia caiu na Mongolia. A Mongolia é um país com 1 milhão de habitantes e ali estão estacionados nada menos de 300 mil soldados soviéticos. O resto quem pode explicar é a URSS.

— Esses problemas são encarados de que maneira pelo povo? Afinal, Liu- Shao-shi era Presidente da República e Lin-Piao era o Ministro do Exército . . .

— Esses acontecimentos têm seu lado negativo, mas não fazem tanto mal à construção do Socialismo, porque o povo está muito unido em torno do Presidente Mao e do Exército Popular. Existe uma grande unidade e um grande relacionamento entre o Exército e o povo, porque ambos são dirigidos pelo Partido e pelo Presidente Mao.

— Porque os retratos de Stalin continuam ao lado dos de Marx, Engels, Lênin e Mao Tsé-tung, em toda parte, embora não se desconheça na China o que ele fez na URSS?

— O Relatório Kruschev foi divulgado na íntegra na China. Todo o povo chinês tomou conhecimento das acusações que lhe foram feitas. Na ocasião, foi publicado também nos jornais chineses um artigo que

comentava o Relatório Kruschev e cujo título era: "Mais uma vez as lições da ditadura proletária". Nós achamos que Stalin é um grande marxista-leninista. Ele deu uma grande contribuição à construção da URSS e combateu Hitler. Cometeu erros contra o Socialismo. Em numerosos artigos e debates, nos jornais e nas reuniões, estudamos e analisamos a vida e o comportamento de Stalin. Publicamos artigos em nossos jornais que examinavam tudo muito atentamente. A nossa conclusão, após todo esse trabalho de análise, foi a de que deveriamos dividir Stalin em dois lados: o positivo e o negativo. Depois, pesamos cada um dos lados. Os seus méritos, para nós, falam mais alto que os seus erros. Por isso, o seu retrato continua em toda parte, na China. E achamos muito estranho que na URSS não tenham feito com o Czar Pedro o mesmo que fizeram com Stalin. Não faz muito tempo, vi um filme russo em que o Czar Pedro era muito elogiado. Os personagens da História têm que ser analisados historicamente. Se o Czar Pedro pode ser elogiado, porque não Stalin? No momento do Pacto Nazista e Soviético, Kruschev chamava Stalin de *Papai* . . .

As Fábricas por Dentro

Haverá mesmo trabalho para todo mundo na China? Eles dizem que sim. O campo absorve mais de 500 milhões de pessoas, que trabalham ativamente nas Comunas Populares. Os restantes estão empenhados na produção industrial, nas cidades e nos subúrbios, nas universidades e escolas, e no Exército. O contingente do Exército Popular de Libertação não é conhecido, mas pela quantidade de soldados - homens e mulheres - que se encontra em toda parte, parece ser de um número espantoso. "É o subemprego da China" - especulam os observadores ocidentais. E pode ser mesmo. Os soldados chineses trabalham muito na produção, na construção de estradas e no transporte de alimentos, de produtos e de trabalhadores. É comum, nas ruas das grandes cidades, encontrar caminhões militares carregados de trabalhadores, na hora da virada dos turnos. As fábricas, em geral, trabalham três turnos, e a movimentação de operários é intensa, dia e noite.

Visitamos algumas fábricas, para conhecer as condições em que são produzidos os muitos artigos chineses que, hoje, começam a atingir os mercados do

mundo. Nada menos de 130 países ou regiões, inclusive o Brasil, já comerciam normalmente com a China e seus produtos têm boa aceitação em todas as praças. Nas fábricas há uma separação bem evidente: a produção para consumo interno e a produção para exportação. Entre as duas, uma brutal diferença de qualidade. Em questão de tecidos, por exemplo, a China produz as melhores sedas, o melhor linho e o melhor algodão, para exportar. Mas a produção interna é feita tendo em vista apenas a quantidade. Os tecidos azuis, de algodão ou de lã, dominam o mercado. Mas muitas fábricas já produzem tecidos coloridos e estampados, e a tendência agora é aumentar essa diversificação, porque a China quer mudar de aspecto. É o começo do consumo em massa, para o qual o país vem se preparando há 25 anos. Mas quando poderá a população chinesa, realmente, começar a consumir?

Um trabalhador chinês ganha por mês entre 40 e 60 yuans (1 dólar vale 2,20 yuans). Mora, em geral, em quartos ou apartamentos da própria fábrica. Come no trabalho e tem assistência médica gratuita. O ensino é obrigatório e também gratuito. Se o trabalhador é casado, muito provavelmente sua mulher também trabalhará. Neste caso, os filhos do casal, se são pequenos, ficarão numa creche da fábrica. Os demais passam o dia nas escolas ou nos Palácios dos Pioneiros, que são clubes infantis, onde uma série de ocupações utéis e ensinamentos extras são ministrados aos jovens. Ali eles aprendem a tocar música, a bordar, a desenhar, a construir brinquedos, a usar a acupuntura. Organizam orquestras e grupos de bailados e teatro. Muitas vezes, são chamados para apresentações em festas e para excursões a outras cidades e países. A vida familiar se faz à noite, quando todos voltam para casa. Um lar com dois salários de 50 yuans

cada, e uma prole de dois ou três filhos, estará garantido contra qualquer imprevisto. O apartamento geralmente é alugado, mas muito barato. No máximo, cinco por cento do salário. No mínimo, três por cento. A alimentação da família, feita em casa, não consome mais do que 30 por cento do rendimento. Em Pequim, um trabalhador pode se alimentar em casa gastando cerca de três yuans por mês. Basta lembrar que um quilo de arroz custa apenas 0,13 . Quer dizer, dez quilos de arroz, 1,30 yuan. Com carne, peixe e outros alimentos, uma família gastará mais ou menos seis ou sete yuans. Na fábrica, cada trabalhador paga uma média também de três yuans. O restante do rendimento é livre, já que educação e assistência médica são gratuitas e os remédios, também. Mesmo a internação num hospital e a mais delicada operação não custam nada.

Há ainda outras categorias de trabalhadores especializados que podem ganhar até 108 yuans por mês (8ª categoria). Os dirigentes técnicos de uma fábrica podem ganhar até 200 yuans mensais. Qual o critério para a fixação do salário nas diversas categorias? Li Tsuo-san; vice-diretor administrativo do Comitê Revolucionário da Fábrica de Mecânica Pesada An San, de Pequim, respondeu:

— É claro que, antes de tudo, devemos olhar a preparação e a habilidade técnicas do operário. Isto já conta muito na classificação. Em seguida, observamos o seu comportamento e o tempo de trabalho. Um trabalhador mais empenhado e que produza mais, além de ser pontual e estar entrosado na vida da fábrica e do país, tem que ganhar mais.

— Quer dizer, entrosado politicamente?

— O ítem *comportamento* inclui o estudo dos pensamentos do Presidente Mao. Mas isto não quer dizer que um operário tenha que pertencer ao Partido. Ser membro do Partido é muito difícil. Mas os trabalhadores de toda a China *apoiam* o Partido . . . Além disto, se a familia de um determinado trabalhador for muito grande, ele pode ganhar uma suplementação do salário. Não é, evidentemente, um estímulo às familias grandes. Hoje as famílias chinesas são em geral pequenas, com um ou dois filhos. Mas há muitos trabalhadores antigos, de antes da Revolução, que têm muitos filhos e, além disto, mantém em casa outros parentes. Estes são ajudados pela fábrica. Por fim, o operário pode subir de categoria estudando. Há muitos cursos, nas próprias fábricas para ensinar uma melhor técnica.

A fábrica An San é uma das maiores dos suburbios de Pequim. Nela trabalham cerca de seis mil operários. O vice-presidente do Comitê Revolucionário, Wu Tchen-wen, informou-nos, na conversa preliminar que tivemos numa sala muito limpa e acolhedora, enquanto tomávamos chá quente, que aquela fábrica tinha sido construída em 1958. Era, então, muito pequena. Cresceu muito nesses últimos anos e ainda está se expandindo.

— A fábrica An San é a segunda desse tipo em Pequim. Dos nossos seis mil operários, cerca de sessenta por cento são jovens até 25 anos. As mulheres formam um quarto do contingente humano da fábrica. Produzimos anualmente cerca de 5 mil toneladas de aços diversos e o nosso trabalho vai desde a fundição até o acabamento do produto. Fabricamos cinco modalidades de produtos: máquinas para a produção de fertilizantes químicos, cavadoras para minas, laminadoras, prensas

hidráulicas e diversos tipos de peças fundidas. Mas como ainda produzimos mais umas duas mil toneladas anuais para a nossa própria expansão, podemos dizer que a produção final da fábrica An San é de sete mil toneladas anuais.

Circulamos toda uma manhã pela fábrica An San, vendo o trabalho de seus operários e conversando com muitos deles. Quase todos batiam palmas para os visitantes, quando passávamos. E conversavam sempre que solicitados, falando de sua vida e de sua familia. Muitos deles, sobretudo os solteiros, moravam na fábrica. Mas muitos casados também. Há uma vila operária nos terrenos da própria fábrica, com creches para as crianças e professores especializados para cuidar delas. Isto, aliás, é uma constante nas fábricas como nas comunas, e a solução para que todos possam trabalhar. O sistema de assistência à infância é tão organizado quanto a própria produção de cada fábrica ou comuna. Numa das creches, os garotinhos cantaram em coro algumas canções, todas elas com letras alusivas ao regime: *"O sol nasce, o sol brilha / começamos a trabalhar. / Amamos o povo, amamos o trabalho. / Crescemos sob o sol do socialismo . . ."* Na saída, todos eles gritaram:

— Adeus, titios!

Mas há muitos operários da fábrica An San que moram em Pequim mesmo, de resto a pouca distância dali. O mesmo ocorre em outras cidades e outras fábricas. Os trabalhadores já ganham hoje o suficiente não só para viver (casa, comida, educação, assistência médica, etc.), como ainda para começar a consumir outros produtos.

As vitrinas das cidades estão cheias de artigos para o consumo. As roupas padronizadas são mais baratas e mais procuradas, mas começam a perder terreno para modelos mais atraentes, em cores e modelos novos. Uma calça custa entre 12 e 17 yuans. Uma roupa inteira, entre 20 e 40 yuans. Blusas femininas de algodão estampado custam entre 7 e 10 yuans. Vestidos inteiros (saia e blusa), entre 20 e 40 yuans. Um relógio comum, de pulso, fabricação chinesa, custa em torno de 40 yuans. Um relógio de qualidade melhor: 100 yuans. Um relógio *Omega*: 570 yuans. Uma bicicleta vale entre 100 e 140 yuans. Uma passagem de ônibus, de 0,04 a 0,06 (há cartões mensais mais baratos). Um sapato de couro para homem custa entre 7 e 15 yuans. De pano, com sola de borracha, entre 3 e 4 yuans. Uma entrada para cinema custa 0,05. Compra-se tudo à vista, porque o crediário não existe.

Contudo, rádios e vitrolas, máquinas de costura, máquinas de retratos e roupas cada vez melhores e mais bonitas estão hoje na ambição de todos. Os armazéns e supermercados, nas cidades e no campo, estão dia a dia mais sortidos. Enlatados novos surgem todas as semanas e uma florescente indústria de bebidas de todos os tipos já está implantada e dispõe de um círculo cada vez maior de consumidores: cerveja, vinhos, licores, aguardentes e até mesmo champanha. O chá continua a ser a grande bebida nacional, encontrável gratuitamente em qualquer local público, como aeroportos e estações de estrada de ferro, mas acabará perdendo um dia a sua hegemonia na China, segundo tudo indica.

As diversões são limitadas e quase inexistentes, além dos jogos e do esporte. Os chineses adoram

nadar, mas não podeem fazê-lo durante dois ou três meses por ano, por causa do clima. Esse tipo de exercício tornou-se nacional quando Mao Tsé-Tung atravessou o rio Yang Tsé à nado, a fim de incentivar a população à prática de exercícios. Há quadros e poemas alusivos a esse feito em toda parte da China. Ele começou num ponto e foi parar, do outro lado, quatorze quilômetros rio abaixo. Segundo os chineses, Mao já realizou a travessia do Yang Tsé mais de dez vezes. E até hoje, aos 81 anos, o Presidente chinês costuma nadar na piscina de sua residência. Os chineses também gostam de futebol (o Estádio de Pequim tem cerca de 150 mil lugares, e é supermoderno), de pinguêpongue e de basquete. Quase toda fábrica ou comuna dispõe de um clube, onde são realizadas as diversas atividades esportivas e culturais da coletividade. Há competições regionais, nacionais e internacionais de todas as modalidades de esporte, e ainda apresentações, nos palcos enormes desses centros culturais, de óperas, balés e grupos de teatro. Toda a atividade é motivada politicamente. As peças que mais fazem sucesso, hoje em dia, na China, são *A Tomada Sutil da Montanha do Tigre* e o *Destacamento Vermelho das Mulheres*. Em ambas as peças, também transformadas em temas para a Ópera de Pequim e para as orquestras sinfônicas de toda a China, e ainda filmes, contam-se episódios heróicos da guerra contra as tropas de Chiang Kai-Chek, em 1949, e da guerra civil de 1927, respectivamente. São trabalhos singelos artisticamente, mas de grande poder de propaganda, por sua forma direta e cheia de alusões ao passado miserável do povo chinês. Além disto, são acompanhadas de músicas que logo se tornaram extraordinariamente populares, cantadas por todo o povo, devido à sua beleza. Para a juventude, tais peças funcionam como os bangue-

bangues do Ocidente. Os bandidos são sempre os antigos adeptos de Chiang Kai-Chek. Os mocinhos, as tropas de Mao.

Fomos a duas representações teatrais em Pequim e em Xangai, e em ambas a presença do público era maciça. Centenas e centenas de pessoas ficaram de fora, por falta de lugares. Lâ dentro, uma sucessão de apresentações em torno da figura do Presidente Mao, de seus feitos, de sua contribuição para a felicidade do povo chinês.

Durante a visita a uma estamparia de tecidos, em Pequim, perguntamos o que poderia acontecer a um operário que faltasse ao trabalho. "Doente?", perguntou o responsável pela fábrica. "Não, falta por malandragem." Ele pensou e respondeu: "Acho que ele seria levado para uma discussão com a comunidade. Lá, ouviríamos suas razões e daríamos as nossas, pois não é direito faltar ao trabalho. Logo ele voltaria ao seu posto." Insistimos: "E se ele faltasse outra vez, por vários dias?" "Novamente seria levado à reunião, discutiríamos mais tempo. É alguém que precisa de ser esclarecido e ajudado."

"Mas se, apesar disto, ele continuasse a faltar ao trabalho?" "Faríamos uma reunião com sua família, com seus amigos, com todas as pessoas de suas relações. Ele seria obrigado a voltar ao trabalho." "E se, por fim, não tomasse jeito?" "Bem, estaria cometendo um crime. E como criminoso, seria preso." "E que aconteceria na prisão?" "Seria levado a muitas reuniões, todos os dias, até se recuperar. Não temos pressa, temos todo o tempo do mundo. Ao fim do tempo necessário, ele se recuperaria. Mesmo que isso durasse anos. . ."

O dirigente da fábrica explicou que na China não há dispensa, demissão ou suspensão de operários ou funcionários, e que todas as *questões trabalhistas* são resolvidas pela *persuasão,* tal como foi descrito acima - uma autêntica *lavagem cerebral*. . .

As condições de trabalho nas fábricas chinesas variam do excelente ao péssimo. Estivemos em fábricas modernas e em fábricas improvisadas, mas em todas elas o ritmo de produção é febril. Há metas de produção para cada fábrica, estabelecidas pelos ministérios respectivos, que são cumpridas sempre e não raro ultrapassadas. Isto se consegue em virtude de uma série de engenhosas invenções dos operários, que procuram aperfeiçoar cada máquina ao seu dispor. Abandonados pelos soviéticos num momento crítico, quando a maioria de suas fábricas estava sendo montada, os chineses tiveram que reinventar quase tudo. Máquinas antigas foram recondicionadas, máquinas novas foram melhoradas, com vistas a um aumento constante da produção. Há um sistema de competição entre as fábricas de uma mesma linha de produção, através da divulgação dos resultados obtidos. Assim uma equipe que bate recordes pode se tornar famosa em toda a China e ganhar para a sua unidade as admirações gerais. Há um caso típico: o da empresa de petróleo de Tatching. Essa equipe conseguiu, em três anos, erguer e fazer funcionar, no deserto, a primeira grande unidade de produção de petróleo da China, apesar das informações anteriores de que não havia petróleo naquela região, nem no país.

O exemplo de Tatching é hoje lembrado e admirado em toda a China, e serve como um modelo de dedicação. São os mitos da China de hoje. "Vamos produzir como em Tatching", dizem muitos cartazes espalhados

pelas fábricas chinesas.

Toda a produção das fábricas chinesas é entregue ao governo, por meio dos órgãos que deram as encomendas, e estes pagam os preços respectivos. No caso de uma encomenda para exportação, o órgão do Comércio Exterior que vendeu o produto estipula a quantidade, o prazo e as especificações. Sendo impossível àquela fábrica atender o pedido, em virtude de outras encomendas ou de falta de equipamento, o mesmo poderá ir para outra fábrica melhor aparelhada, ou ser dividido entre duas fábricas. Já a produção para consumo interno independe de encomendas prévias, uma vez que toda a produção possível já está de antemão vendida, tal a pressão da demanda em todos os setores.

O Escritor que Veio do Torno

As organizações chinesas, sejam elas industriais, agrícolas, culturais ou desportivas, são dirigidas por um Comitê Revolucionário, integrado por um número variável de pessoas (depende da estrutura e tamanho da entidade), à cuja frente está um Responsável, que é na verdade o Diretor, e alguns dirigentes de setores específicos. No caso de uma fábrica, por exemplo, poderá haver o Setor de Produção, o Setor de Controle, o Setor de Pessoal e assim por diante. Mas, qualquer que seja o número de setores, haverá sempre, também, um Setor Político, ou Setor Cultural, que se encarrega da doutrinação ideológica dos operários, de suas leituras, de seu lazer. É um cargo muito importante, porque de sua atuação pode depender o comportamento de operários e funcionários, e por conseguinte a maior ou menor produtividade dos organismos. Como existe sempre uma emulação entre as fábricas, as Comunas e todas as células produtoras da vida nacional chinesa, o estímulo

ao trabalho depende muito do desempenho do Setor Cultural ou Político.

Foi durante uma visita à Fábrica de Motores Diesel de Xangai, na periferia da cidade, que conheci o escritor-operário Fei Li-wen, de 44 anos, bastante famoso em toda a China. Fisicamente, parecia ter menos 10 anos. Ele nos foi apresentado durante o rápido encontro, na sala principal do Comitê, que sempre antecede qualquer visita, na China. Nas Comunas como nas fábricas, em geral a sala do Comitê é grande e nela estão dispostos alguns poucos móveis, entre os quais uma mesa comprida de reuniões e cadeiras. Nas paredes brancas, de um lado, o retrato de Mao Tsé-tung, e do outro, defronte, os de Marx, Engels, Lênin e Stalin. É rarissimo haver uma variação desse quadro. Quando os visitantes chegam, já estão preparados chá e cigarros. Mas, na Fábrica de Motores Diesel de Xangai, a sala onde nos receberam não tinha mesa comprida, nem cadeiras, e sim poltronas e sofás. Os costumeiros retratos lá estavam, nas paredes, e o chá fumegante não demorou muito a chegar. Feitas as apresentações, ofereceram-nos os aromáticos cigarros chineses. O Responsável se chamava Tsu Yien-chou e a dirigente do Setor de Administração, Ku Wen-yin. Fomos recebidos calorosamente, com palmas. Aquela era uma fábrica importante, que produzia gigantescos motores diesel para navios. O escritor Fei Li-wen ocupava justamente o cargo de chefe do Setor Político.

Fei Li-wen havia começado a trabalhar naquela fábrica em 1950, e era um veterano torneiro-mecânico. Ele mesmo conta:

— Comecei a trabalhar como aprendiz. Era meio analfabeto, e só sabia ler, e mal. Não sabia escrever

nem uma carta. Quando tinha que mandar notícias para casa, ia até ao Correio e pedia a alguém para escrever a carta. Era assim que minha familia sabia de mim. Um de meus maiores desejos era aprender a ler direito e a escrever, não apenas para poder enviar minhas cartas para casa, mas também para poder ler livros, jornais e revistas. Mas o dinheiro que eu ganhava como aprendiz na fábrica era muito pouco, e não dava para nada. Quando chegava ao fim do mês, o dinheiro sobrava apenas para cortar o cabelo e tomar banho. Não devia pensar em outras coisas. No entanto, pensava. Queria comprar um livro de verdade. Eu trabalhava 14 horas por dia e mesmo assim não sobrava um centavo. Quando fiz 16 anos, já ganhava um pouco mais e consegui juntar algum dinheiro extra para comprar um livro. Eu não queria um livro grande, cheio de ilustrações, como aqueles que a gente pode ver nas livrarias. Seria um sonho irrealizável. O que eu comprei era um livro pequeno, bem fino, que não custou muito caro, mas ensinava a ler. Naquela época, os patrões maltratavam os aprendizes. Eu morava no sótão da fábrica e estudava à noite com a réstea de luz que vinha da rua. Todas as noites ficava agarrado ao meu pequeno livro. Mas, acabei sendo descoberto pelo patrão. Ele vasculhou todo o sótão e rasgou o livro em minha frente. O patrão me xingou e disse que eu estava querendo comer um pedaço da Lua. Em outras palavras, ele queria dizer que eu tinha ido para a fábrica trabalhar, e não estudar. "Se você quer estudar, vá para a Universidade!"

Fei Li-wen contava a sua vida no meio dos outros, respondendo a perguntas que eu lhe fazia. Nós já tínhamos visitado toda a fábrica, onde víramos um quadro surpreendente: um motor diesel de 10.000HP. sendo construído num barracão de bambu e esteiras. É que a

seção para aquele tipo de motores ainda não estava concluida e os operários resolveram enfrentar o desafio de tentar construir o motor de 10.000 HP. em condições precárias. Conseguiram. Aquele motor que havíamos visto era o terceiro. O quarto, certamente já seria construido dentro do setor próprio, da fábrica, que estava em vias de conclusão. Essa proeza dos operários da Fábrica de Motores Diesel de Xangai tinha saido nos jornais, e todos os trabalhadores estavam muito orgulhosos. Tudo isto nos foi mostrado pelo Responsável Tsu Yien-yin e o escritor Fei Li-wen, que nos acompanharam durante a visita, Em cada setor da fábrica, chefes e operários eram chamados a nos dar explicações. Todos pareciam muito contentes em poder explicar seu trabalho aos visitantes estrangeiros.

Fei Li-wen continuou a contar:

— Só consegui aprender a ler depois da Libertação, na escola noturna desta fábrica. Levei três anos para aprender a ler e a escrever. Em 1952, fui premiado como o melhor aluno-operário da escola. Como aluno-modelo, fui convidado pelo professor a escrever um artigo contanto a minha experiência como estudante e trabalhador, para que fosse colocado no jornal-mural da fábrica. Eu escrevi o artigo, mas tive muito trabalho. Naquela ocasião, vieram visitar a fábrica alguns jornalistas do *Diário dos Trabalhadores*, de Xangai. Eles leram o meu artigo no jornal-mural e me procuraram. Disseram que tinham gostado muito do artigo e queriam que eu escrevesse uma reportagem para o jornal. Estava numa barraca, e fiquei muito perturbado com tudo aquilo. Afinal, eu era somente um operário e não poderia escrever num jornal de verdade. Eles retrucaram dizendo que eu poderia ficar como colaborador do jornal, porque escrevia muito

bem. É claro que deveria aprender ainda muito, mas já demonstrava inclinação para o jornalismo e a literatura. Fiquei espantado. Disse que só poderia escrever se a Direção da fábrica autorizasse, apesar de que eu não me achava capaz de escrever uma reportagem para o *Diário dos Trabalhadores* de Xangai. A Direção da fábrica autorizou. Fiquei sem saída. Naquele tempo, achava que só podia trabalhar no torno. Sabia trabalhar bem no torno e não me cansava executando as minhas tarefas. Mas escrever era muito dificil e sempre ficava com dor de cabeça quando tinha que escrever alguma coisa mais longa. Vendo minhas dificuldades, os dirigentes da fábrica me chamaram. "Li-wen, hoje nós somos os donos da fábrica. Você deve contar como nós vivemos e como trabalhamos", eles disseram. "Devemos trabalhar e escrever, porque temos também que ter cultura. Somos donos das fábricas e podemos também produzir cultura. Os operários que sabem escrever bem, como você, devem descrever o nosso trabalho e falar de nossos pensamentos e do que desejamos." Depois desta conversa, lembrei-me da velha sociedade em que eu havia vivido, quando nem as fábricas nem os jornais pertenciam ao povo. Ora, se somos hoje os donos das fábricas e os nossos jornais estão a serviço do povo, então minha obrigação é escrever.

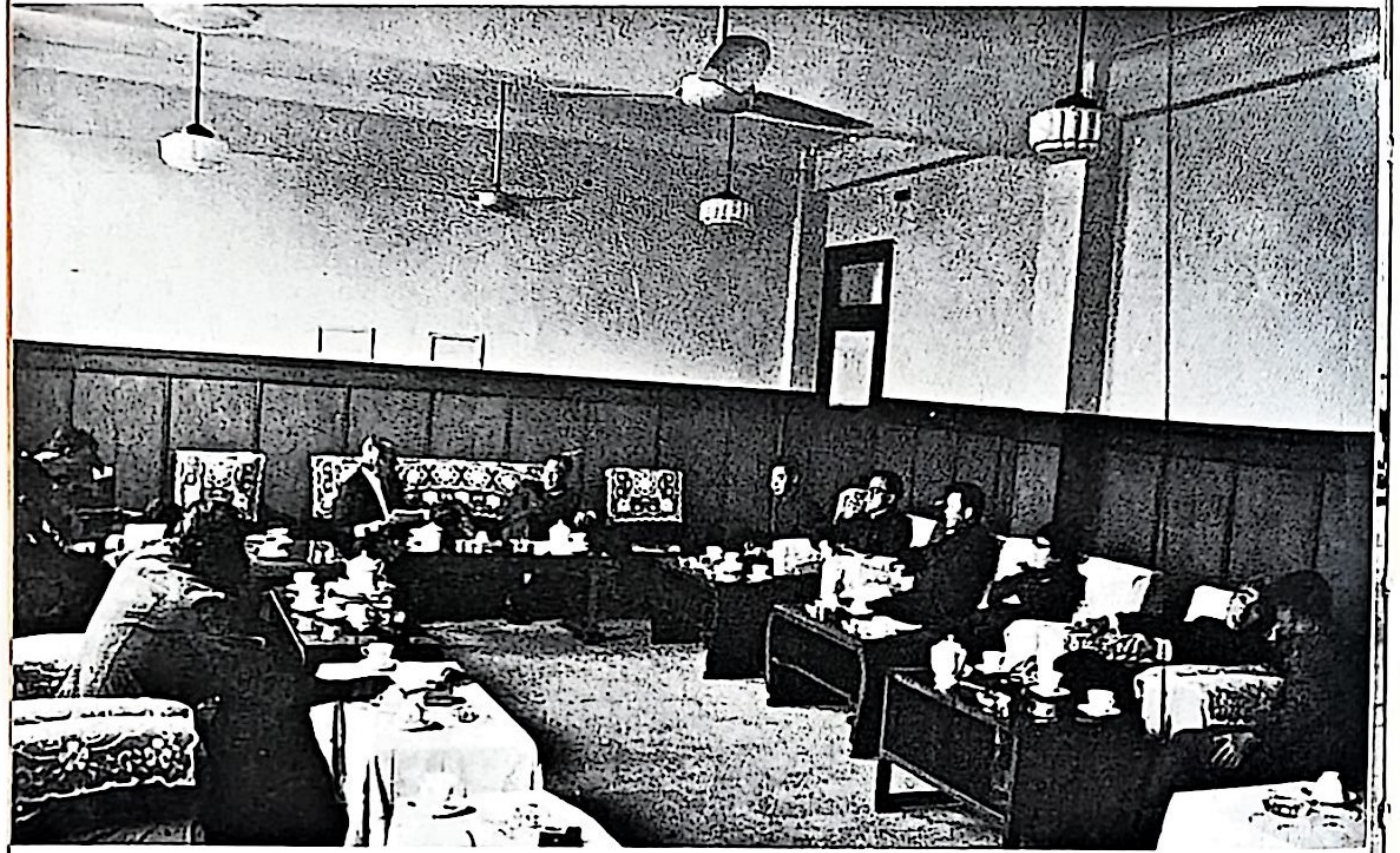
Enquanto Fei Li-wen falava, os outros balançavam a cabeça, aprovando. Eu tomava nota de tudo e eles procuravam facilitar ao máximo o meu trabalho. De vez em quando, traziam mais chá quente para mim e cigarros. Lá fora estava frio e chovia. Durante a visita à fábrica, tomáramos quase um banho. Mas ali dentro estava quente, o chá era saboroso e aromático e as fisionomias sorridentes dos chineses acompanhavam

tudo, os olhinhos miudos e pretos saltando de Fei Li-wen para mim, e vice-versa, enquanto a conversa prosseguia. Pensei comigo mesmo se aquela cena já não teria sido representada outras vezes antes, para outros jornalistas. Mas tudo parecia muito autêntico e real. . Além do mais, se ele era escritor mesmo, não fazia diferença. Perguntei quantos livros já tinha escrito.

— Bem, comecei escrevendo aquela reportagem. Foi muito duro. O meu trabalho não deveria ser muito longo. Recebi um bloco de papel dos jornalistas e a recomendação de que escrevesse sobre a vida da fábrica: como era organizado o trabalho, o que os operários faziam durante as horas de lazer, as preocupações da comunidade e o que inventavam para melhorar a produtividade. Peguei o bloco em branco e escrevi a primeira palavra. Não me pareceu bem e rasguei a folha. Escrevi outra palavra noutra folha. Rasguei também. No fim de algumas horas, tinha rasgado o bloco inteiro. Então pensei em comprar outro bloco para indenizar os jornalistas. Cheguei até meia-noite nessas tentativas. Acabei não escrevendo nada. Fiquei com uma tremenda dor de cabeça. No dia seguinte, comuniquei aos dirigentes da fábrica que não havia conseguido escrever a reportagem. Fui muito admoestado. Me disseram que eu deveria escrever não para mim, mas em prol da classe operária. Tomei um *sabão* em regra. "Escrever é como trabalhar. Tem que haver disciplina tanto num trabalho como noutro. Escreva sobre a vida de seus companheiros. Sobre suas conquistas." Sai dali cheio de preocupações, mas firmemente decidido a concluir o meu trabalho jornalístico. Levei uma semana para escrever uma reportagem de 50 palavras. . . Os jornalistas disseram que, das 50 palavras, sete estavam erradas e seis tinham sido inventadas. . .

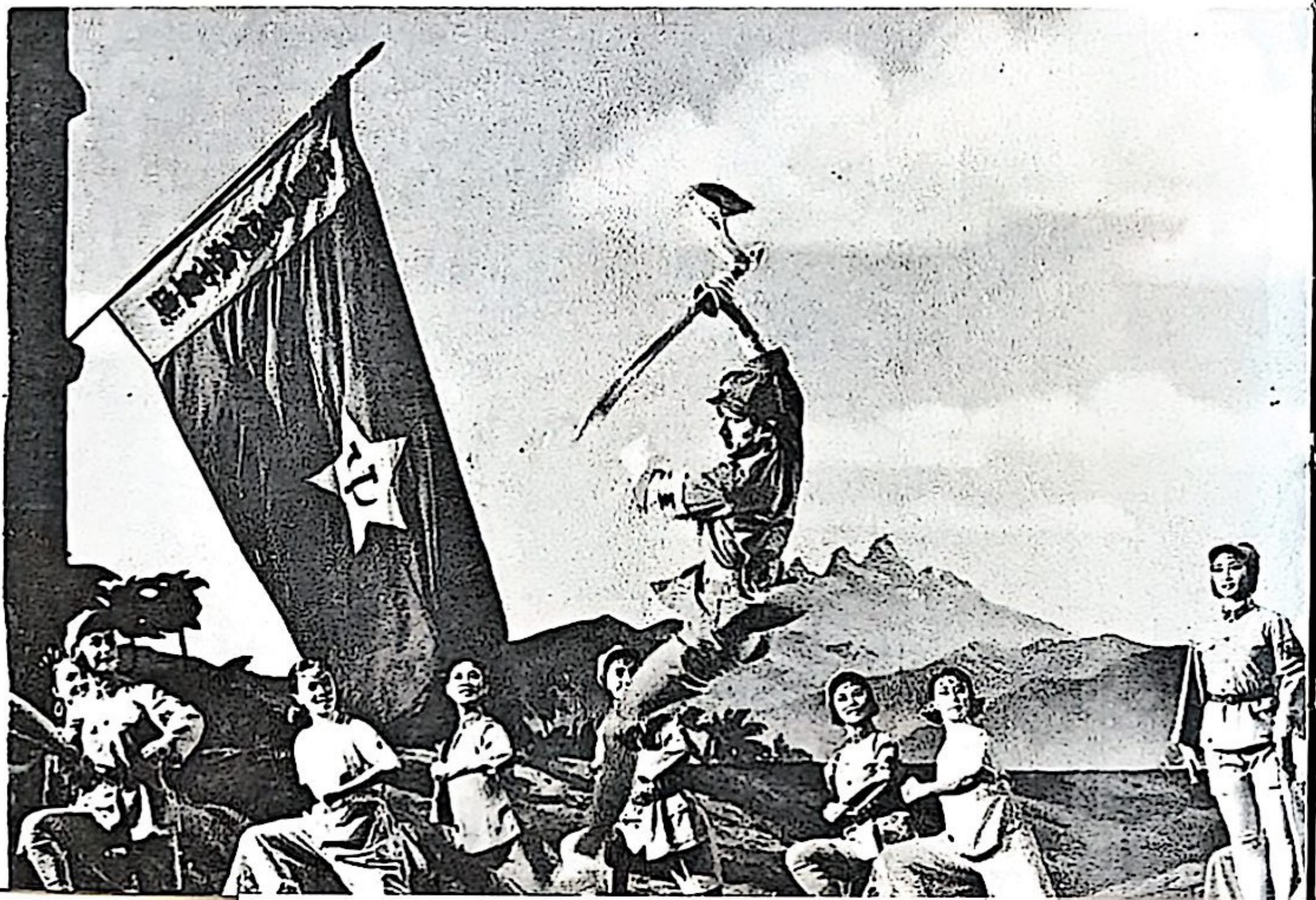
A primeira Missão Comercial Brasileira no Palácio Imperial de Pequim.
A primeira Missão Comercial Chinesa no Palácio Itamaraty, em Brasília.

Os primeiros contatos da Missão Comercial Brasileira foram com o Conselho Chinês para o Fomento do Comércio Exterior, em Pequim. O industrial Giulite Coutinho e o vice-presidente Weng Wen-li (acima) mantiveram diversos encontros. Abaixo, uma reunião dos brasileiros com os chineses, na sede do Conselho. Aqui nasceram os entendimentos que culminariam, menos de dois anos depois, no reconhecimento diplomático da China pelo Brasil.

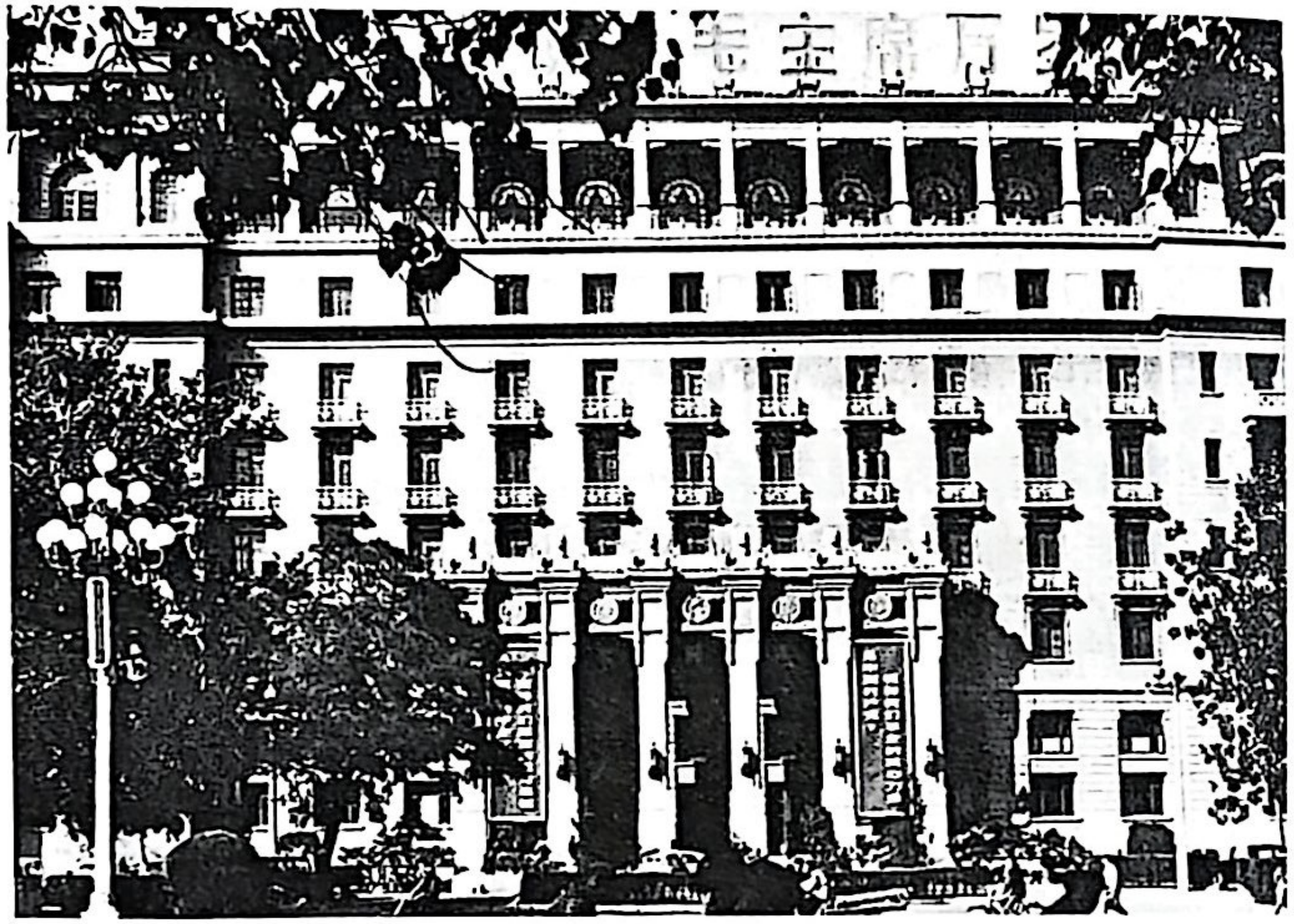


A visita ao Brasil da Missão Comercial Chinesa apressou o reconhecimento da China. O Chanceler Azeredo da Silveira conduziu todas as negociações que levaram ao estabelecimento de relações diplomáticas e, no final, apresentou o Vice-Ministro do Comércio Exterior Chen Chieh e sua comitiva ao Presidente Ernesto Geisel.

A acupuntura é ensinada até nas escolas e adotada por tôdo o povo. Os espetáculos têm sempre conteudo político e descrevem proezas revolucionárias.



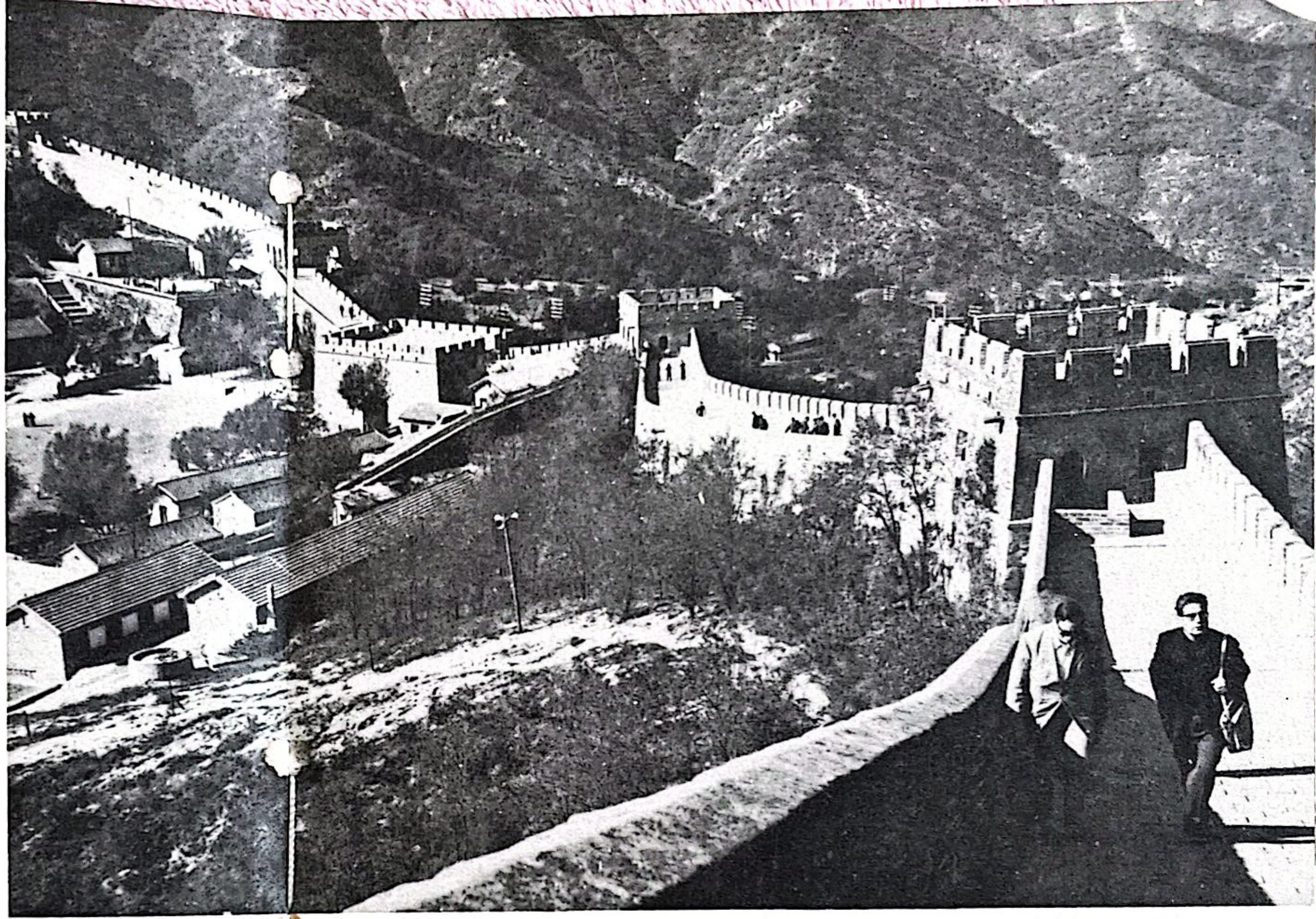
As lojas chinesas são bem sortidas de artigos que estão ao alcance do poder aquisitivo da população: simples e baratos. O culto a Mao é uma constante de todas as gerações.



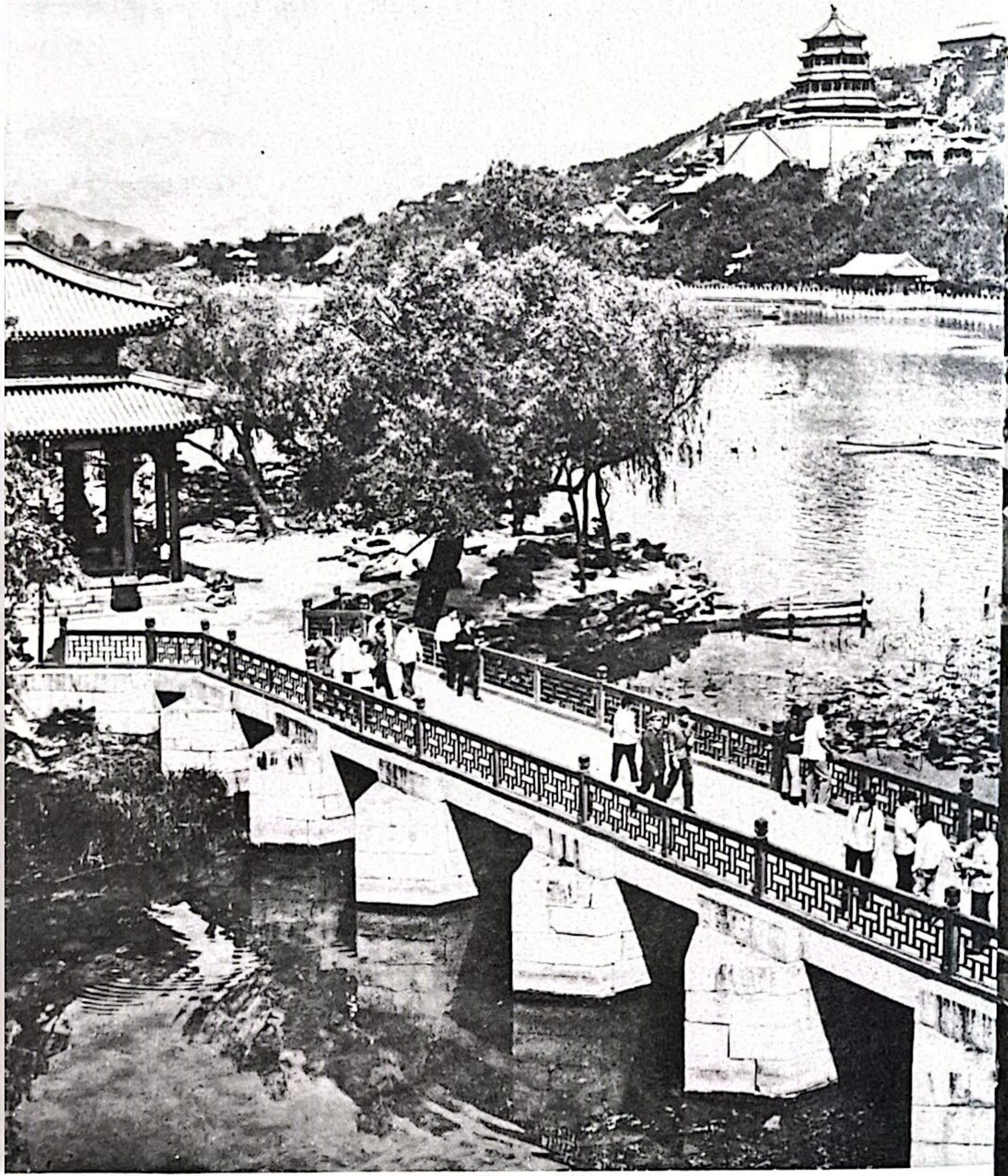
O Hotel Pequim é um dos maiores e melhores da capital, mas não o mais moderno. Sofreu várias reformas e oferece bastante conforto aos hóspedes. Os estudantes abaixo esperam na praça do Tien An Men uma visita ao Museu Imperial, na Cidade Proibida.

A avenida Changan é a principal de Pequim e corta a cidade de um extremo ao outro, passando pelo Tien An Men (Portão da Paz Celestial), onde se situam os modernos edifícios do Congresso do Povo e do Museu da Revolução, bem como a entrada para a Cidade Proibida.

A China oferece contrastes surpreendentes ao visitante. As ruas de Xangai estão permanentemente cheias e no rio Wang-Po, que banha a cidade (considerada pela ONU a maior do mundo em população), os juncos tradicionais convivem com modernas embarcações. A Muralha da China (2.300 km de extensão, construída no ano 200 A.C.) é uma das maravilhas do mundo antigo e a ponte sobre o Rio Yang-tsé (que divide a China em duas partes) é obra que orgulha os chineses modernos.

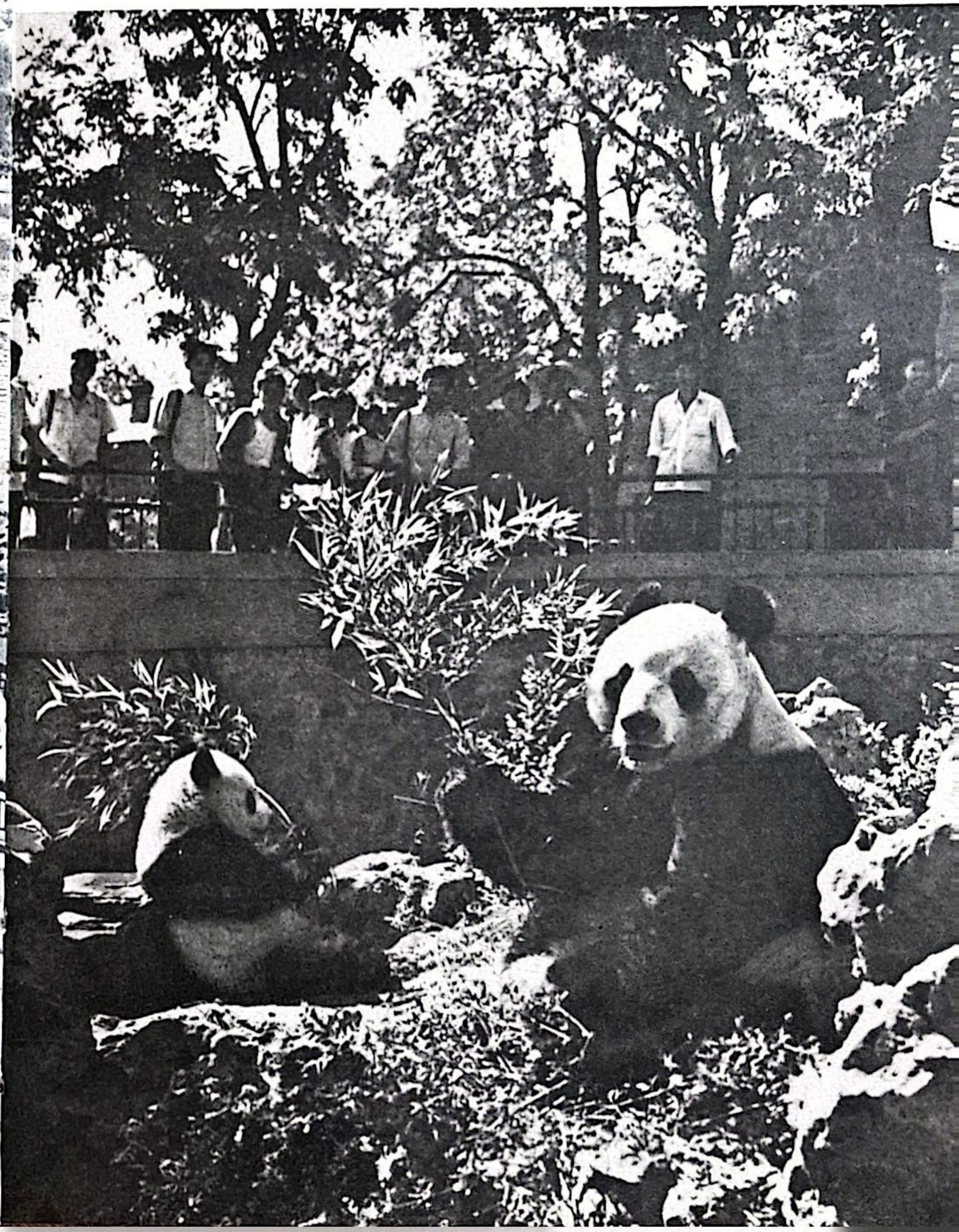


A infancia é bem assistida na China de hoje e as crianças frequentam desde cedo as creches das fábricas ou das comunas. A educação é obrigatória e gratuita em todos os níveis e a saúde é uma preocupação geral. Todos fazem ginástica várias vezes ao dia, em qualquer lugar, com gestos lentos e quase rituais.

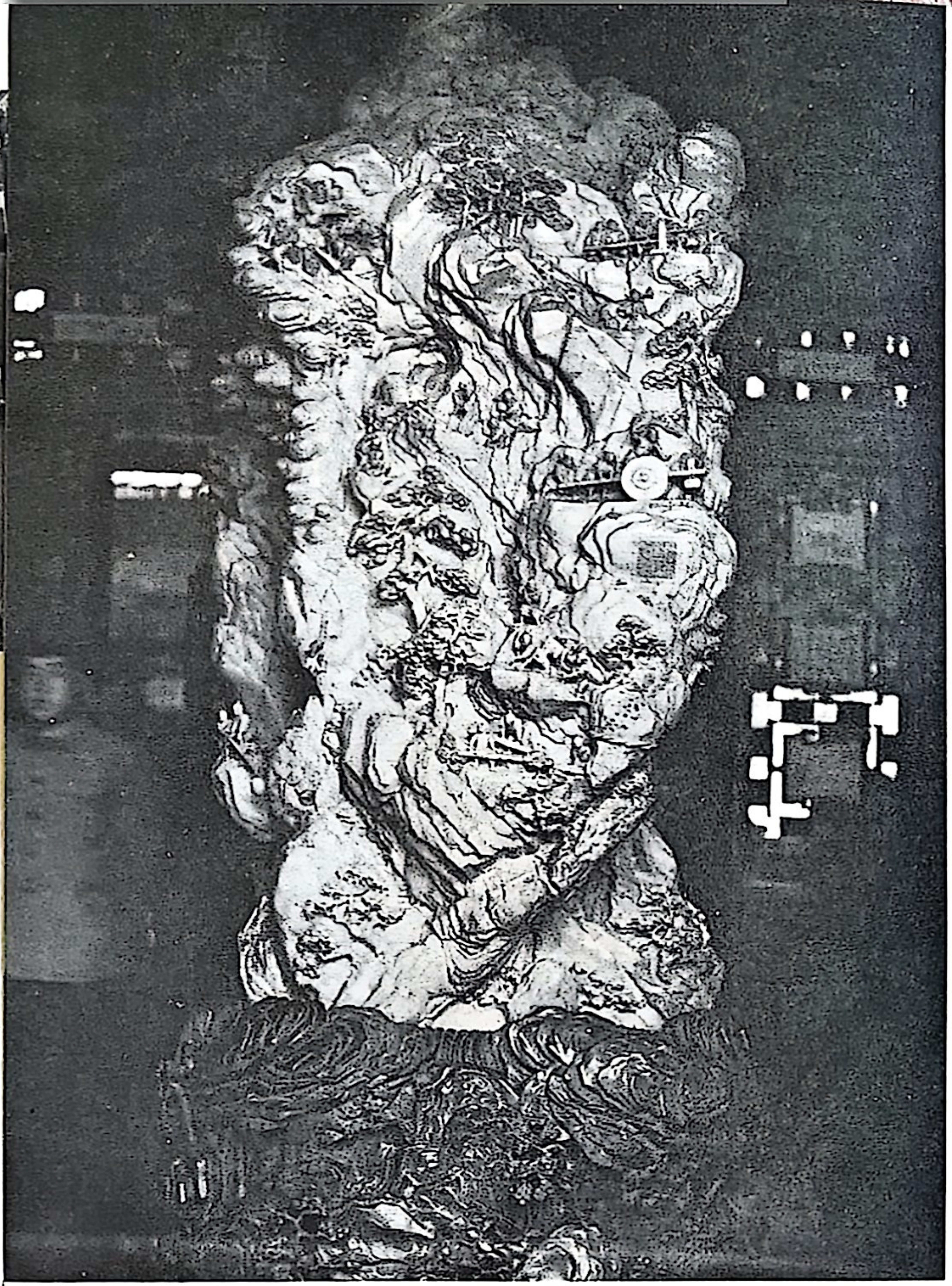


O Palácio de Verão de Pequim, construido em 1759, era uma das residencias dos Imperadores Tsing. Compõe-se de um conjunto de edificações (pavilhões e pagodes) que se espalham em torno do magnífico lago artificial. Hoje, é um parque público.

O Jardim Zoológico de Pequim é famoso no mundo inteiro pela variedade de animais que possui — cerca de 300 espécies diferentes. Mas nenhum de seus habitantes desperta tanta atenção quanto as pandas gigantes, raras e belas.



Nas grandes como nas pequenas cidades chinesas, os meios de transporte mais popular são as bicicletas e os triciclos, inclusive em Pequim, que já possui metrô. Os automoveis servem apenas aos organismos oficiais ou aos membros cada vez mais numerosos das representações diplomáticas e comerciais estrangeiras.



Este enorme bloco de jade — o maior jamais visto em todo o mundo — é uma das atrações do Museu Imperial de Pequim. Pesa duas toneladas e seu valor é incalculável. A peça é minuciosamente esculpida e mostra uma montanha, com suas árvores (até folhas!), caminhos e um grupo de pessoas que busca o seu topo...

Todos riram, ele continuou:

— Afinal, a reportagem foi publicada. Os jornalistas do *Diário dos Trabalhadores* disseram que, apesar dos erros, eu tinha um "estilo artístico". Esse artigo causou grande repercussão na fábrica. Todo mundo achava que um operário que sabia escrever e podia publicar uma reportagem num jornal de verdade era um fenomeno. . . Estávamos em 1952 - três anos apenas após a Revolução - e porisso todos se espantaram tanto com o operário-escritor. Fui muito cumprimentado e todos na fábrica ficaram orgulhosos. Comecei então a produzir mais frequentemente. Escrevi pequenos artigos, reportagens, contos, romances e até um roteiro de cinema. Já tenho três seleções de contos publicadas, cinco roteiros de cinema e uma peça de teatro, além de dois romances. Parte de minha obra está traduzida em oito idiomas estrangeiros. E tudo isto se deve ao Presidente Mao. Se não fosse ele, eu ainda seria um operário ignorante, como antes. Como os meus pais, que foram maltratados e explorados. Hoje em dia, trabalho e escrevo. Estou longe de ser um grande escritor, mas procuro melhorar sempre. Agora, aqui nesta fábrica, há mais de 100 operários que escrevem.

Fei Li-wen é membro do Conselho da Associação de Escritores da China, um título muito importante. Sua especialidade é a vida dos operários metalúrgicos e siderúrgicos. Seu primeiro livro foi publicado pela Editora Literatura e Arte, de Xangai. Era uma coletânea de artigos e contos recolhidos dos jornais. Depois de publicado o livro, Fei Li-wen recebeu o pagamento dos direitos autorais. Mas não quis ficar com ele. Doou a quantia à Casa Cultural dos Operários. Seus livros são publicados em geral com tiragens entre 80 e 100 mil

exemplares. Mas o seu terceiro romance, que se intitula *A Primavera Antecipada*, foi lançado com uma tiragem de 200 mil exemplares. Para concluir a entrevista, perguntei se ele costumava ler autores ocidentais.

— Muito poucos - respondeu.

— E quais os autores que você conhece do Ocidente?

— Da literatura russa, Dostoiewski e Tolstoi. Na Inglaterra, Dickens. Na França, Balzac. E no Chile, Neruda.

Ao se despedir, Fei Li-wen, o escritor-operário, que pouco antes fizera questão de tirar uma foto junto ao seu antigo torno, disse:

— Eu agora estou escrevendo uma boa história. É sobre a epopéia da ponte que atravessa o rio Yang-tsé. Diga em seu país que nós, na China, estamos dispostos a colaborar com todos os povos do mundo, inclusive o Brasil, para o êxito geral.

A Universidade de Pequim e a Revolução Cultural

Uma das instituições mais difundidas da China de hoje é o jornal-mural, ou *ta-tzu-pao*. Qualquer fábrica, qualquer comuna, qualquer escola, por menores que sejam, têm o seu jornal-mural. E até as universidades o adotam. No *ta-tzu-pao* são afixados não apenas documentos das entidades, notícias de acontecimentos sociais, desportivos, culturais e políticos, mas ainda artigos assinados e comentários não assinados, que podem ser tomados por verdadeiros editoriais. Talvez seja o jornal-mural, depois do sistema de auto-falantes existente em todo o país, o meio mais eficiente de comunicação de massa. Nem mesmo os jornais, cujas tiragens vão a dezenas de milhões de exemplares por dia (só o *Diário do Povo*, de Pequim, tira quatro milhões de exemplares diários), têm o poder de penetração dos jornais-murais. E foi justamente num jornal-mural da Universidade de Pequim, a mais célebre de toda a China, que um artigo - dizem que escrito pelo próprio presidente Mao Tsé-tung - deu início a uma tempestade política interna, logo batizada de Revolução Cultural e Proletária. Foi no dia 25 de maio de 1966 e, a partir de então, tudo mudou na China. Não uma mudança tão radical como a que ocorreu no país a partir de 1949, mas, sem dúvida, uma nova revolução dentro da revolução. Para compreender o que

ocorreu, e porque ocorreu, será necessário um mergulho profundo nas raízes do regime chinês, ou ao menos uma avaliação do que vinha acontecendo até aquela data. De um ou de outro modo, chegaremos a uma só conclusão, que os próprios chineses, hoje, já não escondem: a luta de classes continuou na China, após 1949, talvez devido à própria estrutura do regime implantado.

A bandeira chinesa é vermelha e, no canto esquerdo, ao alto, ostenta uma estrela grande e quatro pequenas, todas amarelas. A estrela grande simboliza o Partido Comunista. As pequenas, os operários, os camponeses, a burguesia nacional e a pequena burguesia. Nesta ordem de importância. Segundo muitos ideólogos chineses, a Revolução de 1949 foi demasiado liberal. . . porque deixou que as duas últimas classes - burguesia nacional e pequena burguesia - participassem do governo. Esse liberalismo inicial tinha gerado contradições inconciliáveis, que se agravavam a cada dia e prejudicavam o desenvolvimento do país. O presidente da China, Liu Chao-shi, era ele próprio um representante das tendências burguesas e capitalistas que precisavam ser combatidas. O presidente do Partido, Mao Tsé-tung, encarnava a resistência a essa *via revisionista*, ou o princípio da *revolução permanente*. Por isso lhe atribuem o artigo que, depois de afixado no jornal-mural da Universidade de Pequim, desencadeou a maior onda de agitação jamais vista no país, nos últimos 17 anos. Os estudantes da Universidade de Pequim ergueram bem alto a bandeira da Revolução Cultural e Proletária e, a partir dali, como um rastilho de pólvora que partisse em todas as direções, os choques ideológicos e as lutas propriamente ditas abalaram a China e repercutiram no mundo inteiro. Algo de grave se passava no interior do silencioso gigante amarelo. . .

A Universidade de Pequim ficou fechada de 1966 a 1970. E quando reabriu, em setembro daquele ano, era uma nova universidade, tão diferente da anterior quanto esta o fora da outra, a de antes da revolução, onde só estudavam os privilegiados que se tornariam a elite intelectual e dirigente da China. Não havia nenhuma possibilidade de um operário ou camponês chegar a pisar o sagrado solo daquele epicentro da milenar cultura chinesa. Depois de 1949, o acesso à Universidade de Pequim ficou mais difícil para os estudantes oriundos das antigas classes altas chinesas, enquanto era aberta - pelo menos teoricamente - aos filhos de operários e camponeses. É claro que estes não puderam, da noite para o dia, galgar os degraus necessários para chegar tão alto. A Universidade de Pequim continuou a ser, nos anos seguintes, um reduto fechado, porque o sistema do vestibular, sobreviveu à revolução, e a influencia da burguesia nacional e da pequena burguesia, também. Pelo menos, naquele nível de ensino. De qualquer modo, a Universidade de Pequim não era uma universidade proletária ou camponesa. . . O ensino, que havia sido ligeiramente modificado a partir de 1949, pouco a pouco voltou às bases antigas. Explica-se: a Universidade de Pequim sempre foi um tradicional centro de ensino de literatura, artes, línguas e ciencias. Sua fantástica biblioteca é composta de 2.700.000 livros, dos quais 800 mil em língua estrangeira . Em suma, uma fábrica de intelectuais e não uma fábrica de técnicos, como seria mais condizente com o regime.

Foi pensando nisto tudo que fui visitar a nova Universidade de Pequim. Queria conversar com professores e estudantes, saber de que maneira tinha se processado, na prática, a Revolução Cultural. Um dado

curioso é que, no Ocidente, poucas vezes se fez referencia à designação completa do movimento: a Grande Revolução Cultural *e Proletária*. Uma pequena omissão, mas de grande significado. Porque é na *proletarização* do ensino superior, para valer, que está a explicação de tudo. Não por acaso foi escolhida a Universidade de Pequim para ser acendido o estopim. Só que a explosão foi maior do que se poderia esperar. . . O artigo de Mao Tsé-tung (embora não assinado) no *ta-tzu-pao* de uma universidade cheia de prestígio não só na própria China como ainda no exterior, deveria sacudir a estrutura bolorenta do ensino universitário, animar o ensino secundário e ativar as massas camponesas e proletárias no sentido de buscar níveis mais altos de cultura. E afinal de contas, um choque sempre foi o tratamento ideal para curar certos estados letárgicos. Segundo os próprios chineses, era esta a situação da China em 1966. O choque, por conseguinte, se impunha e deveria dar os resultados previstos. Só que ninguém pensou que os seus efeitos se multiplicariam com tanta intensidade e tão rapidamente, agitando o país inteiro e o seu povo, por vários anos consecutivos. A revolução dentro da revolução fora profunda, tendo em vista o grau de politização do povo. E ultrapassou de muito os limites inicialmente previstos, ameaçando a própria segurança do regime e do governo, este de resto duramente atingido com a destituição de Liu Chao-shi, o presidente, e de todos aqueles que formavam o seu esquema.

A Universidade de Pequim fica nos arredores da capital chinesa, num local - sem medo da palavra - parasidíaco. Uma vegetação intensa, lagos, pagodes e, bem espaçados, os prédios das diversas faculdades e outras dependências, como alojamentos (os estudantes vivem na universidade), restaurantes, biblioteca, etc.

Todos os edifícios, mesmo os mais novos, foram construídos de acordo com os padrões da tradiciona arquitetura chinesa. O *campus* é imenso, e para uma visita normal, no espaço de uma manhã ou de uma tarde, é necessário usar o carro para ir de um local a outro, ou não se verá tudo. Mas pode-se caminhar entre os edifícios mais próximos, que são justamente os que estão em junto ao lago artificial. Olha-se em torno e a impressão que o visitante tem é de um mergulho no tunel do tempo - a velha China (aquela dos cartões postais e das gravuras da infância) rediviva. A quietitude e o silencio envolvem tudo, e os estudantes e funcionários passam como se flutuassem. Mas, de repente, chega-se ao edifício central da administração e uma enorme estatua de Mao lembra que a China antiga é apenas uma recordação e que os 800 milhões de chineses não estão mesmo dispostos a voltar ao passado. Dali partira a palavra de ordem da Revolução Cultural e Proletaria, que reativara o país e reforçara o regime. Do seu *ta-tzu-pao* voaram palavras incendiárias. . . O que estaria acontecendo ali agora, depois que a nação chinesa voltou à calma e começa a dialogar com o mundo?

Quando a nossa camioneta chegou, três ou quatro chineses já nos esperavam. A cordialidade e o calor de sempre, sorrisos, algumas palavras já inteligíveis, à força da repetição: "*Nirau?*" - "Como vai?" Esqueci de anotar os nomes dos estudantes que me receberam, segundo vejo nos meus rascunhos. Mas não importa. Logo estávamos sentados à uma mesa e a primeira informação importante nos foi transmitida:

— Agora, a Universidade de Pequim também tem o seu Comitê Revolucionário. E, com isto, começou aqui também a revolução educacional que já deveria estar implantada em toda a China desde 1949. A Univer-

sidade de Pequim, fundada em 1898, é composta de 17 faculdades, nas quais se estudam 64 especialidades. Os estudantes são em número de 4.300. E os professores, 2.200.

Ficamos surpresos com a desproporção: quase um professor para cada dois estudantes. . .

— Sim, mas nós estamos apenas recomeçando. Normalmente, a Universidade de Pequim pode acolher até 10 mil estudantes. Mas ela esteve fechada por mais de quatro anos. Há 30 por cento de mulheres.

— O que mudou, basicamente?

— No que diz respeito ao ensino? Continuamos a manter as faculdades de letras, línguas, filosofia, história, ciências. Mas o ensino agora é mais prático. Aqui se estudam 16 línguas estrangeiras, e os nossos alunos saem realmente conhecendo tudo - inclusive a respeito dos respectivos países. . . Ensinamos as principais línguas ocidentais, como francês, inglês, alemão, espanhol e português. E também russo, japonês, etc. Nós temos uma faculdade só para o russo. E outra só para línguas orientais, onde são ensinados árabe, mongol, coreano. . . A Universidade de Pequim tem uma história fascinante e é conhecida no mundo inteiro. Este *campus* já foi, já na época feudal, um jardim fidalgo. Construiram depois uma universidade a serviço das classes dominantes de então. Mas temos uma tradição revolucionária muito grande. Os estudantes da Universidade de Pequim se orgulham de que o Presidente Mao tenha estudado aqui, de 1918 a 1920, quando ajudou a difundir o marxismo entre os jovens. E foi o berço do movimento revolucionário de 4 de maio de 1919, quando seus estudantes sairam às ruas e lançaram a palavra de ordem: "Abaixo o

imperialismo e abaixo o feudalismo!" Depois de 1949, o ensino melhorou, mas em virtude da linha revisionista de Liu Chao-shi os ensinamentos de Mao não eram cumpridos. Em 1966, os estudantes e professores contrários ao revisionismo que imperava na universidade tomaram o poder de suas mãos. Passaram, eles próprios, a dirigir a universidade, em meio a uma grande crise, e esta foi fechada. Mas, estava declarada a guerra aberta aos dois caminhos. . .

Os chineses chamam de *dois caminhos* as posições então defendidas por Mao Tsé-tung e Liu Chao-shi, a primeira mais dura, a segunda mais liberal, em relação aos diversos problemas internos da China, sobretudo na agricultura. Essas duas posições conviveram durante muitos anos, e é agora referida como uma das contradições internas do socialismo chinês, naquela época, e como um exemplo vivo de que a luta de classes pode existir mesmo dentro de um país socialista. Há uma literatura abundante na China sobre essa luta ideológica interna, que culminou com a vitória de Mao, como sempre, hábil estrategista. O problema maior era no campo, mas a fagulha foi acesa numa famosa universidade. . .

Entre os chineses que nos haviam recebido e com os quais conversávamos, estavam o responsável administrativo do Comitê Revolucionário e um professor de Jornalismo da Faculdade de Literatura. O primeiro começara a dar as informações e respondia, agora, às perguntas. Ele continuou:

— No dia 19 de agosto de 1968, as equipes de propaganda do pensamento do presidente Mao, composta de operários de Pequim, de estudantes - designados como *guardas vermelhos* - e de membros do Exército Popular de Libertação, entraram na Universidade e

dirigiram a reforma. A primeira medida foi a criação de um Comitê Revolucionário, que começou a funcionar um ano depois, em setembro de 1969. Neste espaço de tempo, reorganizaram-se as bases do ensino e, principalmente, os critérios para o ingresso na universidade.

— Com a extinção do vestibular, como passaram a ser selecionados os estudantes?

— Pelo Comitê de Planejamento do Estado. Este recebe indicações e examina as qualificações dos candidatos. Depois os aprova ou não. Os aprovados são mandados à universidade.O mais importante, porém, é que agora os futuros universitários são escolhidos entre os operários, os camponeses e os membros do Exército Popular de Libertação. É necessário que tenham curso secundário e pelo menos dois anos de prática num desses setores de atividade. Devem ter em torno de 28 anos de idade e boa saúde.

— Como são escolhidos?

— Por intermédio de candidatura pessoal ou indicação do comitê local do trabalho. Por exemplo, se um operário acha que tem capacidade para cursar a universidade e preenche os requisitos exigidos inicialmente, pode traçar um plano do que pretende estudar e, em seguida, se inscrever na lista que todos os anos é enviada ao Comitê de Planejamento do Estado. Também pode acontecer que os dirigentes de uma fábrica, de uma comuna popular ou de um destacamento do Exército achem algumas pessoas capazes e as indiquem na lista, desde que estejam também dentro dos padrões referidos. As listas não são enviadas logo. Antes, há sempre reuniões para discutir as indicações, em vários níveis: na unidade de trabalho, na entidade geral e na província. A lista

final, depois de muito discutida e examinada, segue para o Comitê de Planejamento. O número de estudantes a serem escolhidos é fixado através de quotas para as diversas províncias do país. Depois que o estudante é aceito, passa a viver na universidade, onde dispõe gratuitamente de alojamento, alimentação, material de estudo, assistência médica, etc. Tudo por conta do Estado. E cada estudante ainda recebe uma bolsa de 19,50 yuans, para despesas pessoais. Após o curso universitário, é designado para uma unidade de produção e passa a ganhar o salário normal para a sua profissão.

— Quantos anos se estuda na Universidade de Pequim?

— Antes, cinco ou seis anos, dependendo da faculdade. Agora, entre três e quatro anos. O estudo foi concentrado e também tornou-se mais prático e objetivo. Anteriormente, a teoria e a prática estavam separadas. A preocupação maior agora é integrar a teoria e a prática. E esta com a produção. Para conseguir isto, ampliamos a universidade, que agora possui hospitais e laboratórios completos para o estudo da Medicina, e até fábricas de produtos eletrônicos, por exemplo, para os que querem seguir Eletrônica. Os estudantes de Arte e Literatura têm a sociedade em si como uma grande sala de aula. Eles vão às fábricas, às comunas populares, ao Exército e ás lojas para estudar o comportamento de cada comunidade, seus problemas, seus desejos e suas realizações. Os estudantes de Jornalismo começam logo a fazer jornais e revistas, a trabalhar nas rádios e na televisão. O nosso plano é aumentar cada vez mais o tempo dedicado à prática, até um terço do curriculo.

Quando fomos visitar as instalações da Universidade de Pequim, houve um momento em que

levamos um susto. Entramos numa sala de aulas, repentinamente, e nos deparamos com uma platéia de alunos fardados com o uniforme verde característico do Exército Popular de Libertação. Era uma sala da Faculdade de Engenharia, e os alunos provenientes dos meios militares eram a esmagadora maioria. Fomos rapidamente apresentados, o professor explicou o que estava ensinando e saímos. Num outro prédio, entramos noutra sala e vimos uma verdadeira linha de montagem de televisores. . . Fomos ainda a laboratórios, à biblioteca (onde há manuscritos do século VII e folhas impressas do século X) e conversamos com alguns estudantes. Os alunos vêm das mais distantes e diferentes províncias da China, e ficam na Universidade durante os nove meses de estudo de cada ano. Os restantes três meses são divididos assim: um mês de férias de verão, um mês de férias de inverno e um mês de trabalho no campo ou na indústria. Os estudantes originários de Pequim podem passar os domingos em casa.

O responsável pelo Comitê ainda nos explicou, de maneira pitoresca, o atual método de ensino adotado nas universidades chinesas:

— Os senhores, certamente, conhecem a história do pato laqueado de Pequim, uma especialidade da cozinha chinesa. O pato é criado em condições excepcionais, para que cresça bastante, engorde e tenha a carne macia. Ele não come sozinho, quando tem fome, mas é alimentado à força, com a quantidade necessária de comida, que é empurrada guela abaixo, todos os dias, várias vezes ao dia. . . O mesmo acontecia com o ensino na China. Nós usávamos o método de *forçar a comer*. Agora, temos o sistema da *elucidação*: os estudantes estudam sós, primeiro, e depois vão para as aulas, onde

discutem todos os pontos, esclarecem suas dúvidas e fazem perguntas. Para isto, recebem o material de cada aula com antecedência. Os professores, por seu turno, ao invés de conduzirem as aulas por conta própria, são obrigados a dá-las levando em conta os pontos de vista dos alunos, o que resulta numa maior participação de todos. Além disto, há reuniões periódicas de professores, alunos e quadros formados, para discutir possíveis falhas, novas descobertas ou conhecimentos mais atuais, como também o comportamento de todos na universidade. Procuramos reunir, em cada qual, a virtude, a cultura, o físico e a capacidade social.

A Universidade de Pequim ocupa uma área de 145 hectares e possui 350 mil metros quadrados de área construida. A paisagem mais bonita e mais tipicamente chinesa do local é a do lago artificial com um pagode ao fundo. Não tínhamos ido ao pagode e perguntei ao intérprete o que havia ali dentro. Ele sorriu e explicou:

— É o depósito de água da universidade...

O Milagre da Acupuntura

A acupuntura faz parte da preciosa herança que constitui a medicina tradicional chinesa. Ela é um método de tratamento altamente apreciado pelo povo, em virtude de ser simples, seguro e aplicável em numerosos casos, cujos resultados rápidos e benéficos não custam praticamente nada. Durante dezenas de séculos, a acupuntura desempenhou um papel importante na cura de doenças e na proteção da sáude das massas chinesas, e sua repercussão chegou vagamente ao estrangeiro. Em tempos passados, quando ainda não tinha sido inventada a metalurgia, a acupuntura era feita com uma lasca de pedra pontuda, que se chamava *pien*. De acordo com a célebre obra *Chuo Wen Tsié Tsé (Dicionários dos Caracteres), organizado sob o reinado da Dinastia Han (entre os anos 206 AC e 220 da nossa Era), pien* significava curar uma doença através da picada de uma pedra pontiaguda. O tratamento era aplicado comprimindo-se ou picando-se uma determinada parte do corpo humano. Este foi o começo da acupuntura. À medida que a sociedade primitiva avançava, os métodos foram se modificando. Em lugar da pedra pontiaguda

passou-se a usar verdadeiras agulhas de osso ou de bambu. Mais tarde, quando os metais se tornaram conhecidos, passaram a ser empregadas agulhas de cobre, de ferro e de prata. Nos dias atuais, a acupuntura se faz com finas agulhas de aço inoxidável.

É nas biografias de Pien Tsiué e Tsang Kong, no *Che Ki (Notas sobre a História)*, redigido há cerca de dois mil anos, que se encontra registrado por escrito o mais antigo tratamento eficaz de um caso pela acupuntura. Relata-se ali que Pien Tsiué, médico da época dos Reinos Combatentes (475-221 anos AC), havia empregado a acupuntura para salvar a vida de um moribundo.

O *Nei Kinh (Livro da Medicina Interna)*, o mais antigo clássico médico da China que chegou até nós, e que contem todas as informações sobre a medicina anterior às Dinastias Tsin e Han, possui um capítulo especial intitulado *Ling Chu*, que trata em detalhes dos *canais* e dos *pontos* do corpo humano que podem ser usados pela acupuntura, das agulhas que devem ser empregadas e de como fazê-lo, ao mesmo tempo que indica os casos proibidos. O *Ling Chu* passou a ser conhecido, por causa disto, como o *Livro da Acupuntura*.

O emprego da acupuntura para combater a dor se revelou, desde muito tempo, como o mais rápido e eficaz de todos. O *Livro da Medicina Interna* descreve uma variedade de dores que podem ser aplacadas por este método: dores de cabeça, de ouvidos e de dentes; dores nas costas, no estomago, no ventre e nas articulações. O capítulo sobre o "Tratamento das dores nas costas com a picada de agulhas" fala da patologia, dos sintomas e do tratamento das diferentes dores nas costas. O

capítulo sobre os "Musculos e tendões" do *Ling Chu* preconiza o tratamento do mal "aplicando as agulhas no local dolorido" ou seja um método de introdução direta.

Ao tempo da Dinastia Tsin (265-420), a acupuntura foi exposta de uma maneira relativamente completa no *Tchen Kieu Yi King (Introdução à Acupuntura)*, que definiu pela primeira vez os 349 pontos da acupuntura de base e estabeleceu uma lista de 649 pontos utilizáveis sobre o corpo humano. A obra trata da teoria da acupuntura, da escolha dos pontos e da manipulação das agulhas, bem como das proibições. É a mais antiga obra existente que trata especialmente da acupuntura. Foi ela a responsável, durante dez séculos, tanto na China quanto no estrangeiro, pelo emprego e difusão da acupuntura.

Durante a Dinastia Tang (618-907), uma seção especial sobre a acupuntura foi instituída no Colégio de Medicina Imperial, a mais antiga escola de medicina da China.

Sob a Dinastia Song (960-1279), a acupuntura foi uma vez mais objeto de um estudo bastante completo e sistematizado. O *Tong Jen Chu Siué Tchen Kieu Tu King (Manual Ilustrado dos Pontos da Acupuntura)*, publicado em 1026, dá os nomes dos 354 pontos testados da acupuntura. Ele trata de maneira detalhada dos diferentes pontos da acupuntura e de suas funções e permitiu, naquela época, liquidar a confusão que ainda existia sobre alguns deles. Duas estatuetas em bronze com os pontos localizados foram destinadas ao ensino da acupuntura.

Ao tempo da Dinastia Ming (1368-1644), as experiências adquiridas até então com a acupuntura foram resumidas no *Tchen Tsieu Ta Tchen (Compendio da*

Acupuntura), que transmitiu à posteridade a rica experiência dos tempos passados. Esse *Compendio* foi largamente utilizado depois do século XVII e também estudado no estrangeiro.

A Dinastia Tsing (1644-1911) adotou, contudo, uma atitude contrária ao emprego da acupuntura. Em 1822, sua prática foi proibida na China.

Na época do Kuomintang, não apenas a acupuntura esteve proibida, como ainda a Medicina Tradicional Chinesa, em bloco.

Foi o atual governo popular que voltou suas vistas para a medicina e a farmacologia chinesas, e difundiu largamente seu estudo e sua prática, criando até mesmo Institutos especializados pelo país. Desde 1958, quando se decidiu combinar alguns métodos da Medicina Chinesa Tradicional com a Medicina Ocidental, em virtude do grande interesse que aquela havia suscitado, com o seu estudo e discussão em massa em todo o país, numerosos aperfeiçoamentos foram introduzidos na acupuntura. E a partir dai, também, os médicos chineses decidiram aplicar a acupuntura como anestesia para operações, a principio nas mais simples, depois nas mais sérias e delicadas, até os atuais métodos que permitem operações nos pulmões, no cérebro e no coração, de longa duração, o que é possível em virtude da nova e sensacional descoberta, a acupuntura elétrica.

Tais operações são realizadas com o paciente lúcido e livre de qualquer dor ou trauma, e sem efeitos secundários ou posteriores. Quem primeiro chamou a atenção do mundo ocidental para esse tipo de anestesia foi o colunista americano James Reston, do *New York Times*, que durante sua visita à China, no início

dos anos setenta, teve que ser hospitalizado para uma pequena intervenção cirúrgica, durante a qual foi anestesiado pela acupuntura. Essa revelação causou uma grande repercussão e atraiu muitos médicos americanos e de outros países à China. Seus relatos, porém, eram e ainda são contraditórios. Enquanto muitos admitem e até mesmo tomaram cursos para aprender corretamente como aplicar a acupuntura, seja para aliviar dores, curar males diversos ou anestesiar, outros contestam integralmente a validade de sua eficácia e de seus efeitos.

Durante a nossa viagem, quis ver de perto o problema da acupuntura. Quem quer que se interesse pelo assunto, em visita ao país, pode perfeitamente se inteirar de tudo sobre a acupuntura, porque ela é tão difundida entre os chineses quanto o uso de analgésicos entre nós. Atualmente, existem na China, em plena atividade, mais de um milhão de anestesistas de acupuntura, já tendo sido realizadas quase 500 mil operações com a aplicação desse método, cuja eficácia é comprovada em mais de noventa por cento dos casos. Quanto ao emprego da acupuntura para outros fins, o número de seus usuários é incalculável. Pode-se comprar em qualquer farmácia um estojo com um jogo de agulhas de aço de vários tamanhos, um manual e um boneco de plástico com a indicação de todos os pontos para uso da acupuntura. E sua aplicação se aprende em todas as escolas, nos cursos primários, como se fora uma aula de primeiros socorros.

Em Pequim, tivemos a oportunidade de testemunhar ao vivo o sucesso da aplicação do método tradicional (manual) e do método moderno (elétrico) da anestesia acupuntural no Hospital Municipal de Tuberculose da capital chinesa, onde assistimos a duas operações: a extração de um tumor do pulmão de uma profes-

sora primária e a retirada de parte do pulmão de um operário tuberculoso. Nos dois casos, pudemos observar e, mesmo, filmar e fotografar todas as fases das operações, o que nos tirou qualquer dúvida sobre a realidade do que assistimos. Seria impossivel uma anestesia anterior, porque encontramos os pacientes alguns minutos antes e eles estavam tão lúcidos quanto durante as intervenções.

O Hospital do Instituto Municipal de Tuberculose de Pequim fica situado nos arredores da capital chinesa, num ambiente tranquilo e cheio de vegetação. Construído em 1955, está bem conservado e apresenta, na entrada principal, alguns elementos decorativos da antiga arquitetura chinesa. Porém suas linhas são modernas. Compõe-se de um corpo central e de vários pavilhões laterais. Quando chegamos, numa camioneta, ao pátio do hospital, já nos esperavam três médicos. Vieram nos receber do lado de fora, muito afetuosos e sorridentes, no melhor estilo chinês. Estavam muito honrados com o interesse dos jornalistas brasileiros, um país tão distante, explicaram. Depois, nos conduziram por vários corredores a uma sala de espera, onde tivemos uma palestra preliminar com o dr. Li Chen-Min, médico, pesquisador e especialista em acupuntura. Ele explicou:

— Conhecida e usada na China há mais de dois mil anos, a acupuntura somente era empregada na cura de certas doenças e para aliviar pequenas dores. No ano de 1958, porém, as experiências que estavam sendo feitas em torno da acupuntura levaram nossos médicos a experimentá-la como anestésico para intervenções ligeiras. Com o desenvolvimento desse método, a anestesia acupuntural foi empregada também em operações mais complexas. Uma das operações mais complicadas dessa fase, com o método, era a operação de amígdalas. Depois,

passamos a ampliar o seu uso em operações nos membros e no tronco. Há poucos anos, iniciamos operações no tórax e também na cabeça. E agora, desde 1971, já empregamos a acupuntura como anestesia em operações bem mais delicadas e importantes: no cérebro e, mesmo, no coração.

Depois da explicação, fomos apresentados aos dois pacientes que seriam operados naquela manhã. Estavam risonhos e ao que parecia bastante despreocupados. Uma mulher e um homem. Ela, a professora primária, viera de uma provincia do Norte da China. Tinha 48 anos e se chamava Whan Kuei-Min. O homem era operário de torno, em Pequim mesmo, com 24 anos. Do quarto dos pacientes fomos para uma sala, onde nos tiraram os sapatos e casacos e nos deram chinelos, guarda-pós e casquetes brancos de médico. Explicaram que poderíamos fotografar durante ambas as intervenções e também conversar com os pacientes. A mulher e o homem seriam operados simultaneamente, em salas separadas. Poderíamos ir de uma para outra, livremente, quando bem quiséssemos, e nos seriam dadas informações sobre o andamento das operações. A mulher tinha um tumor no pulmão direito, conforme mostrava a radiografia, e a operação duraria uma e meia ou duas horas. O homem estava tuberculoso, com uma grande cavidade também no pulmão direito, e sua operação deveria ser mais grave e demorada: entre três e quatro horas. Seria feita nele uma lobotomia parcial ou seja a extração da parte afetada do pulmão.

O dr. Li Chen-Min explicou:

— A anestesia pela acupuntura se faz pela introdução de uma ou de várias agulhas em certos pontos do corpo humano, nos membros, nas orelhas, no nariz, no

pescoço ou no rosto do paciente. Os pontos exatos estão descritos nos manuais de acupuntura, que é estudada no Instituto de Medicina Tradicional Chinesa. A anestesia sobrevem após um período de excitação e estimulação da agulha, para baixo e para cima e em torno de seu próprio eixo. Em geral, entre quinze e vinte minutos após a introdução da agulha no paciente. A única dificuldade no emprego da acupuntura - na verdade um método bastante simples - é encontrada na manutenção do ritmo dos movimentos. Para conseguir realizar os movimentos com a agulha, durante uma ou duas horas, é preciso ter um treinamento todo especial. Os anestesistas são treinados desde cedo. Com o desenvolvimento da acupuntura como anestésico aperfeiçoamos o processo. Agora, já usamos também um aparelho elétrico especial que reproduz automaticamente os movimentos exigidos, o que dispensa o anestesista manual. Este, no caso, apenas observa o aparelho e fica a postos para intervir, se necessário. Com isto, a Medicina Tradicional Chinesa está dando uma importante contribuição ao mundo.

Fomos para a primeira sala, onde seria operada a mulher, com o método manual. A porta maior estava aberta e ela já havia se acomodado na mesa de operações. Toda a equipe estava preparada. A mulher foi despida até a cintura e deitada na mesa. Logo começaram a passar iodo em todo o tronco, onde já estava demarcada, em torno do seio direito, a longa linha de incisão. Depois de acomodada na posição certa, o braço direito da mulher foi levantado e apoiado num suporte de ferro, na cabeceira da mesa de operações, e ligado a este com ataduras. Segundo explicou o médico, as pesquisas na paciente haviam indicado o braço direito como o local para a introdução da agulha. Uma mesinha com algodão,

álcool, metiolato e uma coleção de pequenas agulhas foi colocada junto à cabeça da paciente, bem como um banquinho para a anestesista, uma jovem enfermeira. Em torno da mesa, os auxiliares preparavam o campo operatório. Quando o médico-operador, dr. Chou Hsin-Shuen, entrou com as mãos enluvadas para cima, a mulher o cumprimentou sorrindo. A anestesista espetou habilmente uma das agulhas no braço da paciente, e imediatamente começou os movimentos simultâneos para cima e para baixo e em torno do próprio eixo da agulha. Ela usava apenas o dedo anular para apoiar a mão no braço da mulher, e com o polegar, o indicador e o dedo central realizava todos os movimentos com a frequencia indicada para o caso: 150 a 180 movimentos por minuto.

Decorridos uns quinze minutos, o médico aproximou-se da mesa e começou a falar com a mulher. Ele estava procurando saber o que ela sentia e, em poucas palavras, explicou como seria a operação. Antes, a mulher já tinha sido devidamente instruída sobre a natureza da operação e a importância de sua colaboração, uma vez que ficaria lúcida durante toda a intervenção. Seu comportamento, por conseguinte, tanto poderia ajudar como comprometer o êxito da operação. Ela assentiu com um sorriso. Então, o médico-operador determinou que se colocasse um pano entre o campo operatório e o rosto da mulher, a fim de impedir que ela visse o sangue e se impressionasse. Tudo preparado, todos a postos, o operador pegou o bisturi e cortou. O instrumento penetrou ao longo da linha indicada, tão rápido e certeiro que o sangue não surgiu logo. Só na segunda incisão, quando foi ultrapassada a faixa de gordura e a lâmina cortou fundo a carne. Então, o sangue vermelho veio subindo

velozmente e ocupou a larga ferida aberta no tórax da mulher.

De minha posição, podia ver tudo claramente. Tinham-me dado uma pequena escada de madeira de três degraus, de onde divisava ao mesmo tempo o campo operatório e o rosto da mulher. Enquanto o bisturi corria na carne da paciente, ela sorria, do outro lado do pano, como se a incisão não estivesse acontecendo em seu corpo, naquele instante. Ela parecia, mesmo, nem ter notado o que o cirurgião fazia: se a examinava ou se já a operava. O trabalho de corte prosseguia, os auxiliares limpando a ferida, o sangue sendo aspirado. As pinças foram colocadas, os bordos da incisão separados, o interior do corpo ficou visível. Ali estava a superfície pulmonar, que deveria ser cortada também. O cirurgião continuou trabalhando, em busca do tumor. A mulher continuava insensível e alheada, quase indiferente. Em seu rosto, tranquilo, apenas uma certa expectativa, talvez devido à movimentação incomum na sala de operações: além dos médicos, assistentes e auxiliares, havia médicos visitantes, jornalistas e intérpretes.

Na sala contígua, também de portas abertas, o operário torneiro chegou para ser operado. Veio caminhando e foi colocado sobre a mesa. Despiu-se até a cintura e o mesmo trabalho preparatório começou. Apenas num aspecto aquela operação era diferente: a anestesia acupuntural seria feita através do aparelho elétrico. Aquela lobotomia parcial teria a duração de três ou quatro horas. O homem tomou a mesma posição da mulher, uma vez que o pulmão a ser operado era o mesmo, o direito. O braço também foi colocado na mesma posição anterior, apoiado sobre o suporte de metal. E a mesma mesinha foi colocada junto à cabeceira do paciente. Só que esta, além

do algodão, do álcool e do metiolato, tinha um aparelho elétrico de vinte centímetros de comprimento por dez de largura e cinco de altura, de onde partia um fio com uma agulha na ponta. Esta foi introduzida não no braço, mas no pescoço do doente. Para uma operação em lugar idêntico - o tórax - os exames prévios no homem indicaram um lugar diferente para a colocação da agulha. O aparelho foi ligado e os mesmos movimentos que a anestesista manual fazia, eram repetidos ali através de impulsos elétricos: para cima e para baixo e em torno do eixo da agulha. Em quinze minutos o paciente estava pronto para ser operado. E, mais uma vez, presenciamos o bisturi correndo sobre o traço marcado, a carne se abrindo, o sangue jorrando . . .

Na sala ao lado, o operador da mulher comunicou aos assistentes que havia chegado ao tumor e que este, felizmente, estava quase na superfície do pulmão, o que abreviaria a operação. Era um tumor benígno, do tamanho de meio ovo de galinha, redondo e duro. As mãos trabalhavam velozmente dentro da cavidade pulmonar da mulher. O bisturi cortou em volta, com determinação, e o tumor saltou entre os dedos de um assistente, que imediatamente o colocou num pequeno vaso de esmalte, com um estalo. Durante mais alguns minutos, o caminho de volta foi refeito, os tecidos recompostos, os grampos apertados, as carnes costuradas e tudo coberto com esparadrapo e gase, depois que vários chumaços de algodão foram gastos na limpeza do sangue que cobria tudo.

A operação no pulmão do operário torneiro prosseguia firme. Ali, não havia a esperança de um imprevisto como o que acontecera ao lado, pois a caverna lá estava, e uma parte substancial do pulmão teria que ser

removida. As horas corriam. O aparelho elétrico de anestesia, porém, batia indiferente. As pulsações eram regulares, a agulha entrava e saía, rodava, tornava a entrar e a sair, rodava. . . O homem, por sua vez, estava também lúcido e, de tempos em tempos, falava. Respondia a perguntas do médico, indicava o que sentia, que era nada. No meio da operação, bebeu laranjada. . .

Na sala da mulher, retirada a agulha do braço, a anestesista levou a mão à testa, enxugando o suor. A operação havia durado uma hora e meia e suas mãos tinham trabalhado a um ritmo uniforme e seguro: 150 a 180 movimentos por minuto. Ela havia feito cerca de 15 mil movimentos regulares e precisos, naquela hora e meia. Quando o pano que a separava dos médicos foi removido, a paciente olhou em torno e sorriu. Dois enfermeiros ajudaram-na a sentar-se na mesa de operações. Ela pediu qualquer coisa a um deles e um pente lhe foi entregue. Com a mão direita - do lado da operação - ela penteou-se, elevando e movimentando o braço normalmente. Olhou novamente em volta, encontrou o médico e estendeu-lhe a mão, agradecendo a operação. Depois, ainda posou para as fotos, sorriu muito e agradeceu aos visitantes por terem assistido à sua operação. Houve muitos risos e palmas. Ela foi colocada numa maca para ser levada ao seu quarto. Tinha a fisionomia tranqüila e confiante, embora um tanto pálida, como se tivesse feito um esforço maior.

Na sala ao lado, a lobotomia prosseguiu e fomos novamente conversar com os médicos. Estávamos todos perplexos. Tínhamos sido testemunhas de um fato espantoso, quase inacreditável. Uma mulher e um homem operados à nossa vista, sem qualquer anestésico corrente, sob o efeito de algo que a medicina ocidental apenas

começava a ouvir falar. Uma só agulha, três movimentos constantes, um ponto qualquer do corpo - e eis a anestesia milagrosa, surpreendentemente eficaz. Diante do nosso espanto, a tranqüilidade dos médicos chineses:

— É um método simples. Nós o empregamos hoje em numerosos hospitais civis e militares da China. Pode ser aplicado em meninos de tenra idade e em velhos de mais de setenta anos, bem como em jovens e em pessoas maduras, sempre com grande êxito. A anestesia pela acupuntura, ao contrário da anestesia comum, não reclama aparelhagem complicada e não causa sintomas secundários. Seu efeito se prolonga por uma ou duas horas ainda após a operação, e quando cessa, basta um analgésico para afastar a dor. É claro que há exceções. Em alguns casos, a acupuntura não faz efeito, mas a percentagem é minima. Isto quer dizer, apenas, que existe ainda um campo para o aperfeiçoamento do método.

Segundo o dr. Li Chen-Min explicou, as vantagens da acupuntura como anestésico para operações são enormes. Um paciente com insuficiência cardíaca, ou com deficiência renal, por exemplo, que não suporta os efeitos da anestesia comum, pode ser operado sem problemas com a anestesia acupuntural. A recuperação é mais rápida e não há o que se chama normalmente de choque operatório. "Às vezes, a anestesia prejudica mais do que a operação - disse o médico - No caso que acabamos de ver, da mulher operada no pulmão, ela vai repousar em seu quarto, é claro, mas almoçará dentro de alguns minutos, levemente, e jantará normalmente, como se estivesse sã. Vai dormir bem hoje à noite e amanhã de manhã já poderá voltar para sua casa sem correr nenhum risco. Com uma anestesia comum, ela não poderia fazer nada disso".

O número de médicos de muitos países que estão visitando a China para estudar a acupuntura como método de anestesia cresce de ano para ano. Os japoneses são os mais interessados. Existem cerca de 50 mil acupunturistas no Japão, mas eles só usam a acupuntura para aliviar a dor e curar certas doenças. Agora, querem ver como funciona a anestesia acupuntural. Também da França, Inglaterra, dos Estados Unidos, da Áustria, da Birmânia e da Austrália vêm médicos para estudar a acupuntura. E foi noticiado, recentemente, que um médico australiano conseguiu realizar uma intervenção cirúrgica com anestesia acupuntural. Apesar do largo emprego e dos estudos que são realizados, ainda não se pode precisar o que seja a acupuntura. As agulhas espetadas em determinados locais do corpo humano agem sobre a circulação do sangue, sobre os nervos e sobre as partes líquidas. Porém, como agem . . . é um mistério. Parecem não ter nada a ver com o cérebro. Em todas as partes da China, hoje, estuda-se e se aplica a acupuntura, mesmo em casa. Todos falam na acupuntura. Nos hospitais ambulatórios e postos de atendimento de urgência de fábricas, comunas e estabelecimentos diversos, na China de hoje, encontra-se sempre uma unidade acupuntural.

Após as explicações, saímos. O operário de torno concluia sua operação com sucesso, e disse, ainda na mesa de operações, que não sentira nada, tal como a professora primária. Lá fora, o sol estava firme e claro, apesar do outono frio de Pequim. Os três médicos que nos receberam nos levaram até a camioneta. Tiramos fotografias, e dos pavilhões numerosos enfermos chineses olhavam a cena com curiosidade e sorriam. Era difícil imaginar a realidade de tudo que tínhamos visto. No entanto, tudo fora presenciado com nossos próprios olhos. E como

dizem os chineses, melhor ver uma vez do que ouvir contar cem vezes.

Para Onde Vai a China

Há uma música extremamente popular, cantada até pelas crianças nas escolas, e que se intitula: *O Presidente Mao É um Sol Vermelho em Nossos Corações*. Outras músicas muito tocadas e cantadas são: *Nasce o Sol na Província e o Pensamento de Mao Ilumina Nosso Caminho, Desejamos Vida Longa ao Presidente Mao, A Conquista de Nanquim pelo Exército Popular de Libertação, Viva a China Popular e Viva o Presidente Mao,* etc. O endeusamento de Mao Tsé-Tung chega a chocar. A todo instante e a qualquer pretexto ouvem-se citações dos *pensamentos* do Presidente Mao. Por toda parte, na cidade e no campo, nas fábricas, nas comunas, nos hotéis, nos parques, nas ruas, nas fachadas dos edifícios, nas bibliotecas, nas residências e nas lapelas das roupas - o retrato sorridente e redondo do líder chinês. É uma mobilização geral e completa em torno da figura legendária do homem que fundou a República Popular da China, e que conseguiu tirar do nada esse país surpreendente, que hoje atrai os dirigentes de todo o mundo e que se abre para o comércio e as relações internacionais com uma agora revelada e redobrada disposi-

ção de coexistência pacífica.

"A China de hoje nada tem a ver com a caricatura que fizeram dela", diz um dirigente chinês. "Pintam-nos de toda maneira e depois querem nos impingir de fora para dentro a idéia que fizeram de nós e de nosso país. A China nunca foi agressiva. Sua política exterior é coerente há muitos anos, desde a Libertação. Nós não temos bases no exterior, nem tropas em qualquer país do mundo. Nós só atacaremos se formos atacados. Quer dizer, nós nos defenderemos de um ataque como pudermos. A China possui agora armas nucleares. Mas só as empregará em sua defesa. A União Soviética e os Estados Unidos querem fazer acordos reservados sobre o emprego e o desarmamento nuclear. A China acha que este assunto interessa a toda a humanidade e propõe uma conferência de todos os países para a eliminação total das armas nucleares. Não aceitamos acordos particulares em assuntos que interessam a toda a humanidade. A China é hoje um país que mantém relações normais com mais de 130 nações ou regiões do mundo, e que mantém relações diplomáticas normais com mais de 80 países. Com os estabelecimentos de relações diplomáticas com o Japão e a Alemanha Ocidental, recentemente, ampliou-se consideravelmente o nosso relacionamento com o mundo. Agora, apenas alguns poucos países, entre os quais bem poucos de grande extensão territorial e importância econômica, fora o Brasil, não mantém relações diplomáticas com a China, mas essa situação se resolverá, mais cedo ou mais tarde. E nós temos tempo para esperar."

É com essa paciência que os chineses resolvem os seus problemas, por mais graves que sejam. Há poucos anos, ninguém acharia possível um encontro de Nixon com Mao Tsé-Tung. E os dois se encontraram

em Pequim, no gabinete de trabalho deste último. Até a chegada de Nixon à China, nenhum jornal do país tocou sequer no assunto. Não houve um anúncio público, portanto, da visita do ex-presidente americano. No entanto, todo o povo estava informado há meses do fato e discutira amplamente o assunto. Assim, quando Nixon desembarcou em Pequim, o povo estava preparado para recebê-lo e entender o sentido de sua visita. E como se fez a comunicação? Através do método mais direto e eficiente que os chineses possuem, e que são as discussões de massa. Uma palavra de ordem do Partido vem de cima para baixo, através das discussões sistemáticas, e chega à base inteiramente mastigada. Para um país imenso, com uma população incalculável, este ainda é o método mais eficiente. "Se saísse uma notícia no jornal informando simplesmente a chegada do então presidente Nixon a Pequim, sem a necessária preparação, poderia causar um impacto imprevisível", explicam os chineses. "Assim, a notícia só foi para os jornais depois que o Presidente Nixon já estava na China."

A disputa com a União Soviética, na China, é um dos assuntos dominantes e chegou ao auge. Há uma raiva pairando no ar, a custo contida. E um sentimento geral de revolta, tendo em vista as notícias de que uma quantidade cada vez maior de tropas se acumulam ao longo da fronteira chinesa. Nada menos de 1 milhão de russos em armas estão estacionados nas fronteiras com a China. A estes sesomamos 300 mil soldados hoje acantonados na Mongólia Exterior, país de 1 milhão de habitantes. "A União Soviética demonstra assim os seus sentimentos imperialistas", dizem os chineses. "Não vamos esquecer que os russos estão espalhados por toda parte, e que seus navios estão no Mediterrâneo como os dos Esta-

dos Unidos. Sem falar na Europa Oriental, onde há centenas de milhares de soldados russos estacionados." O sentimento de frustração que os chineses experimentaram, em 1966, quando os técnicos soviéticos saíram da China, levando com eles todos os planos de construções e manuais de instruções das máquinas que haviam vendido ao país, muito em breve se transformou em ódio, quando eles se aperceberam da extensão do golpe que haviam sofrido. Máquinas novas inteiramente imprestáveis, por falta de operadores e de peças de manutenção. Longos estudos e pesquisas perdidos, como o da construção da ponte sobre o rio Yang Tsé. O processo de desenvolvimento, laboriosamente preparado, de uma hora para outra rompido, cortado ao meio. Os chineses tiveram que, mais uma vez, partir do nada. Reconverteram as máquinas, refizeram as pesquisas, retraçaram os planos. Desta vez, com material, técnica e inventividade chineses. A tarefa foi dura e penosa, mas surtiu efeito.

Hoje, os chineses acham que a experiência foi válida, porque eles tiveram que redobrar os esforços, criar, aprender. Por isto, surgiram palavras de ordem maoístas como: *Caminhar sobre as próprias pernas, Lutar arduamente, Fazer a revolução e promover a produção, Quebrar o quadro de fórmulas estrangeiras e escolher uma via própria de desenvolvimento, Contar com suas próprias forças,* etc.

Um tal esforço, uma dedicação tão grande ao trabalho, uma mobilização tão completa das forças de uma nação - conduzirão a quê? Em 25 anos, fez da China um país em desenvolvimento, num estágio bem adiantado. Um país que ainda faz suas contas no velho e tradicional ábaco, mas emprega computadores de fabricação própria para calcular os números da produção de suas

fábricas. Um país que ainda usa juncos em seus mares e em seus rios, mas constrói navios gigantescos e motores diesel de 12.000 HP. Um país que fabrica aviões a jato e ainda emprega a tração humana no transporte de mercadorias, em muitas cidades. Um país de contrastes e de surpresas, onde não há analfabetismo, nem epidemias. Que fez da limpeza um culto e da saúde, uma meta. Esse país contraditório na aparência - ou no retrato que fazem dele - só pensa em trabalhar, em ocupar o lugar que lhe está reservado no mundo. Em torno dele, surgiram mil histórias, e o esforço chinês para o desenvolvimento foi anunciado como "o perigo amarelo". Os chineses sorriem dessas caricaturas, e procuram desfazê-las. Estarão conseguindo? Pelo visto, sim. Em Pequim e nas demais cidades e regiões chinesas circulam jornalistas, fotógrafos e cinegrafistas de todo o mundo. Eles estão contando o que vêem sobre a China. E os chineses, por seu turno, estão circulando pelo mundo.

Dezenas e dezenas de delegações culturais, diplomáticas, comerciais e esportivas vão à China todos os anos, e de lá seus integrantes voltam menos assustados. Há apenas um "perigo amarelo" que assusta até mesmo os próprios chineses, e que é a sua explosão demográfica. Um país de 700 ou 800 milhões de habitantes (quem sabe ao certo?), com uma alta taxa de crescimento demográfico, tem que assustar em primeiro lugar a si próprio. Porque não há providência capaz de atender à demanda crescente de uma tal população, se ela continua a crescer desordenadamente. Por isso foram estabelecidas normas rigorosas para o controle da natalidade. O aborto é legal e gratuito nos hospitais chineses. Os métodos anticoncepcionais - desde as pílulas até as injeções nas mulheres e operações rápidas nos homens - são

empregados em massa. Além disto, há uma recomendação do governo no sentido de que os casamentos entre os jovens sejam retardados. Os homens devem casar-se entre 25 e 30 anos, de preferência mais para perto dos trinta. E as mulheres entre 20 e 25, de preferência com esta última idade. Também os filhos de um casamento devem ser limitados a um ou dois. São recomendações que todos seguem, em virtude da intensa politização das massas. Essas determinações não saíram nos jornais, mas foram discutidas nas reuniões comunitárias e ordenadas de cima para baixo, dentro da mecânica e da orientação do Partido. E quem fala Partido fala tudo, na China. O Presidente Mao é presidente do Partido. A limitação da população chinesa é uma determinação dele, portanto. E é grande a discrição sexual, ao contrário do que ocorre hoje em todo o resto do mundo. O fardamento idêntico, para homens e mulheres, já é uma atenuante. E a falta de qualquer preocupação *feminina*, nas mulheres, torna ainda mais difícil o relacionamento homem-mulher, a não ser como camaradagem e como companheirismo.

Pelo menos nas ruas, durante o dia, e nos locais públicos. Um dos nossos intérpretes, ao lhe ser colocado o problema sexual, ficou vermelho (sem trocadilho) até a raíz dos cabelos. E disse não poder imaginar o que se passaria nas ruas de uma cidade como Pequim, por exemplo, se um jovem casal pusesse a se beijar em público, tal como ocorre tão frequentemente em cidades como Paris e Rio de Janeiro. No entanto, o namoro existe na China, como em qualquer lugar do mundo. No famoso jardim público de Xangai, às margens do rio Wang-po, que banha a cidade, os jovens namoram publicamente, e em quantidade surpreendente. Os casais se abraçam muito à vontade, ao longo da amurada que dá para o rio e

nos bancos dos jardins, como em todos os parques e jardins do mundo. Não importa que suas roupas sejam idênticas, aquele azul chinês famoso no mundo inteiro, um modelo consagrado até pelos grandes costureiros de Paris. Os jovens ignoram tudo isto, como ignoram a imagem que fazemos deles e da China. Foi por puro acaso que descobrimos essa *paquera* em Xangai, durante uma caminhada à beira do rio Wang-po, de noite, para estimular o sono. Se não fosse esse acaso, teríamos saído da China com a impressão falsa de que os chineses não namoram. Hoje, sabemos que apenas não chegamos a descobrir os locais onde os jovens casais namoram em Pequim ou em Nanquim, tal como ocorreu em Xangai, por puro acaso.

Os Bastidores da Aproximação Brasil-China

Agora que o Brasil estabeleceu relações diplomáticas com a China, vai ser difícil saber exatamente como tudo começou. Muitos contatos exploratórios foram realizados, nos últimos anos, diretamente, ou por intermédio de terceiros, mas sempre por pessoas que agiam em seu próprio nome. O governo brasileiro, de dez anos para cá, não tomou nenhuma medida oficial para reaproximar-se da China. A primeira medida concreta, por conseguinte, com base e substância, foi tomada pela Missão Comercial Brasileira, organizada e chefiada pelo industrial Giulite Coutinho, presidente da Associação dos Exportadores Brasileiros. Este, em meados de 1972, tendo em vista as repercussões da visita do então presidente Nixon à China, resolveu fazer sondagens junto ao governo brasileiro de então e a diversas embaixadas chinesas, a fim de saber qual seria a receptividade ao envio de uma missão comercial a Pequim.

Nesta entrevista, feita logo após o reconhecimento da China pelo Brasil, o industrial Giulite Cou-

tinho conta como tudo se passou. O diálogo, que durou mais de uma hora, vai reproduzido adiante.

— Como surgiu a idéia dessa sondagem comercial com a China?

— E entendemos que para um aumento contínuo das Exportações Brasileiras, que é ponto básico para o desenvolvimento da economia do nosso país, nós teríamos duas alternativas: Novos Produtos a serem lançados no mercado internacional e Novos Mercados a serem conquistados. Dentro dessa segunda opção é evidente que a China oferecia uma perspectiva muito mais importante dado a sua potencialidade como país de 800 milhões de habitantes, representando 25% da população do mundo. E com o qual o Brasil não tinha praticamente relações comerciais.

— Quando teve essa idéia, procurou sondar o governo para saber se seria bem recebida uma aproximação com a China, desde que não tínhamos relações comerciais ou diplomáticas?

— Realmente, mantive contatos com os Ministros da área econômica do governo de então. E houve uma boa receptividade por parte do Ministro do Planejamento, Reis Velloso, do Ministro da Fazenda, Delfim Netto, e do Ministro da Indústria e do Comércio, Pratini de Morais. Após a obtenção, por parte do governo brasileiro, de que nada tinha a opor à iniciativa da Associação dos Exportadores Brasileiros, passamos então a uma fase mais concreta do nosso projeto de viagem.

— De que maneira foi iniciada a organização da viagem à China?

— Como se tratava de uma missão com sentido exploratório, porque para nós o mercado chinês era uma incógnita, por falta de informações, adotamos o critério de convidar companheiros que pudessem compor essa missão, representando diversos setores da economia brasileira. E nesse sentido, para representar o setor de bens de capital, convidamos o Dr. Cláudio Bardella; para os produtos agrícolas e produtos manufaturados em geral, convidamos o Sr. Albert Moreno, do grupo Matarazzo; para máquinas em geral, convidamos o Dr. José Mindlin; e por último, representando o parque industrial de São Paulo, o sr. Pedro Cipollari, que na ocasião era o presidente da COPENE, órgão encarregado de promover as exportações do Estado de São Paulo. O passo seguinte foi estabelecer contato com as autoridades chinesas, no sentido de conhecer a receptividade deles à nossa iniciativa. Neste sentido, escrevemos uma carta ao Conselho Chinês para a Promoção do Comércio Internacional, e recebemos uma resposta deles em julho de 72, dirigida à Associação dos Exportadores Brasileiros, na qual davam as boas vindas e diziam que estariam muito felizes em receber essa primeira Missão Comercial Brasileira. É curioso o detalhe de que a correspondência chinesa não vem assinada. Vem apenas com um carimbo, que varia de acordo com a entidade que emite o documento. Bem, depois dessa carta deles, nós, que havíamos previsto a nossa missão para o mês de agosto, tivemos por várias razões de prorrogá-la. Finalmente, chegamos a um acordo para o mês de outubro, após várias trocas de documentos com a mesma entidade. Recebemos então, quando a data foi fixada, um telegrama datado de 25 de setembro, do mesmo Conselho, dizendo que nós poderíamos obter os nossos vistos na Embaixada chinesa em Paris.

— Quanto tempo demorou e como foi conseguido o visto?

— Realmente, não foi fácil. Quando chegamos a Paris, vimos que a Air France, que era a única empresa européia ocidental a voar para a China, tinha um avião no dia seguinte para Xangai. Então nos dirigimos à Embaixada Chinesa e fomos recebidos no Departamento Comercial. A pessoa que nos recebeu pediu os nossos passaportes. Explicamos a ele que desejávamos viajar no avião da Air France no dia seguinte, e ele nos respondeu com aquela tradicional calma chinesa que o visto seria dado dali a três dias. Então, nós insistimos com bastante ênfase, informando que estávamos chegando de uma longa viagem e já tínhamos a promessa de vistos por parte das autoridades de Pequim. Gostaríamos, assim, de viajar no dia seguinte, para não ficar três dias à espera. Nossa insistência foi se avolumando, mas a fleugma do funcionário chinês era inatacável. Finalmente, apesar da nossa pertinária, a resposta que recebemos foi aquela mesma do início, ou seja, o visto só seria dado três dias depois. Saindo dali, buscamos a interferência do Consulado Brasileiro, que tentou negociar com as autoridades chinesas em Paris, mas também sem resultado.

Portanto, voltamos à Embaixada, na Avenue Georges V, no dia e hora marcados. Fomos recebidos por dois funcionários e eles entregaram os passaportes de cada um dos que compunham a missão. Mas não havia o carimbo de entrada nos passaportes e sim uns vistos isolados em papéis à parte, visando não registrar oficialmente aquela entrada em território da China Popular. E cobraram de todos uma taxa de visto normal, à exceção do chefe da delegação. Quando chegou a hora de dar o

passaporte do Sr. Albert Moreno, houve uma cena curiosa. Os chineses iniciaram, digamos, uma pregação, porque Albert Moreno tinha registrado no seu passaporte um visto de entrada em Formosa. E eles, durante cerca de 10 ou 15 minutos, explicaram que Moreno tinha estado num território que era parte da China, mas não existia independentemente. Por conseguinte, seria muito difícil para ele obter um visto de entrada na verdadeira China Popular, depois de ter visitado aquele pedaço da China que ainda não estava incorporada ao território chinês. O Albert Moreno foi ficando um pouco pálido e contrafeito, mas, finalmente, depois da explicação, ou da doutrinação, o chinês disse que em deferência à Missão Comercial Brasileira, que pela primeira vez ia visitar o seu país, eles fariam a concessão do visto. Foi um alívio geral.

— Como se desenvolveu a missão na China?

- Como era época de uma das duas feiras anuais de Cantão, não havia lugares nos aviões e tivemos que viajar separados. Mas, afinal, chegamos a Pequim e fomos excelentemente recebidos. Aliás, desde o momento em que entramos em território chinês, fomos cercados de uma cordialidade e de uma atenção insuperáveis. E foi esse sempre o ambiente que reinou nas cidades de Pequim e Cantão, por onde nós passamos. No mesmo dia da chegada, fomos convidados para uma entrevista, à noite, com os representantes do Conselho Chinês, e reafirmamos os nossos propósitos de visitar as Corporações que se encarregavam dos setores que nós representávamos. Foi então organizado um programa especial, a fim de que cada delegado fosse recebido pela corporação que tratava dos produtos que eles iam negociar. Há sete Corporações chinesas e cada uma delas se ocupa de determi-

nada linha de produtos. Nos contatos que tivemos vimos que havia uma vasta possibilidade de nossos produtos naquele mercado. Para citar alguns exemplos, o Albert Moreno falou em óleo de soja. Naquela oportunidade, eles eram interessados em negociar até 100 mil toneladas, mas em 1972, para o Brasil, era realmente uma quantidade substanoial e não podiamos aceitar a encomenda. Também ficaram muito interessados no açúcar. Tivemos a satisfação de negociar ainda naquele ano de 72 e também em 73, diretamente com a China, um volume bastante amplo. E agora em 74, essa missão que veio ao Brasil continua interessada em comprar açúcar a longo prazo. Podemos dizer que guardamos das nossas primeiras negociações com os chineses uma impressão altamente favorável. E elas nos permitiram ter um melhor conhecimento daquele mercado. Como consequência da abertura comercial proporcionada pela primeira Missão Comercial Brasileira à China, nós podemos dar o seguinte gráfico: de 1964 até 1971, o Brasil praticamente nada vendeu à China. O ano que vendeu mais, neste ciclo 64/71, foi cerca de 1 milhão de dólares. Em 1972, ao contrário, e já no primeiro ano da Missão, a cifra de vendas atingiu a 70 milhões. Pulamos, portanto, de 0 a 70 milhões. Em 73, o Brasil vendeu cerca de 60 milhões de dólares diretamente à China e ainda mais 40 milhões de dólares por operações triangulares. Para 1974, estamos com a previsão que poderá superar as vendas de 72/73.

— Os chineses são bons negociadores? Eu me lembro que o Bardella ficou muito surpreso porque, acostumado a negociar com os americanos, que resolvem tudo em 5 minutos, já estava perdendo a paciência, porque os chineses levaram três dias para entrar no assunto propriamente dito.

— Os chineses realmente têm características especiais, como povo oriental, nas negociações. Não adianta pretender velocidade de decisões, porque as negociações são lentas, muito meditadas e muito trabalhadas, de forma que o incremento substancial do nosso intercâmbio com a China deverá se processar através do tempo. Eles são realmente negociadores muito cautelosos e eficientes.

— Na volta dessa missão, houve novo contato com o Governo brasileiro para relatar o resultado da viagem?

— Sim, na volta da Missão, nós fizemos contatos com os ministros da área econômica, aos quais relatamos, circunstanciadamente, os resultados da viagem. E tivemos também a satisfação de sermos recebidos pelo Presidente Médici, ao qual nós igualmente demos conhecimento do nosso trabalho. Notamos que o governo brasileiro recebeu com muito interesse a atividade iniciada e desenvolvida pela Associação dos Exportadores Brasileiros de aproximação com aquele grande mercado.

— Quando foi decidida uma segunda missão? Houve a troca de governo: o presidente Médici concluiu o seu mandato e foi iniciada a gestão Geisel.

— Na realidade, decorrido um ano da primeira missão, ou seja, no fim de 1973, nós verificamos que havia realmente um incremento comercial e achamos que nova iniciativa deveria caber, pois receávamos que uma demora maior pudesse permitir aos nossos concorrentes um domínio do mercado chinês. Foi assim que, no início do ano de 1974, procuramos novamente o governo do presidente Médici e comunicamos nossa intenção de uma segunda visita. E recebemos um tele-

grama da China, datado de 12 de fevereiro, respondendo à nossa consulta, dizendo que estavam de pleno acordo em receber com muita alegria a segunda Missão Comercial Brasileira à China e que inclusive não tinham nenhuma restrição ao número de pessoas. Iniciamos a organização em caráter mais amplo, porque não haveria necessidade de restringir os setores. Abrimos então a Missão. E nela foram se inscrevendo os empresários que demonstraram interesse em conhecer o mercado chinês. Mas nesse meio tempo, ocorreu a substituição do governo Médici pelo governo Geisel e, na oportunidade, eu tive que me dirigir a este, do qual recebi, pouco antes de sua posse, a informação que se eu já estava com a concordância do governo Médici, ele também nada teria a opor à iniciativa. O novo governo brasileiro estava em plena concordância com a continuidade dos contatos. Veio então a posse. Íamos viajar em abril e, pouco antes da nossa saída, uma semana ou 10 dias, recebemos uma consulta do governo brasileiro se haveria alguma possibilidade de retardamento da nossa Missão. Respondemos que, infelizmente, já estávamos todos com nossas passagens compradas e que éramos empresários com um calendário muito duro. Seria difícil modificar nossa saída do Brasil. Com grande alegria nossa, recebemos dias antes da viagem a comunicação de que o governo decidira enviar três representantes junto à nossa missão: do Ministro do Planejamento (que então era um ministério e não uma secretaria), do Ministério da Indústria e do Comércio e do Ministério das Relações Exteriores. Fui convidado pelo ministro Reis Veloso para uma entrevista em Brasília, quando tive a ocasião de conhecer os representantes do governo brasileiro que iriam nos acompanhar: Carlos Antonio Bettancout Bueno, Luiz Vitor

Nogueira de Magalhães e Omer Mont'Alegre.

Com essa decisão, sentimos que o governo brasileiro deveria ter outros objetivos. E assim partimos. Como da primeira vez, fomos recebidos de maneira extraordinária e com uma cordialidade excepcional. Os empresários fizeram os contatos que tinham que fazer em Pequim e depois nos deslocamos para a feira de Cantão. Esta é, realmente, uma feira surpreendente, e uma manifestação da capacidade notável de produção do povo chinês. Durante o transcurso de nossos trabalhos em Pequim, sentimos que houve satisfação por parte de nossos delegados comerciais. E fomos informados de que o governo brasileiro, através de seus representantes, oficializaram o convite para que uma missão chinesa viesse ao Brasil. O governo chinês aceitou esse convite e ficou de marcar posteriormente a data da viagem de sua Missão.

— Agora que veio a Missão Comercial e Diplomática chinesà ao Brasil e que foram estabelecidas relações entre os dois países, como vê a nova fase que se inicia, na posição de pioneiro nas negociações entre os dois países?

— Vejo com grande satisfação a decisão tomada pelo governo brasileiro de estabelecer relações diplomáticas com a China. Na realidade, não podíamos ignorar um país que representa 25% da população mundial. O estabelecimento dessas relações diplomáticas será de grande valia para o setor privado brasileiro, pois permitirá que através da própria Embaixada brasileira que vai se estabelecer em Pequim, e talvez uma representação comercial em Cantão, se estabeleça um fluxo contínuo de informações sobre aquele mercado. Teremos um apoio

local para o empresário brasileiro que desejar ir à China, sem necessidade de exigências maiores. Mesmo o empresário que tiver, digamos assim, um objetivo isolado de sua empresa e quiser fazer os contatos lá, terá muito mais liberdade para a obtenção de visto e meios de locomoção, sem as exigências anteriores. Portanto entendo que foi uma decisão muito importante e pela qual eu desejo me congratular com o governo brasileiro.

APÊNDICE

Como Negociar com os Chineses

A direção do comércio exterior da China cabe exclusivamente ao Governo, através de Sete Corporações estatais. Ou seja, o primeiro passo a ser dado deve consistir, logicamente, em selecionar o organismo que se ocupa do assunto, e depois submeter à sua consideração uma proposta bem detalhada.

A responsabilidade pela importação e exportação de certos produtos é delegada com freqüência a outros escritórios regionais, sendo possível, em certas ocasiões, negociar diretamente com eles. Sem dúvida, é conveniente que os contatos preliminares sejam efetuados com a respectiva entidade, em Pequim. Muito raramente pode-se entrar em entendimento direto com os representantes das fábricas que utilizam as mercadorias compradas no exterior.

No caso de compras de artigos de fabricação chinesa, também cabe aos funcionários das Corporações a tarefa de dar informações, especificações e amostras.

Deve-se insistir, portanto, na importância da primeira proposta - na qual se deve falar tanto da firma e de suas atividades quanto dos produtos - e enviar vários exemplares do relatório, que a Corporação distribuirá aos usuários finais do produto. Convém mencionar, igualmente, que há possibilidade de fornecer dados adicionais, responder a perguntas e marcar entrevistas pessoais, no caso da Corporação se mostrar interessada no negócio. Em muitas ocasiões, este material é colocado em salas de leitura dos Escritórios Regionais, freqüentadas pelos representantes dos organismos e indústrias interessadas nos artigos de importação.

Assim mesmo, levando em conta a importância que o fator político tem hoje na China, será útil sublinhar a origem latino-americana da empresa exportadora e de seus produtos.

A correspondência com as Corporações estatais oferece certos problemas provocados pela centralização. O estudo e a avaliação das ofertas recebidas são lentos e, quando existe um interesse real nas mercadorias oferecidas, costuma-se solicitar detalhes adicionais e preços mínimos definitivos. Mas, a partir do momento em que os chineses manifestam interesse e iniciam as negociações, os trâmites são rápidos.

Em outras palavras, nem uma prolongada demora nem uma resposta negativa devem desencorajar o exportador. O importante é conquistar a atenção das Corporações e continuar o contato inicial por meio de envio periódico de material suplementar e amostras.

Por outro lado, é conveniente que os exportadores dos países de áreas que têm relações diplomáticas ou consulares com a China informem a seus representantes sobre o desenvolvimento dos negócios, pois esses delegados oficiais têm muitas oportunidades de encontrar-se com os funcionários das Corporações - tanto em Pequim quanto nas grandes feiras comerciais de Cantão - e discutir com eles os termos de uma eventual operação comercial.

Com uma superfície aproximada de 9,5 milhões de quilometros quadrados, a China ocupa o terceiro lugar em extensão no mundo. Dominado no Oeste pelos planaltos do Tibete e de Chinghai - conhecidos como o "teto do mundo" - o país prolonga-se pelo Norte até as regiões desérticas e semidesérticas de Singkian e da Mongólia interior, que, à medida em que avançam para o Nordeste, vão cedendo lugar às montanhas cobertas de bosques que vão até o Oceano Pacífico. Estas são, em poucas palavras, as barreiras naturais que hoje encerram seus grandes centros de população e civilização.

A China possui cerca de 800 milhões de habitantes, dos quais 94% pertencem ao grupo étnico chinês *han*. Os outros 6% se compõem de uma grande variedade de raças, que vivem principalmente nas regiões autônomas do Sudoeste e do Noroeste. Os principais núcleos de população e de atividade econômica são o Liaoning do Sul(na zonanorte oriental), a Grande Planície Chinesa (que se estende de Pequim a Xangai), o vale do Yang-tse-kiang (o rio Azul), a planície de Chechwan e as terras baixas do litoral sul-oriental.

Pequim, a capital, conta com mais de 6 milhões de habitantes e Xangai, com uma população superior a 10 milhões de habitantes, é a cidade mais populosa da China e do mundo e o porto mais ativo do país. Outros portos importantes são Tien-tsin, Tsing-tao e

Dairen (ao Norte); e Swatow e Cantão, ao Sul. Xangai, Pequim e Tien-tsin possuem os maiores centros industriais, assim como o Nordeste (no qual se localizam as grandes fábricas de aço e boa parte da indústria pesada) constitui a região industrial por excelência: Harbin, Shenyang e Dairen, cidades da antiga Manchúria.

Os setores industrial e agrícola se encontram no caminho da realização de notáveis progressos. Desde o princípio de 1969 a política interior tem tido como objetivo o incremento da produção, sublinhando sem descanso a necessidade de uma urgente expansão econômica, a ampliação da órbita do comércio internacional e a intensificação das relações com a maior parte dos países do mundo.

Dentro deste processo, a China levou em consideração dois aspetos diferentes: o estabelecimento de grandes complexos nas principais cidades e a ampliação do setor da pequena e média indústrias. Graças a isto, tem conseguido multiplicar, consideravelmente, as fábricas de pequenas dimensões e desenvolver mais aceleradamente as grandes empresas nacionais de siderurgia, minas, transportes, comunicações, produtos químicos, construção e petróleo.

A China produz quase todos os artigos para seu consumo e as importações limitam-se à aquisição de matérias-primas, semi-elaboradas, maquinaria e equipamentos. As principais importações continuam sendo de trigo, produtos químicos, adubos industriais, ferro, aço e outros metais. Estas compras se mantêm a um alto nível, como demonstra o fato de que a China se comprometeu a adquirir em 1970 quatro milhões e meio de toneladas de trigo, mais de sete milhões de toneladas

de adubos e mais de dois milhões de toneladas de ferro e aço. O programa de modernização da rede nacional de transportes implicou na aquisição, em grande escala, de toda espécie de veículos e, em particular, de locomotivas, navios e aviões, maquinaria e equipamento de construção. Talvez um exame de como são realizadas as operações entre a China e os principais países ocidentais ajude a compreender melhor suas necessidades neste campo.

A compra de um produto pode variar de categoria de um ano a outro, segundo as possibilidades do Estado. Em 1973 o total do comércio exterior sobrepassou 8,5 bilhões de dólares.

Cada uma das Corporações mencionadas tem em Hong-Kong um agente cuja função principal é cuidar do comércio e dos interesses chineses naquela cidade e no Sudeste asiático em geral. Estes agentes asseguram também uma excelente vinculação com os países ocidentais.

Excepcionalmente, os agentes são autorizados a adquirir certos produtos. Mas devemos sublinhar novamente que a maior parte do comércio exterior chinês é diretamente controlado pelas Corporações.

Se for impossível a uma empresa exportadora dispor de pessoal e do tempo necessários para explorar diretamente o mercado chinês, esta poderá perfeitamente fazer-se representar por Sociedades com experiência comercial naquele país e cuja sede principal esteja em Hong-Kong. Naturalmente, sempre está de pé a possibilidade, já mencionada, de se tratar por escrito, diretamente, com as Corporações.

Em suma, o desenvolvimento de qualquer negócio com a China exige tempo, paciência e persistên-

cia. Mas vale a pena, pois um mercado tão importante como este justifica qualquer esforço.

Por outro lado, como a expansão da indústria e da agricultura chinesas exigirá sempre novas importações para satisfazer a demanda adicional de múltiplos produtos - como matérias-primas, produtos semielaborados, maquinaria e equipamentos - pode-se prognosticar com absoluta certeza um crescimento acelerado das compras no exterior de máquinas de trabalho, equipamento ferroviário, aviões, navios, maquinaria têxtil, equipamentos para minas, maquinaria para a preparação de alimentos enlatados, materiais para o tratamento de metais não-ferrosos e para a produção de fibras sintéticas. Quer dizer, adiantar-se a esses pedidos pode significar grandes negócios num futuro imediato.

Enquanto não houver linhas marítimas diretas entre o Brasil e a China, podem ser utilizados os portos japoneses ou de Hong-Kong, onde os chineses, por intermédio de sua Sociedade Nacional de Fretes, se encarregam, depois, da reexpedição das mercadorias. Tais despachos são sempre garantidos pela Sociedade Popular de Seguros da China e pela Sociedade de Seguros da China. Os serviços bancários são prestados pelo Banco da China, que tem sucursais em todo o país e em cidades como Londres e Hong-Kong. Esta instituição possui informações e capacidade necessárias para ocupar-se dos negócios latino-americanos de importação e exportação.

Não devem ser incluídas listas de preços na oferta inicial, mas, sim, esperar uma resposta sobre a existência ou inexistência de demanda para os produtos oferecidos. Em caso positivo, a Corporação solicitará uma quotização - que deverá ser formulada em dólares ou em

libras esterlinas - indicando claramente os preços FAS (livre no cais, porto de embarque) e FOB (livre a bordo, porto de embarque). Não podem ser apresentadas quotizações CIF (custo, seguro e frete, porto de destino), nem C & F (custo e frete, porto de destino), a menos que sejam solicitadas pelo comprador.

O pagamento das exportações se efetua por meio da Carta de Crédito irrevogável, aberta pelos compradores, no Banco da China, em nome do vendedor. A Carta de Crédito é notificada por intermédio de um banco ocidental, pagável mediante a apresentação dos documentos correspondentes ao banco outorgante (neste caso, o Banco da China).

Ainda que, ordinariamente, não seja possível obter uma Carta de Crétido confirmada para as exportações com destino àquele país, cabe destacar que o Banco da China salda rigorosamente em dia seus compromissos normalmente à vista. A reputação do país em matéria de cumprimento de suas obrigações figura na altura das melhores do mundo. A China pretende ser, hoje, o único país livre de toda dívida externa ou interna e não é provável que solicite acordos de crédito a longo prazo.

Apesar do sistema tradicional coexistir ainda com o sistema métrico, sua utilização se restringe dia-a-dia. Praticamente só o comércio exterior emprega o sistema métrico decimal.

A moeda utilizada na China é o Renminbi, cuja tradução literária é "moeda do povo". Em inglês diz-se comumente RMB. A unidade monetária é o yuan, que equivale a aproximadamente 40 centavos de dólar. O yuan se divide em 10 jiaos e o jiao, por sua vez, em 10

fens ou centavos. Relativamente estável no curso dos últimos decênios, a moeda chinesa se emprega com freqüência cada vez maior para calcular o valor dos contratos de importação e exportação, ainda que os pagamentos se façam invariavelmente em divisas ocidentais.

O Mandarim - idioma comum na maior parte das regiões do norte, do centro e do oeste do país - é a língua nacional. O governo tende a favorecer a unidade lingüística de tal forma que o emprego do mandarim já atinge hoje as regiões do sudeste, tradicionalmente apegadas a seus diferentes dialetos. A língua escrita compõe-se de caracteres que indicam mais o sentido das palavras do que o seu som. Mas, o homem de negócios estrangeiro terá ocasião de comprovar que o idioma não constitui uma barreira: as pessoas ou órgãos encarregados do manejo dos assuntos comerciais têm a seu serviço intérpretes e tradutores seguros.

Os contratos revestem-se de grande importância, especialmentee para os países que não têm ainda acordos relativos às condições gerais do comércio. Tanto as condições de pagamento quanto os contratos estão concebidos de tal maneira que asseguram a máxima proteção possível às Corporações estatais. Em todo caso, as condições representam geralmente a prática normal dos negócios e são aceitas pela maior parte dos exportadores e importadores ocidentais. Também é possível negociar novas condições, assim como solicitar sua modificação ou anulação.

A Comissão de Arbitramento do Comércio Exterior - órgão patrocinado pelo Conselho Chinês para a Promoção do Comércio Internacional - foi criada em 1956, com a missão de organizar o sistema de arbitragem

na China. Os chineses preferem confiar a este órgão o arbitramento dos conflitos que podem se apresentar, o que não impede que, sob certas condições, aceitem que a arbitragem se efetue no país do demandado ou em um país neutro como a Suíça ou a Suécia. A Comissão de Arbitragem Marítima - fundada em janeiro de 1959 - julga os diferendos com relação a fretes e seguros marítimos.

Como regra geral, aconselha-se aos comerciantes latino-americanos, que tenham alguma reclamação contra uma determinada Corporação, que negociem diretamente com esta, ao invés de recorrer à arbitragem.

Apesar da China aceitar o registro de marcas comerciais, não reconhece proteção alguma para as patentes. Os chineses recebem qualquer modelo estrangeiro, mas tratam sempre de melhorá-lo e adaptá-lo às suas condições locais. Entretanto, isto não parece suscitar sérios problemas para os exportadores de produtos que incorporam a tecnologia moderna.

As redes telefônicas das cidades mais importantes estão providas de aparelhos automáticos. A maior parte dos escritórios governamentais, hotéis, armazéns, etc., possuem telefones, podendo se fazer chamadas interurbanas provenientes e com destino às principais capitais, e chamadas ao exterior a partir de Cantão, Xangai e Pequim.

Os exportadores que entrarem em contato com as Corporações estatais ou com seus órgãos subordinados devem cuidar para que a correspondência seja dirigida à *República Popular da China*. Se são utilizadas fórmulas diferentes - como por exemplo *China Continental* - as cartas serão devolvidas aos remetentes. Além do mais,

ao enviar cartas com destino à capital, deve-se escrever *Pekin*, ou *Peking*, pois se for empregada uma ortografia diferente - tal como *Peiping* - a correspondência não será entregue.

É possível despachar amostras com destino à China, ainda que sem prévio contato com a Corporação respectiva. Tais amostras podem ser enviadas pelos exportadores por intermédio do agente principal de exportação ao serviço das Corporações estatais: *China Resources Company, Bank of China Building, 2A des Boeux Road, Central, Hong-Kong* e *China Travel Service Ltd., 6 Queen's Road, Central, Hong-Kong.*

As amostras cujo peso não exceda de 22 libras podem ser expedidas diretamente ou pelo correio às Corporações. A linha aérea Air France - que cobre numerosos países latino-americanos - é uma experiente transportadora de mercadorias com destino à China.

É conveniente, assim mesmo, anunciar os despachos à respectiva Corporação e, quando seja o caso, à representação diplomática ou comercial do país de origem do exportador.

Como regra geral, o único documento exigido é a fatura comercial, que deve indicar o valor FOB da mercadoria. Os fretes, seguros e demais gastos devem ser indicados separadamente. Os rótulos e etiquetas não constituem problema algum e podem ser negociados dentro das cláusulas do contrato.

Tendo em conta que o comércio exterior está nas mãos do Estado, não existem problemas de licenças de importação, de controle de câmbios, de direitos e tarifas alfandegárias, sempre e quando a Corporação interessada deseja adquirir determinados produtos.

Cantão, Porta de Entrada do Mercado Chinês

O acontecimento comercial mais importante para aqueles que já realizam, ou desejam estabelecer negócios com a China, é a Feira de Cantão, (agora oficialmente conhecida como *Kwangehow*).

A feira é aberta de 15 de abril a 15 de maio, na primavera, e de 15 de outubro a 15 de novembro, no outono, anualmente, atraindo milhares de visitantes de todas as partes do mundo. Ali, é oferecida aos exportadores latino-americanos uma ocasião única e especial de contato com os representantes das Corporações estatais chinesas. Os importadores têm, igualmente, oportunidade de examinar os produtos chineses que podem ser objeto de demanda em seus respectivos países. É nestas feiras que os chineses realizam entre 30 e 50 por cento de seu comércio exterior.

Para participar das Feiras de Cantão, o comerciante deve ser convidado por qualquer uma das

sete Corporações estatais chinesas de comércio. Porém estas só enviam tais convites às empresas com as quais mantém relações e oferecem boas perspectivas de negócio.

Assim, quem tenha trocado correspondência com os chineses durante um certo período de tempo e esteja interessado em assistir à Feira, pode solicitar o convite à respectiva Corporação. Mas, como o governo de Pequim prefere comerciar com as companhias que já lhe são conhecidas, o empresário que ainda não tenha feito contatos deverá se comunicar previamente com a Corporação e, posteriormente, solicitar um convite para a Feira.

Porém, o requisito de contato prévio torna-se dispensável quando a mercadoria é de interesse primordial para a China. Neste caso, pode-se obter o convite dirigindo-se por carta à Feira de Artigos de Exportação, - *Chinese Export Commodities Fair - , Pearl River Square, Kòuang-Tcheon, China.*

Em Cantão, o alojamento é feito normalmente no Hotel Tung Fang, que hospeda homens de negócios provenientes do mundo inteiro. Depois do café-da-manhã, os visitantes dirigem-se em ônibus (gratuito) ou em táxi para as instalações da Feira. Ali entram em contato com a Corporação própria: o fabricante de produtos químicos e farmacêuticos, por exemplo, deverá dirigir-se ao edifício da Corporação estatal encarregada dos produtos químicos.

Um representante chinês receberá seu cartão de visita, e se informará sobre os artigos que produz - tanto para exportação quanto para importação. Feito isso, marcará uma entrevista com o chefe da Corporação. A maior parte dos comerciantes tem que permanecer no mínimo três ou quatro dias em Cantão para fechar qualquer negócio, devendo reservar outros dois dias complementares para as viagens entre Hong-Kong a Cantão.

As Corporações são representadas por funcionários das oficinas regionais. Ocasionalmente, participam das entrevistas outros chefes de Corporações ou da Feira. A presença permanente de intérpretes facilita os entendimentos. É conveniente que o interessado prepare as entrevistas do melhor modo possível, levando inclusive cópia da correspondência trocada com as entidades chinesas. Há uma grande concorrência entre os vários exportadores - particularmente nos setores de química, metalurgia e maquinaria - o que exige grande habilidade para obter o fechamento dos contratos.

Com suas ruas cheias de árvores, e seus numerosos e explêndidos parques, Cantão é uma cidade encantadora. Seu ritmo de vida, completamente diferente de uma cidade ocidental, permite aos visitantes desfrutarem uma experiência única. Cantão também é famosa por sua boa cozinha: numerosos restaurantes servem os deliciosos pratos que lhe têm dado renome. E, em certas ocasiões, tanto a Ópera Nacional quanto os diversos grupos de teatro oferecem espetáculos durante a Feira. Nos fins de semana, os estrangeiros visitam as comunidades e fábricas vizinhas.

A Feira de Cantão adquire a cada dia maior importância entre as Feiras Comerciais Internacionais, atraindo anualmente milhares de comerciantes estrangeiros, entre os quais figuram representantes de algumas das principais companhias de mais de 130 países. Os moradores dos países que mantém relações comerciais com a China devem colocar-se previamente em contato com os

representantes de seus respectivos governos, indicando-lhes o nome da Corporação com a qual estão em contato, assim como o objetivo da visita. Será igualmente útil enviar-lhes exemplares de folhetos descritivos e material publicitário.

Para se entrar na China é necessário possuir, além de um convite para a Feira, o passaporte e o visto. As condições de expedição deste último são determinadas pelos representantes diplomáticos chineses na América Latina, ou na Europa. Na entrada, os visitantes devem declarar todas as divisas, os cheques de viagem e as jóias que estiverem em seu poder. O valor das divisas deve figurar numa declaração escrita e todas as conversões em moeda local terão de ser anotadas num formulário do Banco da China. À saída do país, os viajantes devem levar consigo o dinheiro chinês que ainda restou em seu poder, assim como os formulários da declaração de câmbio. Com base nisto, lhes será devolvido em divisas estrangeiras o equivalente ao valor da moeda nacional. Em qualquer caso é proíbido sair do país com a moeda nacional chinesa: o *yuan*. É necessário também apresentar certificados de vacinas contra varíola, cólera e febre amarela.

A primavera e o outono são as estações mais agradáveis. O verão é excessivamente quente no Sul, e no Norte há frequentes tempestades de poeira. Por outro lado, o inverno da região Setentrional é muito rigoroso. A rota escolhida mais frequentemente para viajar à China passa por Hong-Kong, e de lá toma-se um trem rumo a Cantão. Linhas aéreas e ferroviárias ligam este centro a Pequim, a Xangai e a outras grandes cidades do país. Aliás a Air France já dispõe de uma linha direta entre Paris e Pequim. Na primavera e no outono o clima é geralmente temperado. Em tais condições, é mais prudente levar roupas leves. Já os que visitam Xangai, Pequim ou o Norte, a partir de dezembro, devem levar roupas de inverno. Cada visitante pode entrar livremente no país com 300 cigarros e duas garrafas de licor.

As reservas em hotéis e viagens no país são efetuados por intermédio do Serviço de Viagens da China (*China Travel Service*), em Hong-Kong. Os estrangeiros se alojam nos seguintes hotéis: *Hsin Chiao, Peking, Nationality* ou *Chian Men*, em Pequim. E no *Tung Fang* e *Kwangchow*, em Cantão. A quase totalidade das cidades restantes do país dispõe de um só hotel - exceto Xangai - reservado aos estrangeiros. O preço varia entre 6 e 12 dólares a diária. Além dos restaurantes e dos hotéis que servem pratos internacionais e chineses, há restaurantes de alta qualidade nas principais capitais, alguns deles célebres de longa data por sua excelente cozinha. Os mais conhecidos em Pequim são: *Szechuan, Ceng Tsu Uan, Peking Duck* o célebre Pato Laqueado - e *Mongolian*. Em Cantão funcionam cerca de seis magníficos restaurantes, podendo-se mencionar o *North Garden,* o *South Garden*, o *Panchee* e o *Floating Restaurant*.

As cidades chinesas mais frequentadas pelos estrangeiros, depois de Cantão, são Xangai, Pequim e Tientsin. Há um serviço aéreo regular entre elas. Os trens também são muito confortáveis e funcionam perfeitamente, apesar das grandes distâncias. A viagem de Cantão a Xangai dura 24 horas, e a Pequim, 30 horas. As gorjetas são proibidas em todo o país. Mas é de muito bom gosto agradecer pessoalmente e com palavras elogiosas ao pessoal do hotel e aos demais empregados do setor de serviços. A troca de cartões de visita é uma prática corrente. E um detalhe cortês é mandar imprimir no

verso, com caracteres chineses, nome e endereço, o que se consegue facilmente em Hong-Kong.

O homem de negócios pode esperar uma recepção cordial por parte da Corporação que organiza sua estada, e esta hospitalidade se traduz sempre em vários convites para jantar, num ambiente formal e agradável. É proibida a exportação de artigos ou objetos de arte com mais de 150 anos. Nas principais cidades encontram-se lojas de antiguidades, mas os objetos exportáveis são vendidos com um selo de lacre, que deve permanecer intato desde o momento da inspeção alfandegária até a saída do país. É conveniente guardar também a respectiva nota fiscal. As referidas lojas estão autorizadas a despachar as antiguidades compradas ao domicílio do interessado, em qualquer parte do mundo.

Tendo em vista todos esses fatos, uma viagem de negócios à China não raro se torna, também, uma excursão turística e de lazer do mais alto nível e interesse para os empresários de qualquer país.

As Sete Corporações Comerciais Chinesas

São as seguintes as Sete Corporações Estatais de Comércio:

Corporação Nacional Chinesa de Importação e Exportação de Cereais, Azeites e Produtos Alimentícios (China National Cereals, Oils and Foodstuffs, Import and Export Corporation), 82 Tung An Men Street, Peking. Telegramas: *Ceroilfood Peking.*

Compra: cereais, azeites e óleos comestíveis vegetais e animais; azeites e matérias oleaginosas industriais vegetais e animais; sementes para oleaginosas; sementes em geral; alimentos para o gado; sal; gado e aves; carne e produtos derivados; frutas frescas e produtos frutíferos; produtos aquáticos e marinhos; conservas de classes distintas; açúcar e guloseimas; vinhos, licores e álcoois de diferentes tipos; produtos lácteos, legumes e condimentos; pastas de farinha; cereais preparados; nozes e frutas secas.

Corporação Nacional Chinesa de Importação e Exportação de Produtos Próprios do País e Derivados Animais (China National Native Produce and Animal By-Products.

Import and Export Corporation), 82 Tung An Men Street, Peking. Telegramas: *Chinatuhsu Peking.*

Compra: café, cacau, tabaco, fibras cruas, resinas, alimentos para o gado, madeiras para construção, produtos florestais, especiais, azeites essenciais, medicamentos patenteados e ervas medicinais, sedas animais, crinas, plumas decorativas, pelo de coelho, lãs, cachemiras, pelo de camelo, forros, peles, couros, edredões e outros artigos de pele, almofadas e animais vivos.

Corporação Nacional Chinesa de Importação e Exportação de Produtos da Indústria Ligeira (China National Light Industrial Products, Import and Export Corporation), 82 Tung An Men Street, Peking. Telegramas: *Industry Peking.*

Compra: mercadorias em geral, papel e artigos de papelaria, instrumentos musicais, artigos esportivos, jogos, materiais de construção, aparelhos elétricos, redes para pescar, redes de fio, calçados de couro, produtos de couro, louça e porcelana, cabelos naturais, pedras preciosas, pérolas e jóias, marfim e jade talhado, laca, móveis, artesanato artístico e outros artesanatos para uso corrente.

Corporação Nacional Chinesa de Importação e Exportação de Texteis (China National Textils Import and Export Corporation), 82 Tung An Men Street, Peking. Telegramas: *Chinatex Peking.*

Compra: algodão, fios de algodão, seda em rama, lãs, fibras de rayon, fiados, fibras sintéticas e artifíciais, artigos de algodão e de lã, telas, trajes e acessórios, suéteres, artigos fabricados em algodão e lã, artigos de seda, estampados.

Corporação Nacional Chinesa de Importação e Exportação de Produtos Químicos (China National Chemicals Import and Export Corporation), Erh Li Kou, Hsi Chiao, Peking. Telegramas: *Sinocheb Peking.*

Compra: caucho, plantas e outros produtos do caucho, petróleo e seus derivados, fertilizantes químicos, inseticidas e formicidas, produtos farmacéuticos, aparelhos médicos, matérias-primas químicas, colorantes e tinturas.

Corporação Nacional Chinesa de Importação e Exportação de Maquinaria (China National Machinery Import and Export Corporation), Ehr Li kou, Hsi Chiao, Peking. Telegramas: *Machimpex Peking.*

Compra: máquinas de trabalho, prensas, martelos, tesouras, forjas, motores diesel, motores de gasolina, turbinas de vapor, aquecedores, máquinas para exploração mineral, máquinas para metalurgia, compressores e bombas, elevadores, material de transporte (veículos de motor), peças para veículos, maquinaria e equipamentos agrícolas, guindastes, navios, máquinas de imprensa, máquinas texteis, máquinas para a construção civil, máquinas para a indústria ligeira em geral, chumaceiras, maquinarias e equipamentos elétricos, instrumentos científicos, instalações industriais completas, *know-how.*

Corporação Nacional Chinesa de Importação e Exportação de Metais e Minerais (China National Metals and Minerals and Export Corporation), Ehr Li Kou, Hsi Chiao, Peking. Telegramas: *Minmetals Peking.*

Compra: lâminas de aço, placas e tubulações, partes de aço, aço especial, material para estrada de ferro, produtos metálicos, ferro em lingotes, ligações ferrosas, metais não ferrosos, metais preciosos, mineral não metálico e seus produtos, carvão, cimento e objetos de ferro.

Outros Organismos Comerciais

— Banco da China, Sede social, 34 Fan Ti Road, Peking, China. Telegramas: Chungkuo.

— Sociedade Popular de Seguros da China. Sede social, 34 Fan Ti Road, Peking, China. Telegramas: 42001.

— Sociedade Nacional de Fretes da China. Sede social: Ehr Li Kou, Hsi Chiao, Peking, China. Telegramas: *Zhongzu Peking.*

Agências das Corporações Estatais de Comércio

— China Resources Company, Bank of China Building, Hong Kong. Telegramas: *Cireco Hong-Kong.* Negocia com produtos texteis, produtos químicos, maquinaria, metais e minerais.

Teck Soon Hong Limited, 37-39 Quest, Connaught Road, Hong-Kong. Telegramas: *Stillon Hong-Kong.* Negocia com artigos diversos e produtos derivados de animais.

— Ng Fung Hong Company, 37-39 Quest, Connaught Road, Hong-Kong. Telegramas: *Ngfung Hong-Kong.* Negocia com cereais, azeites e artigos alimentícios.

— Hua Yuan Company, 37-39 Quest, Connaught Road, Hong-Kong. Telegramas: *Gycomp Hong-Kong.* Negocia produtos da indústria ligeira.

Agência de viagens

— China Travel Service (H.K.) Ltd., Yu To Sang Building, Queens Road, Central, Hong-Kong, BCC.

Os Documentos Históricos

Durante a visita da Missão Comercial e Diplomática Chinesa ao Brasil, que culminou com o estabelecimento de relações diplomáticas entre os dois países, foram trocados numerosos discursos, notas e protocolos. Por sua importância histórica, reproduzimos aqui os quatro mais importantes: o Comunicado Conjunto sobre o estabelecimento de relações diplomáticas, o discurso do Chanceler brasileiro Azeredo da Silveira, o discurso do Vice-Ministro do Comércio Exterior da China, Chen Chieh, e a Ata Final dos entendimentos mantidos por ocasião da visita ao Brasil da Missão Comercial da República Popular da China.

1

Comunicado Conjunto Sobre o Estabelecimento das Relações Diplomáticas Entre a República Federativa do Brasil e a República Popular da China.

O Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Popular da China, em conformidade com os interesses e os desejos dos dois povos, decidem estabelecer relações diplomáticas em nível de Embaixadas, a partir desta data.

O Governo da República Federativa do Brasil reconhece que o Governo da República Popular da China é o único Governo legal da China. O Governo chinês reafirma que Taiwan é parte inalienável do território da República Popular da China. O Governo brasileiro toma nota dessa posição do Governo chinês.

Os dois Governos concordam em desenvolver as relações amistosas entre os dois países com base nos princípios de respeito recíproco à soberania e à integridade territorial, não-agressão, não-intervenção nos assuntos internos de um dos países por parte do outro, igualdade e vantagens mútuas e coexistência pacífica.

O Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Popular da China concordam em trocar Embaixadores dentro do mais breve prazo possível e emprestar um ao outro toda a assistência necessária para a instalação e funcionamento das Embaixadas em suas respectivas capitais.

Brasília, em 15 de agosto de 1974

Antonio F. Azeredo da Silveira
Ministro das Relações
Exteriores da República
Federativa do Brasil.

Chen-Chieh,
Vice-Ministro do Comércio
Exterior da República
Popular da China.

2

Discurso do Ministro Azeredo da Silveira

Senhor Vice Ministro Chen Chieh, Senhores Membros da Missão Comercial do Governo da República Popular da China, Senhores Ministros de Estado, Meus Senhores.

Pelo ato que acabamos de concluir, o Governo do Brasil e o Governo da República Popular da China se reconhecem mutuamente e decidem estabelecer relações diplomáticas em nível de Embaixadas.

Este é um marco importante na história das relações entre os nossos povos. Como Vossa Excelência observava, há poucos dias, são tradicionais os laços de amizade entre eles. Os brasileiros que nos anos recentes visitaram a República Popular da China trouxeram todos boas lembranças da calorosa acolhida ali recebida. E os Senhores terão experimentado, diretamente, nos lugares por onde passaram nestes últimos dias, que tal sentimento é recíproco de nossa parte com relação ao povo

chinês.

Deve ser, pois, motivo de satisfação para nossos Governos podermos formalizar, neste ato, as relações no plano oficial. Estamos certos de que elas refletirão apropriadamente o clima de simpatia e de respeito mútuo que caracteriza a apreciação recíproca que têm, um do outro, os nossos povos.

Nossos Governos têm enfoques distintos para a condução dos seus respectivos destinos nacionais. Ambos consideramos, no entanto, que é um direito inalienável de cada povo o de escolher o seu próprio destino. O que é fundamental, sim, é que nas suas relações internacionais os Governos estejam dispostos a, efetivamente, respeitar esse direito. O Brasil e a República Popular da China convergem nesse propósito. Fundamos nosso relacionamento nos princípios de respeito mútuo à soberania e de não intervenção nos assuntos internos do outro país. Estes são os alicerces da nossa amizade. O Comunicado Conjunto que acabamos de assinar, onde estes e outros princípios estão inscritos, não é apenas uma declaração de intenção mas o retrato da convicção que nos anima a ambos sobre estas questões. Fiéis a esse espírito é que reconhecemos no Governo da República Popular da China a legitimidade da representação de toda a China. Ao povo chinês, em sua totalidade, desejamos paz e prosperidade.

Senhor Ministro, a Missão que trouxe Vossa Excelência ao Brasil tem também o propósito de lançar as bases para o nosso intercâmbio comercial. Não é mera coincidência que assim seja. Constitui o comércio importante veículo para o entendimento entre as nações. Estamos certo de que esse será, também, o caso entre as nossas.

Vossa Excelência estará regressando a Pequim amanhã. Peço, Senhor Ministro, que leve aos líderes do Governo chinês, ao Presidente-interino da República Popular da China, Senhor Tung Pi-wu, ao Primeiro Ministro, Senhor Chou En-lai, e ao Ministro de Negócios Estrangeiros, Senhor Chi Peng-fei, os votos que faz o Governo do Brasil pelo desenvolvimento harmonioso das nossas relações oficiais, pelos êxitos do Governo chinês nos seus esforços em prol do bem estar do povo chinês e pela crescente cooperação entre nossos dois povos em benefício da paz mundial.

3

Discurso do Vice-Ministro Chen-Chieh

Prezado Senhor Ministro Azeredo da Silveira, Prezados Senhores Ministros de Estado, Camaradas.

Antes de tudo, quero agradecer ao Senhor Ministro pelas suas palavras calorosas.

Hoje à noite, nós assinamos o Comunicado Conjunto que constitui um grande acontecimento nas relações entre os dois países e na vida política dos dois povos e abriu uma página importante na história das relações dos dois países. O estabelecimento das relações diplomáticas corresponde totalmente às aspirações comuns do povo chinês e do povo brasileiro e conforma-se com os interesses comuns dos dois povos. Tudo isso nos alegra muito.

Após a fundação da República Popular da

China, sobretudo nos últimos anos, à luz da linha exterior revolucionária do Presidente Mao Tsé-Tung, as relações exteriores da RPC experimentaram um desenvolvimento relativamente rápido. O Governo da RPC é o único Governo legal que representa todo o povo da China. A Província de Taiwan é parte inalienável do território da República Popular da China. E esta posição nossa tem obtido a aceitação e o reconhecimento de um número crescente de países no mundo inteiro. Até agora há no total noventa e sete países que já estabeleceram relações diplomáticas com a China, e mais de cento e cinquenta países e regiões que mantêm conosco intercâmbio comercial. Temos amigos então por toda parte.

A convite do Governo brasileiro, a delegação comercial da RPC efetuou uma visita amistosa ao Brasil.

Por meio de contatos e conversações amistosas e francas aumenta-se ainda mais a compreensão mútua. Vimos com satisfação que temos pontos comuns em vários aspetos. A China e o Brasil, como países em vias de desenvolvimento, defrontam-se com a mesma tarefa de salvaguardar a independência e a soberania nacionais, desenvolver a economia nacional e lutar contra o hegemonismo e a política de força das superpotências.

Nós, os países em desenvolvimento, temos mil e uma razões para nos unirmos ainda mais estreitamente e nenhuma razão para nos afastarmos uns dos outros.

O estabelecimento das relações diplomáticas torna mais ampla a perspectiva de colaboração e intercâmbio entre os dois países. Estamos seguros de que

com os esforços comuns das duas partes as relações amistosas e de intercâmbio comercial entre os dois países poderão consolidar-se e desenvolver-se de modo gradual.

Para terminar, permito-me expressar nossos melhores votos ao Presidente da República Federativa do Brasil, Sua Excelência o General Ernesto Geisel, ao Senhor Ministro Azeredo da Silveira e aos demais Senhores Ministros de Estado, pelo desenvolvimento do Brasil e pela felicidade e prosperidade do Povo Brasileiro.

4

Ata Final dos Entendimentos Mantidos por Ocasião da Visita ao Brasil da Missão Comercial da República Popular da China.

A convite do Governo brasileiro, a Missão Comercial da República Popular da China, chefiada por Sua Excelência o Senhor Chen-Chieh, Vice-Ministro do Comércio Exterior, visitou o Brasil de 7 a 16 de agosto de 1974.

Durante sua estada, a Missão chinesa visitou vários centros econômicos no Brasil e manteve contatos com autoridades do Governo brasileiro, bem como com representantes de empresas do setor comercial e industrial.

No decorrer das conversações havidas entre a Missão chinesa e as autoridades brasileiras, foram examinados assuntos relativos à normalização das relações comerciais. Considerou-se que o estabelecimento

das relações diplomáticas entre os dois países vem abrir novas e amplas perspectivas de intercâmbio entre o Brasil e a República Popular da China ao permitir, com base em acordos e contratos específicos, desenvolver o relacionamento econômico direto entre os dois países.

Para promover em termos de igualdade de tratamento o comércio entre os dois países e assegurar o máximo de vantagens recíprocas, os dois Governos concordam em subscrever um acordo de comércio e um acordo de transporte marítimo, ambos governamentais, cujas cláusulas serão objeto de negociação em oportunidade a ser decidida mediante consulta entre os dois Governos. Na negociação do acordo de comércio, será também considerada a possibilidade de criação de Comissão Mista comercial, de caráter governamental, para discutir periodicamente, em Pequim e em Brasília, aspetos relacionados com o intercâmbio, bem como a realização de feiras comerciais em ambos os países. Concordaram, igualmente, em adotar as medidas necessárias à normalização do tráfego postal entre os dois países.

A despeito do caráter preliminar das conversações, já foi possível chegar a entendimentos promissores para a comercialização de determinados itens. As conversações permitiram identificar produtos cujo intercâmbio poderá assegurar, nos dois lados, fluxo de comércio contínuo e progressivo. Foi objeto de análise especial a celebração de contratos plurianuais para garantia de fornecimento e mercado e foram estudadas as potencialidades presentes e futuras do intercâmbio de outros produtos. A parte chinesa espera que o Brasil forneça soja, sisal, algodão, minério de ferro, ferro-gusa, celulose e outros; a parte brasileira espera que a República Popular da China

forneça minerais não ferrosos, arame farpado, produtos do artesanato, petróleo, carvão mineral e outros. As duas partes concordaram na celebração, no mais breve prazo possível, de um contrato plurianual, com duração de três a cinco anos, para o fornecimento anual de até 200.000 toneladas de açúcar brasileiro à República Popular da China.

As partes concordaram em estabelecer contatos operacionais entre o Banco da China e o Banco do Brasil.

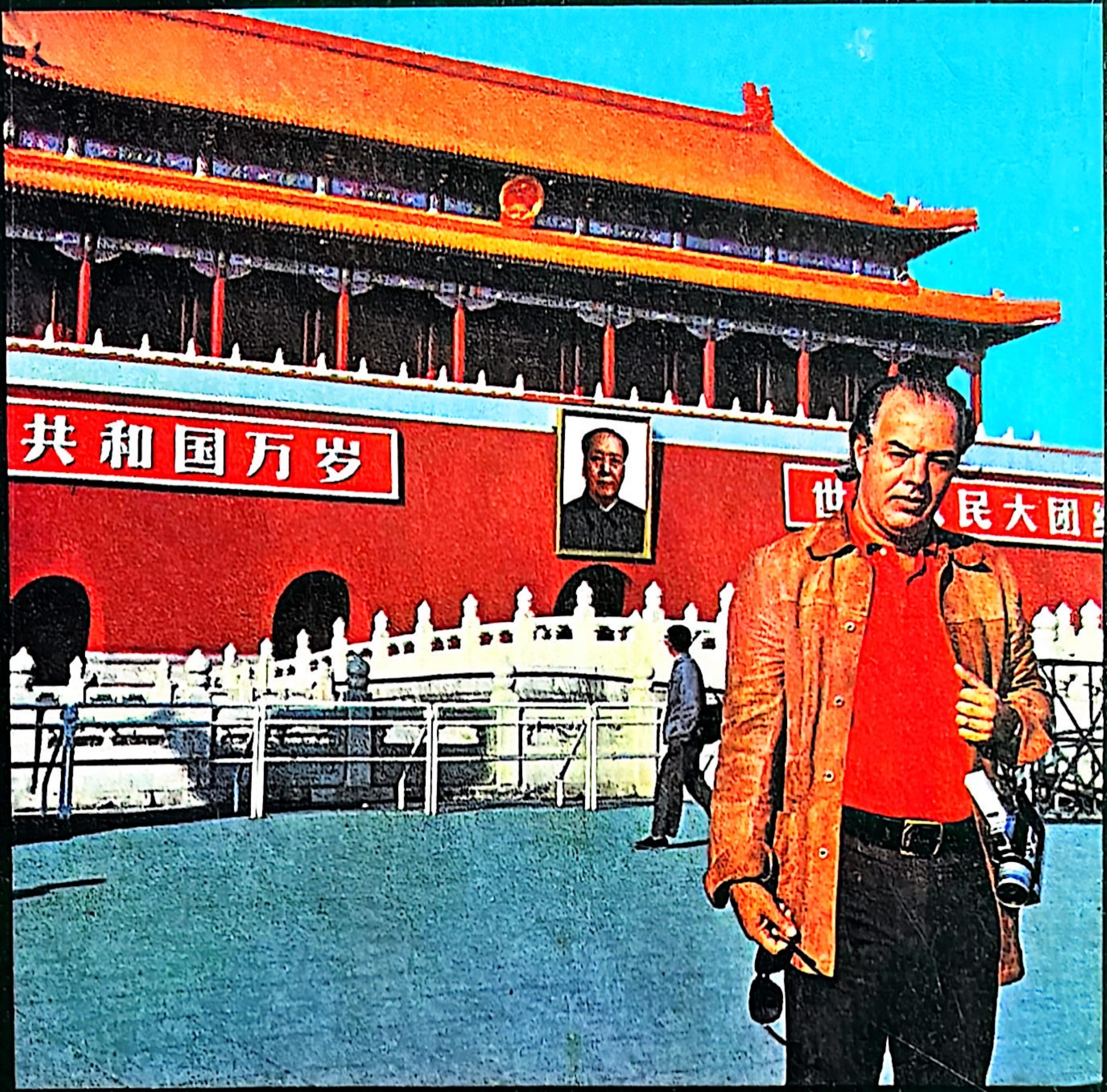
A Missão chinesa agradece sinceramente ao Governo e ao povo brasileiro a atenção hospitaleira e amistosa durante sua estada no Brasil.

Brasília, em 16 de agosto de 1974

Composto em **PHOTON** por:
INDÚSTRIAS GRÁFICAS CENTROGRAF LTDA.
Rua Alencar Lima, 35 - Sala 903 - Tel.: 42-2787 — Petrópolis - RJ

Impresso por:

SEDEGRA S/A Gráficos e Editores
Rua Matipó, 101 a 115 - Rio - GB



O T A M (Portão da Paz Celestial) é a entrada para a Cidade Proibida de Pequim.

FLÁVIO COSTA foi à China acompanhando a primeira Missão Comercial Brasileira, chefiada pelo industrial Giulite Coutinho, que se torna agora histórica, com o reatamento de relações diplomáticas entre o Brasil e aquele país. Durante várias semanas, percorreu as regiões e cidades mais importantes da China, recolhendo precioso material informativo sobre a vida chinesa de hoje, em numerosas entrevistas com membros do governo, personalidades e gente do povo. Jornalista há 15 anos, Flávio Costa é baiano de Salvador, mas reside no Rio desde 1963. Nos anos 70 e 71, trabalhou como correspondente na Sucursal de Paris da revista *Manchete*, da qual é atualmente o Chefe de Reportagem.